


Coleção
Documentos
81

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

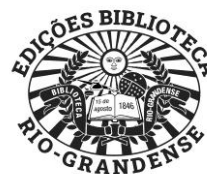
O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA



- 81 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2023

Ficha Técnica

Título: O quarto centenário do descobrimento do Brasil na imprensa brasileira e portuguesa

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 81

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: SEMANA ESPORTIVA. Rio de Janeiro, 5 maio 1900. A. 11. N. 384. p. 1. e ALGAZARRA. Porto, 5 maio 1900. A. 1. N. 51. p. 4-5.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Outubro de 2023

ISBN – 978-65-89557-60-9

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Após uma crescente tendência de desagregação entre Brasil e Portugal desde a instauração da forma de governo republicana, a qual culminou inclusive com o rompimento diplomático, inaugurou-se uma nova disposição, com um constante distensionar entre os dois países, em um processo que teria como culminância as comemorações do quarto centenário da descoberta do Brasil. A data do descobrimento fora incorporada ao calendário brasileiro como mais uma das datas nacionais, observada sob um olhar cívico, calcado em princípios nacionalistas e patrióticos. A concepção de tais datas históricas e o seu significado para a sociedade estão vinculados aos suportes da memória, de modo que a reflexão sobre elas e o seu papel na constituição de um tempo histórico ficam demarcadas a partir da criação de identidades para com a vida das pessoas em uma sociedade caracterizada por delimitações de tempo, medido por números que identificam anos, meses, dias e séculos¹. Ainda que à época do descobrimento o Brasil constituísse uma unidade geográfica, mais do que uma realidade histórica ou política², a data da inclusão da colônia sul-americana no império colonial luso viria a ser alocada como uma das datas cívicas brasileiras.

Durante largo período de tempo, o descobrimento do Brasil foi comemorado a 3 de maio, ao invés do dia 22 de abril, o qual viria a contar com a

¹ BITTENCOURT, Circe. Introdução. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 11.

² PUNTONI, Pedro. 22 de abril de 1500: "descobrimento do Brasil". In: BITTENCOURT, Circe. Introdução. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 112.

comprovação historiográfica. A chegada do quarto centenário da chegada dos portugueses à costa brasileira surgiria como oportunidade para demarcar uma leva de festividades dos dois lados do oceano, que referendaram a propalada relevância do 3 de Maio. Em 1900, tal data já havia muito tempo era, pelos que estudam estes assuntos, desde épocas remotas, geralmente aceita como assinalando o dia em que Pedro Álvares Cabral aportou ao Brasil. O fato de ser muito remota e geral a crença de que o Brasil fora descoberto a 3 de maio teria resultado não só do exame direto de historiadores e cronistas antigos, mas também de irrecusáveis testemunhos contemporâneos ao quarto centenário do descobrimento. Ficaria assim bem evidenciado que a atribuição da data de 3 de maio ao descobrimento do Brasil tornou-se um fato muito aceito, mesmo oficialmente, quer em Portugal, quer no Brasil, desde os tempos mais remotos até a virada do século XIX ao XX. No entanto, era sabido que, mau grado a persistência de semelhante tradição, o Brasil foi realmente descoberto a 22 de abril de 1500, e não a 3 de maio. Surgia então a necessidade de identificar os motivos da opinião geral voltar-se para o 3 de maio como a data do celebrado acontecimento, bem como explicar tal conflito cronológico³.

Assim apesar da convicção de que o Brasil fora descoberto a 22 de abril, o governo republicano insistiu no 3 de maio, como comemorativo desse grande acontecimento, mantendo-se a discrepância cronológica⁴, a qual se originou a

³ LEMOS, Miguel. *O dia 3 de maio como data do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1900. p. 3-6.

⁴ GOÉS, Carlos. *Datas nacionais*. Belo Horizonte: Oficinas Tipográficas de Oliveira, Costa & Cia., 1926. p. 41.

partir da reforma gregoriana promovida no calendário⁵. A própria república mantivera o 3 de Maio como o dia consagrado à comemoração da descoberta do Brasil, sendo o mesmo inclusive considerado como de festa nacional. A substituição do calendário juliano pelo gregoriano trouxera consigo uma discrepância, corrigida ao final do século XVI, entretanto alguns historiadores e cronistas promoveram uma obediência extrema à errata pontifícia, fazendo-a retroagir inclusive aos tempos anteriores à própria reforma, retificando a época dos fatos ocorridos sob o regime do calendário juliano para a data correspondente no gregoriano. Isso faria com que o dia 22 de abril de 1500, que demarcava a chegada da expedição de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, viesse a erroneamente corresponder ao 3 de maio⁶.

Desse modo, a reforma gregoriana trouxe consigo uma diferença de datas, observada em alguns documentos relativos a fatos anteriores à sua efetivação. Nesse sentido, a partir do calendário juliano, o descobrimento dera-se a 22 de abril, passando, com a correção gregoriana, para 3 de maio, embora ficasse demarcada a possibilidade da discrepância de um dia no seio de tal raciocínio, restando, entretanto a certeza de que a descoberta do Brasil foi, incontestavelmente, a 22 de abril de 1500. Ainda assim, a aceitação geral e

⁵ DONATO, Hernâni. *Brasil 5 séculos*. São Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, 2000. p. 39-40. Sobre o tema, ver também: MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. *Observação cronológica acerca do dia em que foi descoberto o Brasil*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1849. p. 162-164.; e BIBLIOTECA DO POVO E DAS ESCOLAS. *O Descobrimento do Brasil*. Lisboa: Seção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1900. p. 6.

⁶ OCTAVIO, Rodrigo. *Festas nacionais*. Rio de Janeiro: Livraria Internacional, 1893. p. 22 e 31-33.

constante do dia 3 de maio como aniversário do descobrimento, deve ser de preferência atribuída a uma legenda criada e mantida espontaneamente pelo concurso das circunstâncias sociológicas, de modo que a manutenção desta data tradicional para a descoberta do Brasil levou em conta a perspectiva pela qual a exatidão cronológica não podia prevalecer contra as “vantagens morais e sociais” que resultaram, para a eficácia da comemoração correspondente. A partir daí, a continuidade do ato de congregar civicamente no mesmo dia em que o costumavam fazer todos os antepassados, não deveria sofrer restrições, pois o contrário seria romper com aquilo que era considerado como uma “preciosa comunhão” com o conjunto das gerações transatas, justamente em uma ocasião em que mais preciso se tornava assegurar por todos os modos essa continuidade “moral e social”, satisfazendo assim às condições essenciais de todo “culto público” bem instituído⁷. Nesse contexto, os atos celebrativos do quarto centenário do descobrimento concentraram-se em torno do 3 de maio de 1900 e a imprensa brasileira e a portuguesa não só repercutiram tais ações, como agiram intensamente na sua difusão e intensificação.

⁷ LEMOS. 1900. p. 6-7, 10 e 12-14.

ÍNDICE

Quatro séculos de descobrimento na imprensa brasileira: breve abordagem / 15

O quarto centenário do descobrimento do Brasil nas páginas do periodismo português / 61

QUATRO SÉCULOS DE
DESCOBRIMENTO NA IMPRENSA
BRASILEIRA: BREVE ABORDAGEM

Em 1900 o Brasil passava por um processo de reconstrução econômica, calcada em uma política de contenção de despesas, visando a sanear os efeitos oriundos dos desmandos financeiros desencadeados pelas práticas governamentais desde o advento da república, que acarretaram profunda crise demarcada por especulação e corrupção. Houve então um corte radical de gastos públicos, trazendo consigo inclusive a interrupção ou abandono de obras e de ações oriundas do governo. Além disso, o quadro de obstáculos se agravara a partir da eclosão de focos revolucionários, por discordâncias quanto às atitudes governativas, mormente as vinculadas ao autoritarismo. Desse modo, a jovem república se viu mergulhada na guerra civil, a qual acarretou profundos custos destinados ao aparelhamento bélico. Nesse âmbito de enormes dificuldades, as comemorações do descobrimento do Brasil viriam a surgir como uma espécie de lenitivo para amenizar as agruras originadas do cortes de gastos públicos e a consequente impopularidade voltada aos donos do poder.

Ficou então estabelecido uma estratégia concernente às comemorações da data em pauta, a qual se manteve fiel à tradição, deixando de lado os registros históricos, ao optar pelo 3 de Maio, o qual serviria de epicentro para a realização das festividades que se espalharam pelo país. Em tal conjuntura, a imprensa escrita, que era o mais importante meio de comunicação, constituindo os jornais um veículo fundamental na difusão de ideias, hábitos, costumes e padrões de consumo e de conduta, encampou o projeto de celebrações marcadas para o 3 de maio de 1900, apoiando-o e divulgando-o em larga escala. Desse modo, de norte a sul do Brasil, os diversos representantes das atividades

jornalísticas se envolveram diretamente na celebração, noticiando as festividades, publicando editoriais e reunindo colaborações para edições especiais alusivas ao quarto centenário⁸. Em tais enfoques prevaleceu uma perspectiva de enaltecimento cívico-patriótico e de engrandecimento da nação, bem de acordo com a proposta de recuperação do moral nacional.

Representante nortista, o *Comércio do Amazonas* explanava que a comemoração do “alto fato do descobrimento do Brasil” não poderia “deixar de proclamar a admiração” e “a simpatia pela pátria que numa faixa estreita de terra” tivesse “para as nossas bandas posto os olhos”, vindo a atirar, “com ardente paixão para as trevas do mar desconhecido seus audazes e gloriosos filhos”⁹. Da mesma região, editado na localidade paraense de Muaná, *O Agrônomo* dirigia-se aos seus “dignos compatriotas” para fazer referência à “história deste portentoso fato que tornou conhecido no orbe inteiro o nome do Brasil”, de maneira que, “em regozijo à sua aureolada data, incitadora ardente de patriotismo”, registrava-a nas suas “colunas de honra, como um preito sincero de justiça” ao descobridor, que teria dado aos brasileiros “uma majestosa pátria”. Desde então, viriam a “ser conhecidos povos fortes e vigorosos, que não trepidam em procurar o caminho da evolução e do progresso”. De acordo com a

⁸ Os periódicos abordados neste trabalho foram consultados a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A respeito da imprensa brasileira naquela virada do século XIX ao XX, observar: MATTOS, José Veríssimo de. A imprensa. In: ASSOCIAÇÃO DO QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL. *Livro do centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v. 1. p. 31-71.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

⁹ COMÉRCIO DO AMAZONAS. Manaus, 3 maio 1900. A. 32. N. 186. p. 1.

folha vinculada às lides agrícolas, “à simplicidade e modéstia do brasileiro está intimamente ligado o ardente amor pela pátria, nunca se furtando a dar o seu esforço pelo desenvolvimento dela”, bem “como a sacrificar a vida contra seus inimigos”¹⁰.

¹⁰ O AGRÔNOMO. Muaná, 3 maio 1900. A. 2. N. 64. p. 1.

Também paraense, *A República* exalta a personalidade de Pedro Álvares Cabral, definindo-o como um “messias prometido”, que enfrentara “a vastidão intermínua do oceano”, constituindo um “morto imortal, que tudo vencera, de modo que a sua “glória refulge nos anais da História, como a gema em límpidos cresóis”, devendo ser “bendita” a “memória” do “lúcido Cabral”¹¹. Do mesmo Estado, publicado na capital, *O Tupi* considerava que a data em pauta teria ocorrido o encontro entre o “glorioso descobridor das terras brasílicas”, com os heroicos guerreiros tupiniquins”, os quais, como “destemidos e únicos dominadores do torrão natal, viram pela primeira vez seu solo invadido pelo conquistador intemerato” e, mesmo sem “nunca terem conhecido soberano, acolheram cordialmente a esse ousado estrangeiro” vindo a “submeter-se à sua proteção e os consideraram como bem-vindo ao país dos guaranis”. Segundo o periódico, os índios, “estupefatos pelo desfraldar do pavilhão português, curvaram-se ante ele e saudando-o bendiziam ao desconhecido viajante”, de modo que “a notícia da chegada do intemerato navegador” teria corrido entre os nativos, em um quadro pelo qual, “decorridos muitos anos, lendas se contavam sobre tão inesperado acontecimento”. A partir do descobrimento teria se aberto “um novo horizonte para a grande pátria brasileira, berço de tantos heróis, onde vemos tremular o auriverde pendão da liberdade, saudado pelas duas nações irmãs – Brasil e Portugal”¹².

¹¹ REPÚBLICA. Belém, 3 maio 1900. A. 2. N. 334. p. 1.

¹² O TUPI. Belém, 13 maio 1900 A. 1. N. 1. p. 1-2.

Da região Nordeste, o *Diário do Maranhão* apontava que era “grata esta comemoração aos brasileiros e aos portugueses, àqueles por ser a data de 3 de Maio que marcou a entrada da grande nação brasileira no caminho da civilização e do progressos” e a estes “por lhes lembrar o poderio de então da mãe pátria, cujas esquadras abriram caminho, através dos mares, que dominava e se impunha à admiração do mundo pelas sucessivas descobertas”. O jornal apontava que seria “um dever” participar dos “festejos que são nacionais e comuns aos dois povos irmãos e amigos”¹³. Igualmente maranhense, a *Pacotilha* se referia à “verdade histórica indiscutível” de que a descoberta ocorrera a 22 de abril e não a 3 de maio, mas que, ainda assim, “em todo o Brasil comemora-se”, em maio, “o quarto centenário do descobrimento”, lembrando os tempos pretéritos como originários “do estado de civilização” que, ao longo de quatro séculos resultaria no “deslumbrante espetáculo da miragem do Brasil hodierno”¹⁴.

No contexto pernambucano, circulou o *Jornal do Recife*, segundo o qual “a comemoração do quarto centenário traduz para a história da humanidade uma página brilhante”, de maneira que ao promover os atos celebrativos, o país “nada mais” fazia “do que prestar um justo e merecido culto aos ousados navegadores que, *por mares nunca dantes navegados*, vieram trazer às plagas brasileiras a luz diamantina da civilização”. Assim, irmanados e “dominados pelo mesmo entusiasmo, portugueses e brasileiros festejam a gloriosa data na mais fraterna

¹³ DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luís, 2 maio 1900. A. 31. N. 8001. p. 1.

¹⁴ PACOTILHA. São Luís, 3 maio 1900. A. 20. N. 104. p. 2.

das expansões”¹⁵. Do mesmo Estado, o *Jornal Pequeno* dizia que o 3 de Maio era uma “data de festa nacional, que recorda uma das mais belas conquistas da velha marinhagem do velho reino de Portugal, daquelas almas a quem devemos as nossas almas”. As homenagens estendiam-se a Pedro Álvares Cabral, expressando o desejo de que tal personalidade viria a derramar “sobre cada um de nós os reflexos da grandeza” de sua “alma, estimulando-nos ao trabalho pelo bem comum”¹⁶. Já *A Província* constatava que “quatrocentos anos passaram”, nos quais “tribos inumeráveis fundiram-se num povo que desfila com a sua religião, a sua bandeira e o seu hino diante dos outros povos”, bem como “matas seculares tornaram-se vastas cidades onde fraternizam colônias de operários, erguem-se monumentos e imprimem-se livros” e ainda “bárbaros idiomas converteram-se no bronze sonoro desta língua”, demarcando a chegada da “pátria à civilização”.

Ainda no âmbito nordestino, para o alagoano *Vigilante*, no dia 22 de abril dera-se “um fato importante”, que “daria uma lembrança imperecível ao mundo civilizado”, pois estava “descoberta a terra de Santa Cruz, símbolo sublime que irradiou logo nos seus horizontes, o mais vasto país da América do Sul”. Perante os quatrocentos anos de tal acontecimento, “a nacionalidade brasileira exulta, cobrindo de flores os nomes jamais esquecidos dos que tomaram parte nessa expedição gloriosa de Pedro Álvares Cabral”. A publicação alagoana dizia tomar parte nas “manifestações que a imprensa brasileira tem tomado em prol da

¹⁵ JORNAL DO RECIFE. Recife, 3 maio 1900. A. 43. N. 100. p. 1.

¹⁶ JORNAL PEQUENO. Recife, 2 maio 1900. A. 2. N. 98. p. 1.

grande data nacional, que é o início de nossa vida culta entre as nações”, de maneira que levantava “um brado de entusiasmo aos propulsores da festa do centenário: Salve 22 de abril de 1500! Salve 3 de maio de 1900! Salve o Brasil! Salve o povo brasileiro!”¹⁷. Ao seu passo, o baiano *Diário de Notícias* enaltecia os progressos oriundos daqueles quatrocentos anos, argumentando que, as “miseráveis tabas desaparecem para que surjam florescentes cidades; onde se levantava a fogueira que devia assar as carnes do vencido, ergue-se uma igreja; no lugar dos festins lúbricos, há uma escola; onde havia um pântano, respiram flores; onde repetiam os ecos o hino da morte, ecoa o silvo da locomotiva; em toda parte o trabalho que avigora e enobrece, quando era cheio da ociosidade que enerva e degrada”¹⁸.

¹⁷ VIGILANTE. Pilar, 6 maio 1900. A. 15. N. 178. p. 1.

¹⁸ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Salvador, 2 maio 1900. A. 27. N. 96. p. 1.

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

O drama é criado de diversos pontos de vista de inteligente e emocionado Mestre da orquestra da Xapresa sr. José Naves.

Quanto à região Sudeste, o mineiro *Araguari* narrava que “quatro séculos passaram já pela gloriosa cabeça do grande lutador português Pedro Álvares Cabral e o seu nome e a sua memória cada vez mais edificadas na ansiedade de nosso amor e de nosso reconhecimento inapagável”. Buscava demarcar que, “Cabral e seus companheiros, afrontando todos os embates da sorte e correndo todos os riscos de uma empresa daquela natureza”, abriram “com a quilha de seus navios um sulco inapagável nas vagas alturas dos mares”, estando a partir daí “lançados os destinos do Brasil e levado ao cabo o mais audacioso dos empreendimentos”. Para o periódico, aquele dia comemorativo constituía “o mais excepcional e grandioso de quantos tenhamos, ou possamos vir a ter”, servindo o mesmo para celebrar “a pátria”, a qual era vista não como “uma entidade puramente abstrata, somente destinada ao culto platônico”, sendo isto sim, “uma responsabilidade que toca a todos no grande afã de bem defender seus haveres e seus destinos”. Defendia que, no “vasto campo das necessidades” nacionais, mandava “o patriotismo estudar e resolver com presteza própria da salvação pública, se se tratasse dela, num momento dado”, devendo prevalecer “o esforço de cada um no seio da grande coletividade brasileira”, pois assim “se zela e conserva o patriotismo de uma nação”¹⁹.

¹⁹ ARAGUARI. Araguari, 3 maio 1900. A. 7. N. 256. p. 1.

O "ARAGUARY"
dedica hoje a sua primeira pagina á
commemoração do
 
QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL
como
HOMENAGEM
AO GRANDIOSO MARCO SECULAR
1500-----1900



Do mesmo Estado, a *Gazeta de Minas* exclamava “glória ao Brasil”, país que “sempre soube honrar os nomes dos grandes homens que brilham nas páginas de ouro da História, como no firmamento brilham os astros de primeira grandeza”. Também exortava Pedro Álvares Cabral, buscando glorificar a “pátria do famoso navegador, ao velho e heroico Portugal” e ao próprio personagem, considerado como um “nome” que “tem atravessado quatrocentos anos sempre admirado e venerado pelas gerações que se têm sucedido até nossos dias”. Em relação às comemorações, afirmava que se “honra o passado festejando as datas gloriosas que traduzem um esforço” e “uma conquista do trabalho livre e honesto”²⁰. Na mesma circunstância, diante das solenidades e referindo-se às relações entre Portugal e Brasil, *O Farol* enfatizava que “as vidas históricas das duas nações se confundem”, pois, mesmo que os brasileiros constituíssem “um povo emancipado da velha metrópole”, não seria possível compreender “uma comemoração brasileira sem o abraço das duas bandeiras”. Nesse sentido, ressaltava que, “ao tocar nos progressos do Brasil”, as celebrações do quarto centenário remetiam ao “início da existência” brasileira, não sendo “lícito calar a origem” de sua “vida moral” e literária, associadas à formação lusitana²¹. Também do Sudeste, mas paulista, o *Correio Paulistano*, a respeito da data em pauta, comentava que, “destino, acaso, fatalidade ou altos e secretos desígnios da providência, os acontecimentos de 22 de abril de 1500 recordam o fato capital da nossa história”, já que, “nesse dia, que corresponde ao 3 de maio da era

²⁰ GAZETA DE MINAS. Oliveira, 3 maio 1900. A. 14. N. 658. p. 2.

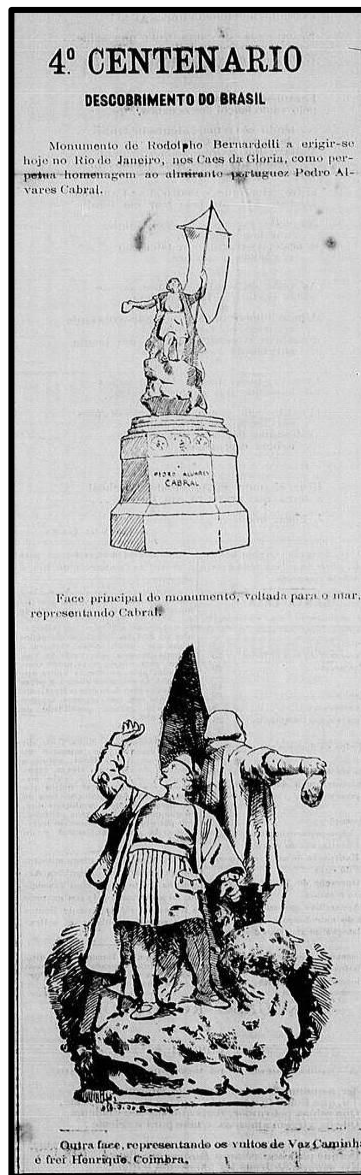
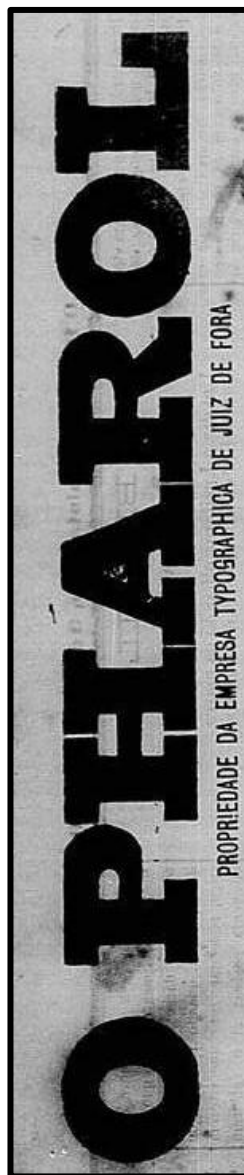
²¹ O FAROL. Juiz de Fora, 3 maio 1900. A. 34. N. 257. p. 1.

gregoriana", surgia o Brasil "das brumas do desconhecido e do fetichismo aborígene", para entrar "nos claros e límpidos domínios da civilização cristã". Tal periódico dedicou ainda várias das suas edições para registros iconográficos a respeito do dia alusivo²².

²² CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 3 maio 1900. A. 47. N. 13170. p. 1.; 6 maio 1900. A. 47. N. 13173. p. 1; 8 maio 1900. A. 47. N. 13175. p. 1; e 9 maio 1900. A. 47. N. 13176. p. 1.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA





ORGAN REPUBLICAN NO

de mais, e depois os seguintes dizeres:

***Ao Venerando General**
Dr. Manoel Ferraz de Campos Sales
Benemerito Presidente da Republica
Offercom

ANNO XLVII S. PAULO---Domingo, 6 de maio de 1900---BRASIL N. 13173

Correio Paulistano

ORGAM REPUBLICANO

QUARTO CENTENARIO DO BRASIL



O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA



ANNO XLVII S. PAULO— Quarta feira, 9 de maio de 1900—BRASIL N. 13.176

Correio Paulistano

ORGAM REPUBLICANO

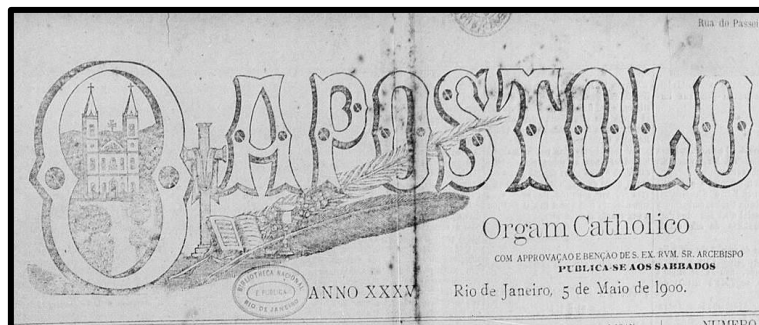
QUARTO CENTENARIO DO BRASIL



No Rio de Janeiro, epicentro cultural do país, teve ressonância a comemoração do quarto centenário. Foi o caso da publicação religiosa *O Apóstolo*, a qual garantia que “não há brasileiro algum, até dos mais indiferentes, que não sinta em seu peito a satisfação íntima, peculiar aos momentos mais solenes da vida de uma nação”, bem como “não olhe religiosamente para os vetustos fatos que se desenrolaram no descobrimento desta abençoada terra e na sua posterior civilização”²³. *O Brasil*, por sua vez, narrava que “a alma nacional sente-se possuída do mais santo júbilo”, em um quadro pelo qual “o Brasil de norte a sul entoa hinos festivos à gloriosa data em que Cabral revelou ao mundo a existência desta terra abençoada”. Dizia ainda que, “há quatro séculos que o valoroso marinheiro aportou às plagas brasileiras, desvendando as riquezas naturais que encerra esta terra de amor e liberdade”, constituindo “quatrocentos anos de luta heroica e denodada em prol da liberdade”. Especificava também que, naquele “dia de festas e risos, seria ingratidão sem nome esquecer aqueles que tudo sacrificaram pela liberdade e grandeza da pátria”²⁴.

²³ O APÓSTOLO. Rio de Janeiro, 5 maio 1900. A. 35. N. 41. p. 1.

²⁴ O BRASIL. Carmo, 3 maio 1900. A. 1. N. 12. p. 2.



O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA

O BRAZIL
ORGÃO REPUBLICANO

REDACÇÃO-CHEFE
Dr. Anacleto Brandão

DEDICADO AOS INTERESSES DA COMARCA DO CARMO

REDACÇÃO-PROPRIETARIO
ETARIO-M. C. Brandão

Pro Republica Laboremur

ANNO 1 | PUBLICAÇÃO Semanal | CIDADE DO CARMO (E. DO RIO), 3 DE MAIO DE 1900 | REDACÇÃO Rua Conde Gonçaves n. 7 | NUM. XII


7 de Setembro de 1822

1500—1900

13 de Maio de 1888

SALVE O DIA 3 DE MAIO!

IV CENTENARIO DA DESCOBERTA
DO
BRAZIL



15 DE NOVEMBRO DE 1889

Patria minha gentil, ninho de amores
Onde de Lysia a alma enamorada,
Buscando o Oriente, heroica e velejada
Veiu pousar... e achou-se entre condores !
.....
.....

Ergue a fronte de estrelas coroada !
Hoje é teu dia; exulta entre os escombros
Da escravidão: —Sô Patria ou volve ao nada !

GENERINO DOS SANTOS

Também se manifestou a *Cidade do Rio*, ao considerar que a data alusiva no longínquo 1500 constituiria o “início da nossa civilização e da nossa história”, devendo haver um manifesto “orgulho pela ascendência portuguesa de nossa pátria”, uma vez que a partir daí teria advindo “a origem dos nobres sentimentos que destacam a História do Brasil, sobretudo pela exata compreensão da igualdade social para todas as raças”. Nessa linha, apontava que “a nossa alma nacional tem raízes de quatro séculos, que bebem o húmus da fusão de todas as raças, que se unificaram num só sentimento, numa só fé” e “no mesmo patriotismo”. Enfatizava ainda que “a festa que aí está enchendo de júbilo o coração popular é uma prova de que nos orgulhamos dos nossos progenitores”, havendo a necessidade de honrar a “memória de Pedro Álvares Cabral”, pelas origens “dos mais belos títulos de civilização” do país, ao reproduzir “os princípios os mais santos da igualdade social”²⁵. Com representações imagéticas e textuais, a *Gazeta de Notícias* saudava “a aurora que iluminou o berço da nacionalidade brasileira”, enaltecendo o dia que consagrava “uma data natalícia com ardorosas efusões do patriotismo”, além de reproduzir “uma das páginas brilhantes da história do heroico povo português”, mas, acima de tudo para promover “a glorificação da posteridade”, como “a aureola radiante dos mártires e dos heróis”, ainda que não chegassem para corresponder “à magnitude dos serviços e feitos que praticaram”²⁶.

²⁵ CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 3 maio 1900. A. 12. N. 103. p. 1.

²⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 30 abr. 1900. A. 26. N. 120. p. 1; 3 maio 1900. A. 26. N. 123. p. 1.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA



NUMERO AVULSO 100 RS

de signature respectueuse de : **Armand** ou **Armande** ou **Armandine** ou **Armandine**

A França, a Inglaterra, a Alemanha, que hoje inauguram o avanço à frente de todos os povos e que são os guias da humanidade e diretores da civilização, estavam neste tempo segundo plano. O primeiro e permanente pelos feitos gloriosos gente humana, que tem o direito de ocupar na memória das nações humanas um lugar tomado pela representação moral e gloriosa heróica do seu passado.

E é esta nação, que os descendentes no Brasil com-

Ainda na conjuntura fluminense, a *Gazeta de Petrópolis* destacava que aquele dia marcava “o descobrimento de uma nova região”, que, “com o andar do tempo”, tornou-se “um país grande, cheio de aspirações, habitado por um povo valoroso, ardente e cristão”, vindo a formar-se “um povo cheio de patriotismo, novo ainda, mas que já conta, na sua curta história de nação livre, feitos dignos de figurar junto aos mais arrojados dos povos do velho continente”. Apontava ainda que os brasileiros descendiam “de heróis que levaram a cruz civilizadora aos confins da terra”, cumprindo a eles “guardar essas tradições, festejando condignamente as grandes datas nacionais e procurando tornar-se dignos de um passado tão glorioso”²⁷. Já *A Notícia* referia-se à perspectiva de que estaria “viva e inesquecível na memória de todos a recordação das festas brilhantíssimas” do quarto centenário²⁸.

Também preocupado em realizar várias inserções iconográficas, *O País* opinava que os brasileiros eram “ainda novos, pois quatro séculos não bastam para homogeneizar as tendências, o caráter e o espírito de uma nacionalidade”, de modo que não chegava a estar “bem definida a individualidade coletiva” do país, o qual estaria “em período de fermentação de todos os elementos que entram na composição étnica e ética das nacionalidades”. Mas mantinha a esperança de que uma “nova vida” se abria para o Brasil, “com o raiar do novo século”, devendo os seus habitantes entrar nele “com esperanças e, sobretudo, com vontade de praticar realmente os atos indispensáveis à prosperidade”.

²⁷ GAZETA DE PETRÓPOLIS. Petrópolis, 3 maio 1900. A. 10. N. 53. p. 1.

²⁸ A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 4-5 maio 1900. A. 7. N. 103. p. 1.

Diante disso, demarcava que, naquele momento, estava “a pátria desperta, aberta em flores e sonhos novos”, com a “confirmação da inextinguível missão que coloca na mesma caixa de ouro os corações portugueses e brasileiros”. Enaltecia ainda o “esforço e patriotismo” que nortearam a celebração, que “palpitou a alma nacional, fortalecida nesse impulso com a solidariedade dos elementos que cooperaram para o desenvolvimento da pátria”²⁹. Na época, a *Revista da Semana* inaugurava suas edições, com o lançamento de seu primeiro número, não deixando de cobrir os festejos do quarto centenário, inclusive com uma de suas marcas registradas, ao lançar mão da estratégia editorial da fotorreportagem³⁰. Por seu lado, a *Semana Esportiva* dava ênfase a uma das atividades desportivas realizadas nas comemorações, a qual homenageava Pedro Álvares Cabral, constituindo uma “festa marítima em que, no mesmo elemento das glórias dos heróis”, iria “disputar louros uma plêiade brilhante de moços, que representam a nova geração brasileira” e “a perpetuação do vigor de uma raça”³¹. Publicado na Ilha do Governador, *O Suburbano* explicitava que na passagem daqueles quatrocentos anos, “os brasileiros, comemorando esta data gloriosa”, bem-diziam “a memória dos atletas do passado, que num esforço titânico lapidaram este diamante esplêndido conquistado pelo nauta lusitano”³².

²⁹ O PAÍS. Rio de Janeiro, 4 maio 1900. A. 16. N. 5688. p. 1; 5 maio 1900. A. 16. N. 5689. p. 1; e 7 maio 1900. A. 16. N. 5691. p. 1.

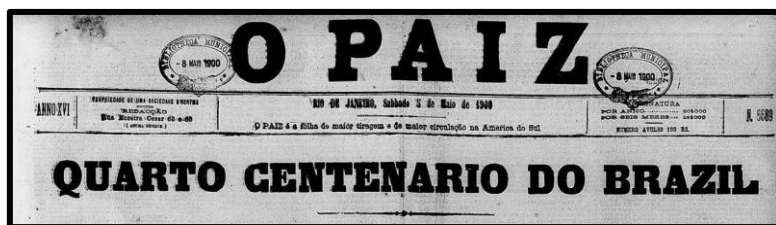
³⁰ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 20 maio 1900. A. 1. N. 1. p. 1-8.

³¹ SEMANA ESPORTIVA. Rio de Janeiro, 5 maio 1900. A. 11. N. 384. p. 1.

³² O SUBURBANO. Rio de Janeiro, 15 maio 1900. A. 1. N. 6. p. 2.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA





O MONUMENTO
PERO VAZ CAMINHA

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA





O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA





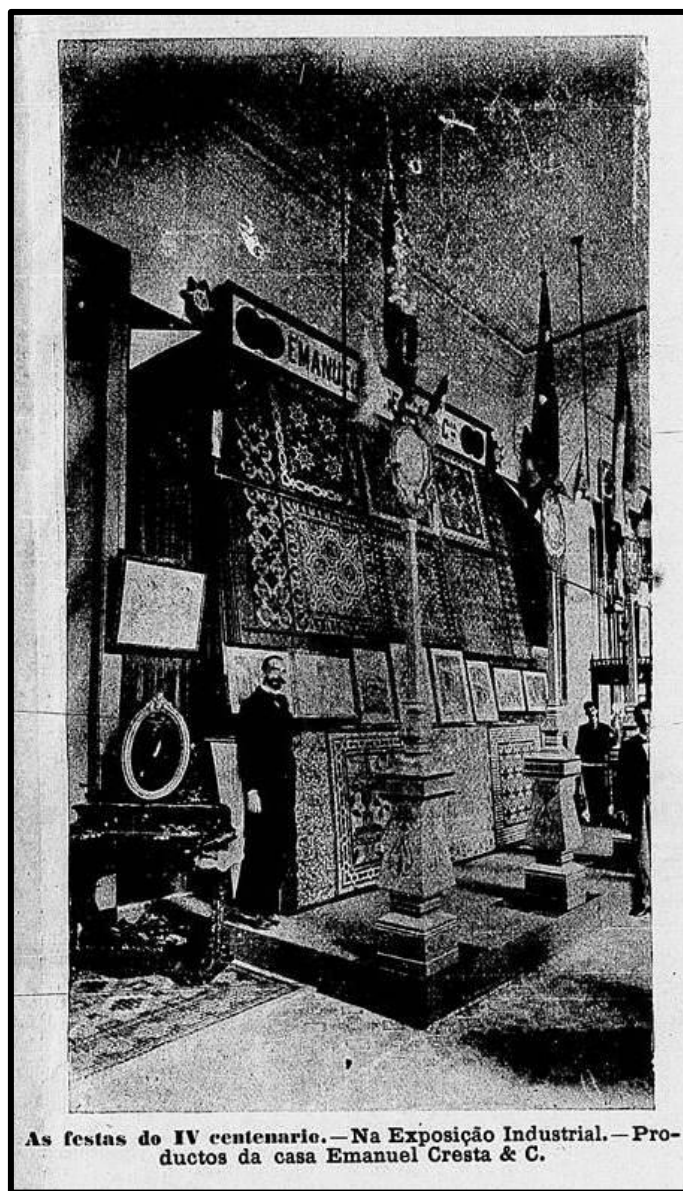
No anno dois mil. — Photographia prophetica do que será o Rio de Janeiro no V centenario.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA



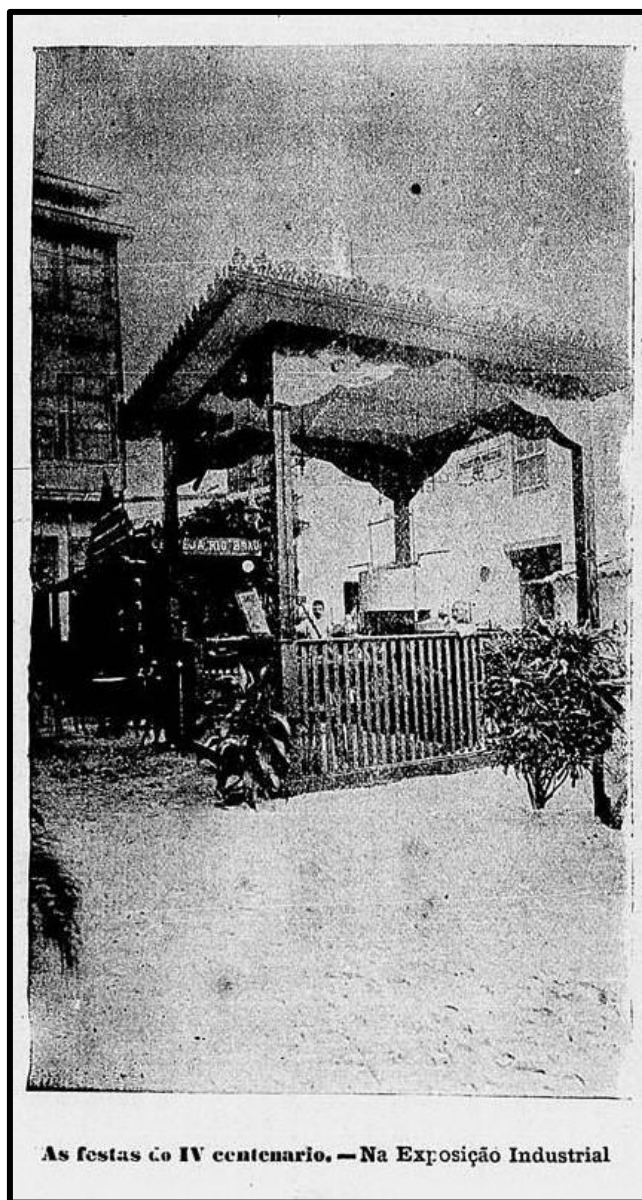
As festas do IV centenario

Pic-nic na Tijuca. Officiaes do cruzador D. Carlos e da Marinha Brasileira. Representantes da Imprensa



As festas do IV centenario.—Na Exposição Industrial.—Productos da casa Emanuel Cresta & C.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA



REVISTA DA SEMANA

5 — N. 1

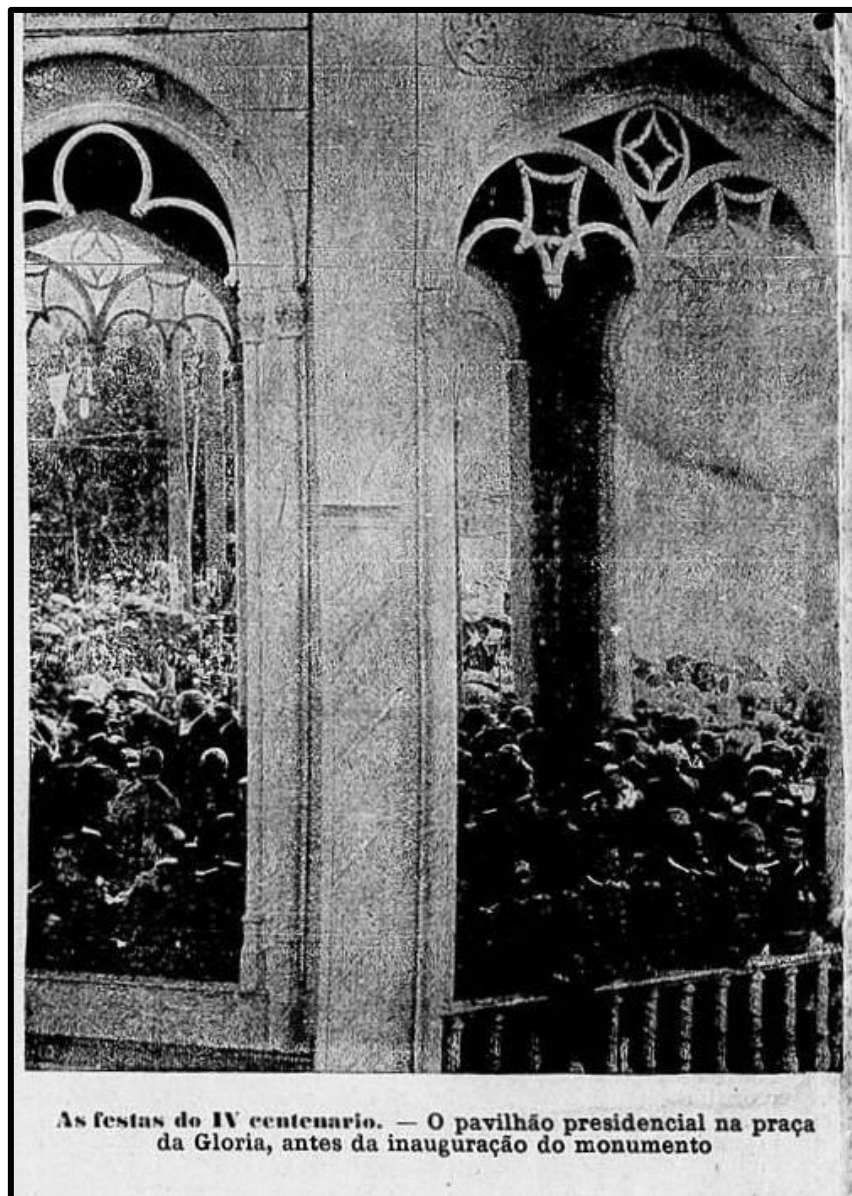
AS FESTAS DO IV CENTENARIO



Aspecto da praça da Gloria, junto ao monumento, antes da inauguração da estatua

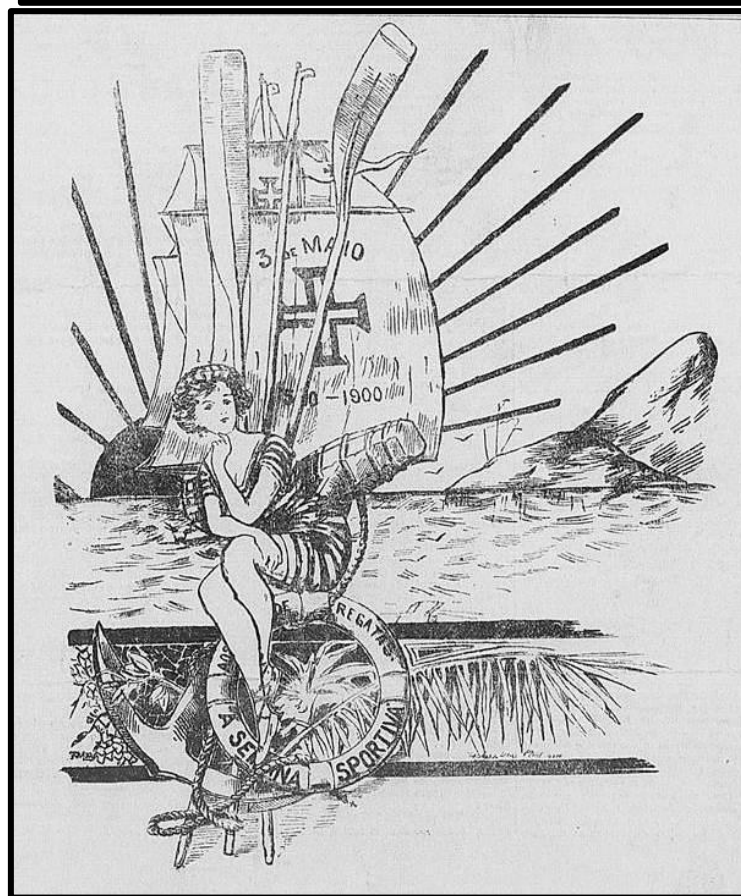
O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA





As festas do IV centenario. — O pavilhão presidencial na praça da Glória, antes da inauguração do monumento

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA



Os jornais capixabas também participaram do esforço concentrado comemorativo, como *O Cachoeirano*, o qual explicitava que o fato comemorado não seria “só festivo para o Brasil”, mas “também para a América do Sul, para Portugal e finalmente para todo o orbe, porque todos lucraram”, sendo, “portanto, uma data universal”. Também manifestava que, a partir do descobrimento, tinha “fé de que o Brasil não está longe da época em que disputará o primeiro lugar no convívio civilizado do mundo”³³. Para *O Comércio do Espírito Santo*, o descobrimento constituía “um dos mais extraordinários acontecimentos que registra a história moderna, pelo imenso resultado que esta feliz descoberta veio trazer à civilização, rasgando novos horizontes à atividade humana”, vindo a entregar “ao comércio, às artes e à indústria um vasto país, sobre o qual a natureza espalhou com mão pródiga todos os seus dons, todas as suas maravilhas”. Esclarecia que seu intuito era o de “fazer que o povo compreenda a significação histórica desta comemoração”, vindo a saber “a quem devemos a existência de nossa nacionalidade”³⁴. Já *O Estado do Espírito Santo* apresentava “em ligeiros traços percorridas as três épocas notáveis do colosso”, ou seja, os períodos colonial, imperial e republicano, de modo que o país, “mesmo a braços com a crise econômica atual, no dia do seu quarto centenário, vê orgulhoso seu povo civilizado, marchando sem corar ao lado dos outros povos americanos”³⁵. Do mesmo Estado, *Polianteia* destacava que “é sempre nobre, edificante e patriótica a comemoração das datas nacionais”, uma vez que representava “o

³³ O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 3 maio 1900. A. 22. N. 34. p. 1.

³⁴ COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 3 maio 1900. A. 10. N. 99. p. 1.

³⁵ ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 3 maio 1900. A. 19. N. 101. p. 1.

reflexo do passado na mente dos presentes”, ou ainda “a afirmação festiva da solidariedade dos que vivem com aqueles que se foram”. Nesse sentido, “todas essas festas têm uma nota sempre simpática, majestosa e bela” e a redação unia-se a todos aqueles “que brilhantemente comemoraram a grande data”³⁶.

No que tange à mais meridional região brasileira, o curitibano *Diário da Tarde* rememorava os tempos do descobrimento, nos quais “a margem americana ostentava os seios fecundos e abençoados”, que amamentaram “imortais gerações de artistas e poetas, de sábios e oradores, de guerreiros e heróis”³⁷. Igualmente paranaense, *A República*, em tons ufanistas e patrióticos, declarava que, desde o descobrimento resultara uma “terra livre e augusta”, devendo ser saudada a “pátria querida e generosa, cujo solo é o assombro e o desespero de tantas terras, e em cujo céu resplandece, como um sorriso de Deus, o mais doce, o mais carinhoso, o mais glorioso de todos os céus”³⁸. Enquanto isso, *O Sapo* reconstruía um cenário em que “os tupis heroicos, os guaranis guerreiros, os caiapós valentes gargalhavam felizes, sob o céu constelado da pátria”, quadro diante do qual surgiu uma “corveta austera, trazendo em seu bojo a luz sugestiva da civilização”. A partir de então estaria a curvar-se a pátria, beijando “respeitosamente a cruz de ouro do peito de Cabral”, permanecendo “em reverência”, ao deixar “que a civilização a suspenda e erga nesse trono augusto que a providência legou”³⁹.

³⁶ POLIANTEIA. Vitória, 3 maio 1900. Edição especial. p. 1.

³⁷ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 3 maio 1900. A. 2. N. 320. p. 1.

³⁸ A REPÚBLICA. Curitiba, 3 maio 1900. A. 15. N. 96. p. 1.

³⁹ O SAPO. Curitiba, 3 maio 1900. A. 3. N. 17. p. 3.

Ainda na região sulista, o catarinense *Legalidade* considerava o 3 de Maio como um “dia sagrado na História Americana”, no qual “todos brasileiros, que aqui” observaram “pela primeira vez a luz irradiante da vida e estrangeiros, que aqui encontraram uma nova pátria”, deveriam “exultar do mais puro entusiasmo, e erguer em hosanas a Deus nas alturas por nos haver ofertado uma pátria tão grande, tão rica e tão formosa”⁴⁰. O florianopolitano *República* referia-se à “faustosa data da descoberta do Brasil”, a qual seria por todos comemorada, “de modo a aumentar o brilho e o calor do foco central, onde o patriotismo certamente se esmerou com todo o requinte de que é capaz”⁴¹. Por sua vez, o jornal gaúcho *A Federação* demarcava o quanto aquelas “comemorações educam” e “como elas são eloquentes e persuasivas”, aparecendo nelas “a imagem da pátria radiosa aos olhos da turba”, ou seja, “visível, nítida, em alto relevo, como se fora uma encarnação material”. Considerava que em tais datas, a nação trazia “o sentimento da sua existência”, o qual “desperta nos cidadãos a consciência dos deveres, das obrigações, em que por ela se empenharam e de tudo isso o altruísmo – a flor dos afetos humanos – brota, comunica-se, derrama-se, evola-se, embalsamando o ambiente”. O dia comemorativo serviria também como um incentivo, pelo qual “a vida de todo um povo define mais serena, mais confiante nos seus grandes e imprescritíveis destinos”, surgindo a partir dele “uma imensa comoção, viva, penetrante e obsessiva”, chegando a encher “de lágrimas os olhos”⁴².

⁴⁰ LEGALIDADE. São Bento, 3 maio 1900. A. 7. N. 1. p. 2.

⁴¹ REPÚBLICA. Florianópolis, 3 maio 1900. A. 11. N. 137. p. 1.

⁴² A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 4 maio 1900. A. 17. N. 101. p. 1.

Dessa maneira, os periódicos de diversas localidades do Brasil, pertencentes a diferentes regiões, observados aqui como uma breve amostragem, participaram ativamente da mobilização em torno do espírito celebrativo consagrado a enaltecer a data do 3 de Maio. Alguns dos jornais, muitas vezes fugindo à sua configuração gráfica tradicional, incluíram ilustrações na primeira página, além de trazerem uma série de editoriais, colunas, matérias noticiosas e opinativas e notas, constituindo um esforço concentrado em prol dos atos festivos. A predominância nas construções textuais e iconográficas ficou demarcada pelo júbilo e pelo tom laudatório, centrando-se as abordagens na propalada irmandade luso-brasileira e ainda na confraternização entre ambas as nações; o engrandecimento da expansão marítimo-comercial lusitana, com ênfase aquilo que foi considerado como as “corajosas aventuras das grandes navegações”; a exaltação de um passado apontado como glorioso; e o entusiasmo para com os denominados vultos históricos, observados pelo prisma da heroicidade, com amplo protagonismo na figura de Pedro Álvares Cabral. Outro ponto fundamental das versões construídas a partir das publicações impressas foi o encômio relacionado às grandezas e potencialidades do país tropical, as quais teriam sido efetivadas ao longo de sua formação histórica, em uma trajetória que teria sido desencadeada desde o episódio do descobrimento. Assim o jornalismo brasileiro contribuiu muito a contento com o projeto de utilização daquele quarto centenário como mote para a recuperação nacional e o desvio do olhar da opinião pública quanto às precariedades que então cercavam o Brasil.

O QUARTO CENTENÁRIO DO
DESCOBRIMENTO DO BRASIL NAS
PÁGINAS DO PERIODISMO
PORTUGUÊS

As íntimas relações histórico-culturais e a presença de uma numerosa colônia lusa em terras brasileiras foram alguns dos fatores que fizeram do Brasil um tema frequente junto ao jornalismo português. Desde a instauração da República Brasileira, as relações com Portugal passaram por perturbações, chegando ao ápice do rompimento, para, posteriormente iniciar-se uma nova etapa de reaproximação e conciliação. Em tal processo a imprensa teve um papel essencial e as comemorações do quarto centenário do descobrimento constituíram um ponto alto da retomada da cordialidade binacional. Assim, o entorno da primeira quinzena de maio de 1900 traria consigo uma nova etapa de inserções recorrentes de temas brasileiros no seio do periodismo português. Editoriais, edições comemorativas, matérias, notas, desenhos, retratos e alegorias foram alguns dos meios utilizados para divulgar o assunto do dia – as comemorações da passagem do quarto século do descobrimento do Brasil. A tendência mais ampla foi a dos jornais lusos, em uníssono, voltarem suas construções discursivas para a exaltação do fato histórico e a celebração em torno dele. Tal opção foi predominante em todos os periódicos, mesmo no caso de algumas publicações republicanas que, sem deixar de também estabelecer, primordialmente, o enaltecimento, fizeram alguma referência ao partidatismo antimonárquico, mas não avançando tanto no radicalismo discursivo, bem como de uma folha caricata que chegou a realizar uma brevíssima incursão ao humor, constituindo pequeníssimas exceções que serviram para confirmar a regra geral do predominante regozijo⁴³.

⁴³ Texto adaptado a partir de ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além mar*. Rio

Nesse sentido, as disputas partidárias e o engajamento jornalístico, até então constantemente presentes, foram em grande escala deixados de lado em nome da preeminência do espírito de glorificação da data. Dessa maneira, por ocasião das abordagens em torno do quarto centenário da descoberta do Brasil, os jornais acabaram por não se comportar de modo a serem alocados em determinados subgrupos, com práticas jornalísticas específicas e/ou em defesa deste ou daquele princípio, o que não significa que eles teriam abandonado suas convicções e nortes editoriais respectivos, mas, no que tange especificamente ao assunto, voltaram seus discursos mais amplamente ao aspecto comemorativo. De acordo com tal perspectiva, as folhas lusitanas gravitaram em torno de temáticas recorrentes como os comentários voltados às festividades em si realizadas no âmbito português e brasileiro; a exaltação dos

Grande: Editora da FURG, 2017. A respeito da imprensa portuguesa à virada do século, observar: TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.; TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3.; RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996.; CUNHA, Alfredo da. Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; MANSO, Joaquim. O jornalismo. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers). Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. O jornalismo português: resenha cronológica. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: Revista de Ciencias Lettras e Artes. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3).

laços de união entre as duas nações; a abordagem da pujança do Brasil, considerado com um país futuroso; e o olhar para a formação histórica lusa, em uma tentativa de revivificar um passado considerado glorioso e heroico, na forma de lição para os tempos presentes.

A comemoração festiva

As festividades em torno do aniversário de quatro centúrias do descobrimento brasileiro foi por si só um tema recorrente nas páginas dos jornais portugueses. Noticiar, comentar e exaltar as festas ocorridas dos dois lados do Oceano Atlântico foi uma prática comum na maior parte dos periódicos em circulação, articulando a história e a glorificação, o passado e o presente e o erudito e o popular. As festividades concentraram-se na capital e no Porto, mas as folhas representativas de lugares mais longínquos demonstravam que tais iniciativas comemorativas espalharam-se por todo o país, além daquelas realizadas no Brasil. A ideia reinante era demonstrar que tais festas emanavam dos dois povos, provinham das similitudes entre eles e exaltavam as duas nações, mostrando o valor de lusitanos e brasileiros perante a conjuntura mundial.

Com seu tradicional nacionalismo, a conservadora *A Nação* rendeu-se ao espírito festivo, afirmando que “nas gloriosas festas da história” lusa, refulgia “o descobrimento das terras de Santa Cruz como um dos muitos e mais assinalados serviços prestados por esta pátria de heróis à humanidade e à

civilização”⁴⁴. O *Jornal do Comércio* também se dedicava à exaltação das festividades, destacando que, “com o impulso de fraternização em um tão especial momento, como o da significativa festa luso-brasileira”, que era celebrada, deveriam ser enfatizadas as “recíprocas congratulações dos dois povos e das duas nações”. Para tal periódico, o Brasil era “uma grande nação, feita do sangue português e amassada nas glórias do mais brilhante período da história lusitana”, de modo que, “sem reserva e só com afeto”, ele deveria ser saudado “em datas comumente festivas”, como aquela⁴⁵.

Era também a perspectiva do *Comércio do Porto* para o qual aquela seria a oportunidade para tratar-se “de júbilos e de uma festa” sobre a qual pairava “a figura histórica de Pedro Álvares Cabral, glorioso tanto para Portugal como para o Brasil”, promovendo a reunião dos “dois países com idêntico entusiasmo na celebração do feito realizado por aquele nauta e guerreiro”, já que, se havia “glória para Portugal”, também existia “para o Brasil”, naquele “momento histórico”. Segundo esta publicação portuense, “os festejos e os júbilos” tinham “isso de bom”, pois, “quando os últimos ecos” se desvaneciam “no meio do ruído da vida, alguma coisa” ficava ainda, na expectativa do “pulsar dos corações para novas demonstrações de afeto e simpatia”⁴⁶. Mais breve, *O Tribuno Popular* lembrava que a efeméride pela “descoberta do Brasil” constituía “uma festa” que aproximava a “ambos os povos”, os quais celebravam “com entusiasmo”,

⁴⁴ A NAÇÃO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 53. N. 13.254. p. 1.

⁴⁵ JORNAL DO COMÉRCIO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 47. N. 13.915. p.1.; e 6 maio 1900. A. 47. N. 13.916. p. 1.

⁴⁶ COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 5 maio 1900. A. 47. N. 104. p.1.

dizendo que a ela se associava na sua “modéstia, fazendo votos pela prosperidade do Brasil e pela manutenção e desenvolvimento das boas relações entre a antiga colônia e mãe-pátria”⁴⁷.

O clima de comemoração se fez presente ainda nas páginas da *Correspondência de Coimbra*, ao destacar que aquele era um momento “de festa para o Brasil e para Portugal, nações que pelos laços de sangue e pelo vínculo da amizade” se estreitavam “cada vez mais em suas relações e simpatias”. Noticiava que na “Sociedade de Geografia de Lisboa”, instituição que concentrou as festividades no âmbito lusitano, “em sessão comemorativa do centenário do descobrimento do Brasil”, foram entrelaçadas, “com riquíssimos festões de linhas e delicadas rosas, emblemas de amor, as bandeiras nacionais dos dois países, como que os ligando num doce amplexo de simpatia e amizade”. A folha destacava que “volvidos quatro séculos”, eram celebradas “grandiosas festas públicas naquele imenso território da América do Sul, ao qual Pedro Álvares Cabral” dera, “ao descobri-lo, o nome de Vera Cruz ou Santa Cruz, fazendo ecoar pelo mundo a fama do heroísmo português”⁴⁸.

Considerando que as comemorações ultrapassavam o próprio contexto lusitano-brasileiro, o *Diário Ilustrado* comentava que aqueles eram dias “de uma festa incomparável para todos os povos cultos”, uma vez que, “se do velho Portugal” partiam “saudações sinceras para o povo irmão d’além do Atlântico”, elas não iam “isoladas, porque a Europa toda, irmanada nos intuitos superiores

⁴⁷ O TRIBUNO POPULAR. Coimbra, 5 maio 1900. A. 45. N. 4.592. p. 1-2.

⁴⁸ CORRESPONDÊNCIA DE COIMBRA. Coimbra, 10 maio 1900. A. 29. N. 19. p.1.


da civilização”, saudava “orgulhosa os povos irmãos da América, os obreiros triunfantes e fraternizados da esplêndida civilização moderna”⁴⁹. Já a folha ilustrada *O Ocidente*, que dedicava uma edição especial à descoberta do Brasil, fez ampla divulgação das festividades, concentrando-se no conjunto estatutário planejado para o Rio de Janeiro, descrevendo-o em minúcias e exaltando-o como um símbolo condizente com a data em questão⁵⁰.

Nesse sentido, tal publicação referia-se “ao admirável monumento comemorativo do centenário do descobrimento do Brasil, que em breve” seria erigido “em uma das praças da formosa capital federal” brasileira. *O Ocidente* destacava ainda que “o monumento comemorativo do grande feito” compunha-se “de três notabilíssimas estátuas” que acabavam por constituir “outros monumentos” no âmbito daquele conjunto estatutário. O jornal descrevia que representava “a primeira a Pedro Álvares Cabral” que, por sua vez, saudava, “deslumbrado, a terra maravilhosa” com a qual se deparava. O periódico ilustrado detalhava que “as outras figuras” eram “de Pero Vaz de Caminha”, que falava “possuído de entusiasmo à marinhagem dos botes, e a de frei Henrique, guardião dos religiosos” que agradecia “a Deus a boa fortuna da expedição”. Tal folha aproveitava a ocasião para estampar em sua primeira página a principal estátua e, no seu interior, as duas outras. Na opinião do periódico, o descobridor do Brasil “e o seu cometimento” passariam a ter, “em artístico monumento, a merecida consagração”⁵¹.

⁴⁹ DIÁRIO ILUSTRADO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 29. N. 9.752. p. 1.

⁵⁰ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 2.

⁵¹ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 1-2 e 4.




OCCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assinatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	23.º Anno — XXIII Volume — N.º 768	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Libros, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Santa, 4</i> <small>OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA DOA DO LOUREIRO, 21 A 23</small> <small>Todos os pedidos de assinatura deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão atendidos. — Editor responsável: Caetano Alberto da Silva.</small>
	— 36 n.ºs	— 18 n.ºs	— 9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forto)	24000	12000	4000	6120		
Possessões ultramarinas (idem)...	24000	12000	4000	6120		
Estrag. (unido geral do correio)	24000	12000	4000	6120		

30 DE ABRIL DE 1900

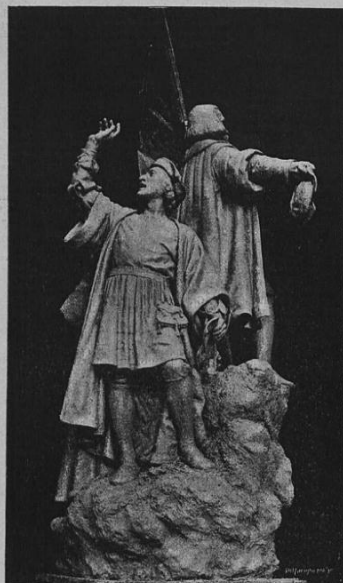


CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL — A ESTATUA DE PEDRO ALVARES CABRAL.
Escultura de Bernardelli para o monumento commemorativo do descobrimento do Brazil

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA

O OCCIDENTE

Centenario do Descobrimento do Brazil



ESTATUA DE PERO VAZ CAMINHA

Escultura de Bernardelli para o monumento comemorativo do descobrimento do Brazil

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA EM SANTAREM

Onde jazem os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral

Orgulha-se a nobre cidade scalabitana de contar entre as reliquias confidadas á sua guarda as cinzas do grande navegador portuguez, a quem a fortuna reservou a gloria immarcescivel de descobrir a regiao portentosa que se chama Brazil.

Jaz esse deposito sagrado n'uma das capellas da elegante igreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem, a terra querida onde voluntariamente se calou Pedro Alvares. O velho templo data da fundação da monarchia e o seu aspecto exterior confirma, nas preciosas linhas da sua architectura, essa antiguidade.

Na humilde campa repousam os restos de Pedro Alvares e os de sua mulher D. Isabel de Castro, segundo se vê da inscripção que publicamos a paginas 6 do presente volume.

Segundo as mais recentes averiguações, Cabral devia ter morrido cerca de 1520. Em seguida ao seu fallecimento, D. Isabel de Castro contractou com os irmãos eremitas da egreja a capella de S. João Baptista, para n'ella se collocar o carneo onde dormem o sono eterno, seu marido, ella e seu filho.

Não pode haver duvida alguma, felizmente, de que se encontram alli os despojos mortaes de Pedro Alvares, pois que as possiveis diligencias feitas em 1882 assim o affirmaram. Por essa occasião se lavrou um auto que se encontra no respectivo archivo municipal e que foi rubricado na lapide que cobre a sepultura.

Embora não tenham ainda o merecido monumento as cinzas do grande nauta e valente capitão portuguez, tem, contudo, apesar da modestia da campa, a mais illustre companhia, pois no mesmo templo se encontram as sepulturas de grande numero de nobres portuguezes.

UMA CARTA DE GUIMARÃES FONSECA

As linhas, que vão ler-se, eloquentes e entusiasticas, palavras sahidas d'um coração de poeta, a esse tempo em plena e vibrante mocidade, são extrahidas d'uma das muitas cartas, que d'esse parão de além-mar, Guimarães Fonseca dirigiu a seu grande amigo Dr. Luis Jardim, hoje conde de Valença.

Guimarães Fonseca foi um d'esses poetas d'alma e coração, a quem uma doença terrivel, que lhe amargou os ultimos annos da vida, cedeo roubo a quantos lhe admiravam seu talento luminoso, sua conversação scintillante, seus ditos extraordinarios de espirito e de caracter. A maior parte de seus escriptos acham-se dispersos por varios jornaes de Lisboa, d'alguns dos quaes foi collaborador assiduo.

An nosso amigo, sr. conde de Valença, muito devemos pela generosidade com que nos facioo a primicia hoje brilhar os nossos leitores com esta verdadeira joia litteraria, que tanto deve honrar e orgulhar o patriotismo dos nossos irmãos brasileiros: As nossas agradecimentos lio de justar-se os de todos esses, para quem Guimarães Fonseca se mostra tão justamente agradável.

O sr. conde de Valença acaba de prestar as letras portuguezas mais um favor assinalado.

Meu Luiz

De estoa contentissimo com a minha nova vida; sinto-me bem e gosto muito d'este pala! Que natureza formosissima, Luis! Que arvoredos, que flores, que paisagem, que céu, e que dulcissimas noites! A natureza aqui, em primavera facieira como se diz em liguagem brasileira, e arreata o mundo de verdade, reaccendo de perfumes, por cima d'esses mórtes alcantilados, que beijam o azul purissimo do céu, no meio das planuras de esmeralda, banhando os pés de fada nas immensas aguas d'este oceano, que lhe offerece a bacía esplendida de mais de vinte leguas de largura, toda marginada e semeada dos esprechosos arabescos das mar ilhas e collinas, embalhando-a ao longe com as harmonias da sua «Serra dos Orgãos», dulcificando-a e edulcorando-a, com o pitantesco do seu sublimis «Corcovado». Que bella, que divina natureza!

Quando eu ouvia fallar em Portugal com tanto desdém de Brazil e brasileiros, julgava isto uma terra inhospita e verdadeiramente selvagem; afi-



ESTATUA DE FREI HENRIQUE

Escultura de Bernardelli para o monumento comemorativo do descobrimento do Brazil

Tais anúncios em torno das comemorações também eram enfatizados por *O Elvense* que descrevia a celebração, naquele “momento, nos Estados Unidos do Brasil, de grandiosas festas comemorativas do quarto centenário da descoberta das terras de Santa Cruz”. Segundo a folha, como lusos e “descendentes dos grandes navegantes que encheram de glória as páginas da história pátria e marcaram com o seu denodado concurso o período áureo de Portugal”, cabia a eles celebrar “também esse acontecimento”⁵². *O Século*, por sua vez, que já havia alguns anos que, ao abordar as questões brasileiras, abandonara a perspectiva de seu engajamento partidário em torno do republicanismo, também se voltou à exaltação festiva em torno daquela efeméride. Dessa forma, tal folha enfatizava os festejos do “quarto centenário do descobrimento do Brasil pela armada de Álvares Cabral”, explicando que, para os “portugueses, esta data nunca poderia passar despercebida”, tendo em vista o seu tamanho e a “tanta luz e tanta glória” que espargia “na história brilhantíssima das descobertas” lusitanas⁵³.

Este mesmo jornal anunciava “a sessão solene da Sociedade de Geografia, comemorando o quarto centenário do descobrimento do Brasil”, a qual constituiria “verdadeiramente a manifestação nacional de homenagem cívica à memória” do descobridor “e dos seus companheiros e, ao mesmo tempo, de fraterna congratulação com o grande país que eles descobriram”, bem como “à forte raça portuguesa e à civilização moderna”. Em relação a tal acontecimento,

⁵² O ELVENSE. Elvas, 6 maio 1900. A. 20. N. 2.007. p. 1.

⁵³ O SÉCULO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.582. p. 1.

O Século ilustrava sua primeira página com o retrato do descobridor e uma gravura demonstrando um aspecto de uma das salas daquela Sociedade, na qual iriam se concentrar parte das atividades. Para o jornal, toda a “manifestação congratulatória pela festiva data do quarto centenário do descobrimento do Brasil”, vinha apresentando “preciosas” publicações que revelavam o “brilhantismo para a condigna celebração desse glorioso acontecimento” que marcava “uma época áurea na história marítima portuguesa”⁵⁴.

⁵⁴ O SÉCULO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.582. p. 1.; e 6 maio 1900. A. 20. N. 6.583. p. 1.

[illegible]

A pregação em torno de uma harmonia festiva era praticada pelo *Correio da Noite*, ao propor a união de todos, "com entusiasmo e com fervor à celebração patriótica dos irmãos d'além-mar", enviando-lhes "saudações calorosas", como "afirmações da amizade nunca desmentida, da lealdade constante e inalterável" e saudando aquele "povo amigo e irmão"⁵⁵. Demonstrando as repercussões dos festejos em todo Portugal, *O Povo de Aveiro* informava que "para celebrar o quarto centenário da descoberta do Brasil pelo navegador português Pedro Álvares Cabral", fora decretado "dia de grande gala, fechando-se por este motivo todas as repartições públicas"⁵⁶. A exaltação a uma festa em duas frentes, a brasileira e a portuguesa, e a proposta do esquecimento das disputas partidárias em nome de uma concórdia comemorativa foi apresentada pelo jornal *Novidades*.

Comemora-se hoje o quarto centenário do descobrimento do Brasil. Dia de festa em dois continentes, de júbilo em duas nações, cujos nomes se enlaçam indissoluvelmente nesse grande fato histórico, e cujos destinos devem desenvolver-se na cordialidade, que resulta dessas origens. Os poderes públicos, interpretando os sentimentos íntimos da nação, ainda mais do que obtemperando a um dever de cortesia nacional, consideraram este dia como de grande gala. O povo português e os representantes dos poderes do Estado enviam hoje à florescente nação brasileira as suas saudações; e a imprensa

⁵⁵ CORREIO DA NOITE. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.267. p. 1.

⁵⁶ O POVO DE AVEIRO. Aveiro, 6 maio 1900. A. 14. N. 832. p. 1.

reproduz num concerto uníssono, que por um dia abafa todos os dissídios, as aclamações afetuosas da grande voz nacional.⁵⁷

A perspectiva de uma comemoração que deveria ser internacional veio também à baila por intermédio do *Jornal de Viana* ao apontar para aquela “data memorável em que Cabral, desviado do caminho da Índia”, aportava “à costa da Terra de Santa Cruz, engastando na coroa portuguesa a mais bela gema” que ela jamais havia possuído, de modo que se encontrava Portugal junto do Brasil “na celebração de uma festa” que pertencia “aos anais do mundo”⁵⁸. Já o *Jornal de Notícias* descrevia como seriam os atos festivos na cidade do Porto, destacando que naquele dia “as ruas e praças da grande e generosa capital do norte” iriam “surgir engalanadas de flores e estandartes, das janelas suspensas ricas colgaduras, sedas e damascos”, com “um belo ar de festa espargindo sorrisos e congratulações no meio da teia de luz e de diamantes da esplêndida primavera”. Narrava ainda este mesmo periódico, que “a população portuense, tão vibrátil sempre aos grandes e altivos sentimentos, tão emocionável com as recordações da história gloriosa, numa espontaneidade encantadora”, resolvera “saudar o Brasil no dia do centenário da sua descoberta”, ficando “a boa terra portuense, toda comovida, com o seu regaço de flores”, a chamar “todos os seus filhos à comunhão da sua alegria e ao voto superiormente significativo da sua saudação”⁵⁹.

⁵⁷ NOVIDADES. Lisboa, 5 maio 1900. A. 16. N. 4.937.

⁵⁸ JORNAL DE VIANA. Viana do Castelo, 6 maio 1900. A. 14. N. 1.385. p. 1.

⁵⁹ JORNAL DE NOTÍCIAS. Porto, 5 maio 1900. A. 13. N. 104. p. 1.

O consórcio celebrador luso-brasileiro era apontado por *O Distrito de Castelo Branco*, afirmando que enquanto o Brasil comemorava mais aquele centenário, “oficialmente Portugal” tomava “parte nessa celebração e os brasileiros” faziam aos representantes lusos “o mais carinhoso e entusiástico dos acolhimentos”, dizendo que também se associava “às festas”, pedindo “a Deus” que desse “ao Brasil o sossego, a grandeza e a prosperidade” que estaria a merecer⁶⁰. O papel do próprio periodismo era enfatizado pela *Tarde*, ao informar que “toda a imprensa” prestava “homenagem ao culminante fato histórico” que, havia “quatro séculos”, fora gravado “na história de Portugal”. Tal folha, “diante da bizzarria inexcédível com que o Brasil” recebera “a representação de Portugal nas festas” celebradas, saudava “com o maior entusiasmo e o mais caloroso afeto esse honrado, inteligente e laborioso povo, que em tão pouco tempo” tinha “sabido engrandecer-se, criando foros de tal valia” que lhe garantiam “um lugar proeminente entre as principais nações do mundo”⁶¹.

Também fazendo alusão às comemorações no âmbito local, sem deixar de fazer referência ao seu viés republicano, *A Voz Pública* comentava a realização de “festejos nas ruas centrais da cidade do Porto, em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil”. Apesar de exaltar tais celebrações, a publicação portuense antimonárquica lançava um lamento, tendo em vista que tal “colaboração dos portugueses nas festas dos brasileiros”, apesar de ser “eminentemente simpática”, traria certa tristeza, já que, segundo a folha,

⁶⁰ O DISTRITO DE CASTELO BRANCO. Castelo Branco, 5 maio 1900. A. 12. N. 540. p. 1.

⁶¹ TARDE. Lisboa, 5 maio 1900. A. 13. N. 3.715.

Portugal não estaria sendo “digno do Brasil”, pois demonstrava “uma grande inconsciência moral” ao não dar “fé de que, por pusilanimidade e apoucamento de espírito”, prevaricara e se degradara, ao longo do tempo, permanecendo atrelada à forma monárquica⁶².

A referência ao fato de que fora “oficialmente decretado “dia de gala” em Portugal era também feita pela *Mala da Europa*, a qual acrescentava que as comemorações “a tão memorável data” ultrapassavam “a solene consagração das pompas oficiais”, pois “ela tinha antecipadamente, no coração de todos os portugueses, marcado um lugar bem a parte perante a mais jubilosa emoção e o mais legítimo envaidecimento”. Tal folha considerava assim que “a grande festa que os brasileiros” celebravam, era “essencialmente para” os lusos “também uma festa nacional” e que à “ela com tanto maior entusiasmo” todos se associavam⁶³. Por outro lado, a *Estrela do Minho* preferia dar ênfase às festividades realizadas no Brasil, vinculadas com Portugal, destacando que eram justas “todas as manifestações tendentes a enaltecer a pátria tão querida”, em uma “festa comum dos países irmãos, porque era português Pedro Álvares Cabral” e existia “um grande país na terra por ele descoberta”. Esta mesma folha descrevia que “bandeiras de Portugal e do Brasil irmanadas nas ruas da grande capital brasileira e os nomes dos grandes navegadores nos escudos” pendiam “dos mastros festivos, confraternizando alegremente”, e eram “motivos de alegria” para os lusitanos que sentiam “com paternal carinho as alegrias, como

⁶² A VOZ PÚBLICA. Porto, 5 maio 1900. A. 11. N. 3.106. p. 1.

⁶³ MALA DA EUROPA. Lisboa, 6 maio 1900. A. 6. N. 221. p. 1.

as desventuras do povo irmão". E tal periódico complementava, exclamando que "a pátria brasileira" era o "maior orgulho" dos portugueses, pois ali estava "o exemplo flagrante das suas aptidões colonizadoras e a continuação imperecível da pátria portuguesa"⁶⁴.

Na mesma linha, *O Popular* de Lisboa destacava que Portugal festejava "o quarto centenário do descobrimento do Brasil" e as comemorações haviam sido presididas "por um vivo sentimento de cordialidade, uma sincera afeição, como a que, em verdade", ligava, "desde séculos, portugueses e brasileiros"⁶⁵. A tal respeito, o *Tempo* divulgava que as festas iam "correndo brilhantíssimas", reinando "grande entusiasmo" e uma "confraternização absoluta entre portugueses e brasileiros"⁶⁶. Já o *Imparcial de Arraiolos* comentava que estavam "em festa as terras de Santa Cruz, nas quais "o nome glorioso de um português heroico" andava "na boca do povo, que em ondas", percorria "as ruas do Rio, assistindo, vibrante de entusiasmo, ao panteão de tantas galas e aos esplendores de tão grandiosa comemoração". De acordo com este último jornal, "nas academias, nas sociedades científicas e nos parlamentos, oradores, sábios e eruditos" discorriam "sobre o belo tema, e a pátria portuguesa e a brasileira" permaneceriam "unidas pelas mesmas vozes, em amplexo de simpatia e amizade", devendo para os lusos ser "motivo de grande regozijo, esta festa dos brasileiros, que, comemorando uma data feliz da sua história", o faziam "ao

⁶⁴ ESTRELA DO MINHO. Vila Nova de Famalicão, 13 maio 1900. A. 5. N. 250. p. 1.

⁶⁵ O POPULAR. Lisboa, 6 maio 1900. A. 5. N. 1.408.

⁶⁶ TEMPO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 5. N. 1.134. p. 1.

mesmo tempo” em relação a uma data gloriosíssima” também dos lusitanos⁶⁷.

A irmanação comemorativa era também lembrada por *O Vouga*, ao considerar que a celebração daquele centenário era “uma festa cujos ecos” se repercutiam “pelo Velho e Novo Mundo”, pois “Portugal e Brasil mais uma vez” se davam “as mãos para solenizarem uma das datas mais gloriosas da história dos dois povos”. A tal data a folha prestava “homenagem, fazendo votos para que a importante república” prosperasse “sempre” e tivesse um “viver desafogado, gozando da paz e união” de que necessitavam “os povos”, uma vez que tanto “as suas prosperidades e venturas”, quanto as “vicissitudes que a mesma nação” passasse, também seriam sentidas por Portugal⁶⁸. Já *O Amarense* noticiava que se comemorava “festivamente nas terras de Santa Cruz, no país vigoroso, onde a bandeira das Quinas” levara “a aurora radiosa da civilização, o quarto centenário da sua descoberta, realizada por um português ilustre”, o qual abria “à expansão portuguesa vastíssimos domínios, enriquecendo a coroa” lusitana⁶⁹.

A publicação *Brasil – Portugal*, bem de acordo com seu norte editorial, dedicou várias edições à celebração da data em pauta. Em um desses números, publicou uma alegoria, intitulada “O descobrimento do Brasil”, na qual mostrava a partida das naus lusas do litoral português, sob o signo predominante da religiosidade, simbolizada pela cruz, ao passo que uma musa carregava a efígie

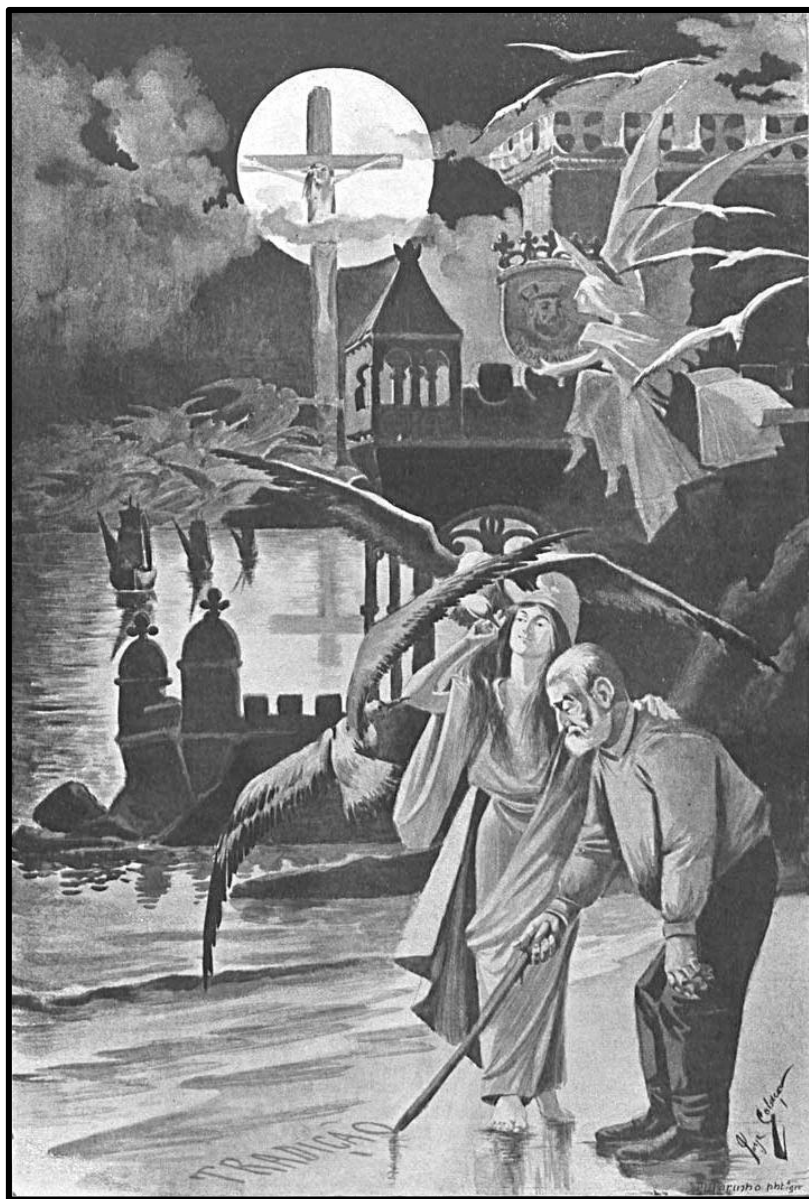
⁶⁷ O IMPARCIAL DE ARRAIOLOS. Arraiolos, 9 maio 1900. A. 3. N. 109. p. 1.

⁶⁸ O VOUGA. São Pedro do Sul, 5 maio 1900. A. 2. N. 76. p. 1.

⁶⁹ O AMARENSE. Amares, 5 maio 1900. A. 3. N. 106. p. 1.

de Pedro Álvares Cabral. O desenho era encenado à beira da praia, sob o revoar das gaivotas, na qual se dava o encontro entre a dama-república, vestida à romana e de barrete frígio, simbolizando o Brasil e a nação portuguesa, designada pelo ancião, que, nas areias molhadas, escrevia a palavra “tradição”, em alusão a um dos elementos fundamentais que estaria a cristalizar os laços luso-brasileiros. Em outra edição, o quinzenário ilustrado estampava uma gravura representativa do povo brasileiro, mostrando, em uma paisagem que misturava leitos de águas com florestas, uma figura feminina tendo ao colo uma criança. Os traços étnicos de ambas revelavam uma das marcas registradas da formação social brasileira – a miscigenação. O jornal mostrava ainda, através de imagens e textos, detalhes da solenidade alusiva ao descobrimento do Brasil ocorrida na Sociedade de Geografia de Lisboa⁷⁰.

⁷⁰ BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, 1º maio 1900. A. 2. N. 31. p. 19.; e 16 maio 1900. A. 2. N. 32. p. 1 e 20-21.



BRASIL-PORTUGAL

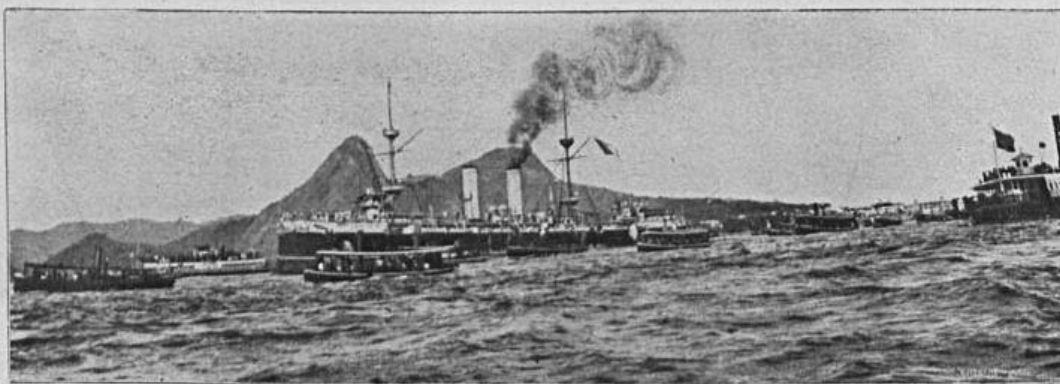
16 DE MAIO DE 1900

N.º 32

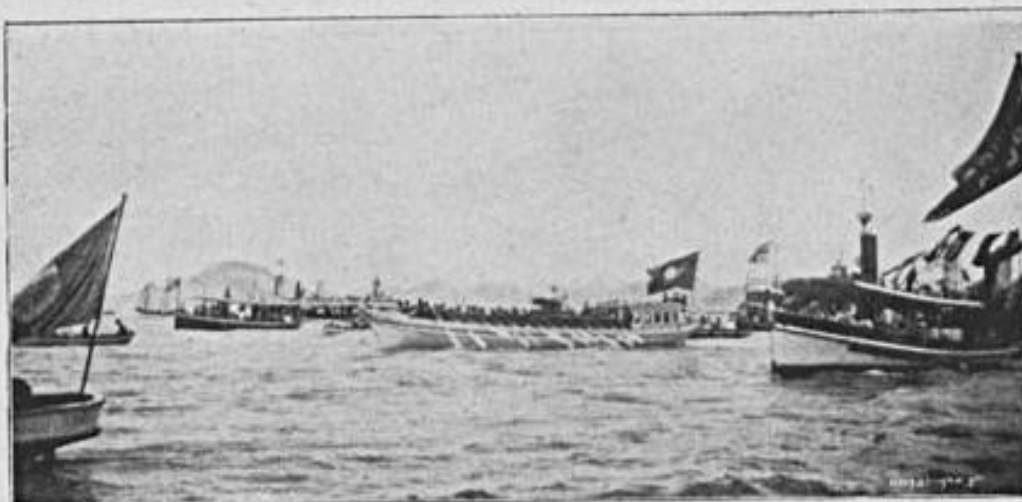


manifestações públicas com que Lisboa e outras cidades do velho reino” tinham celebrado “o glorioso acontecimento, as palavras do chefe de Estado que, representando a nação inteira”, enviara “ao povo uma saudação afetuosa e um ardentíssimo voto pelas suas prosperidades, que o entusiasmo de uma assembleia portuguesa, consciente, ilustrada e responsável” cobrira “com aplausos rasgados e aprovação unânime”. O jornal ainda faria uma cobertura fotográfica da visita do cruzador lusitano *D. Carlos* e do desembarque do representante diplomático português, no Rio de Janeiro, em atividades alusivas à data. Publicava também duas gravuras, referindo-se à passagem daqueles quatro séculos, na primeira, indígenas observavam uma caravela que se afastava do litoral, identificada com a data de 1500, e, na segunda, era a vez de cidadãos brasileiros saudarem a belonave lusa, aparecendo nela a indicação do ano de 1900⁷¹.

⁷¹ BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, 16 maio 1900. A. 2. N. 32. p. 1 e 20-21.; e 1º junho 1900. A. 2. N. 33. p. 21-22.

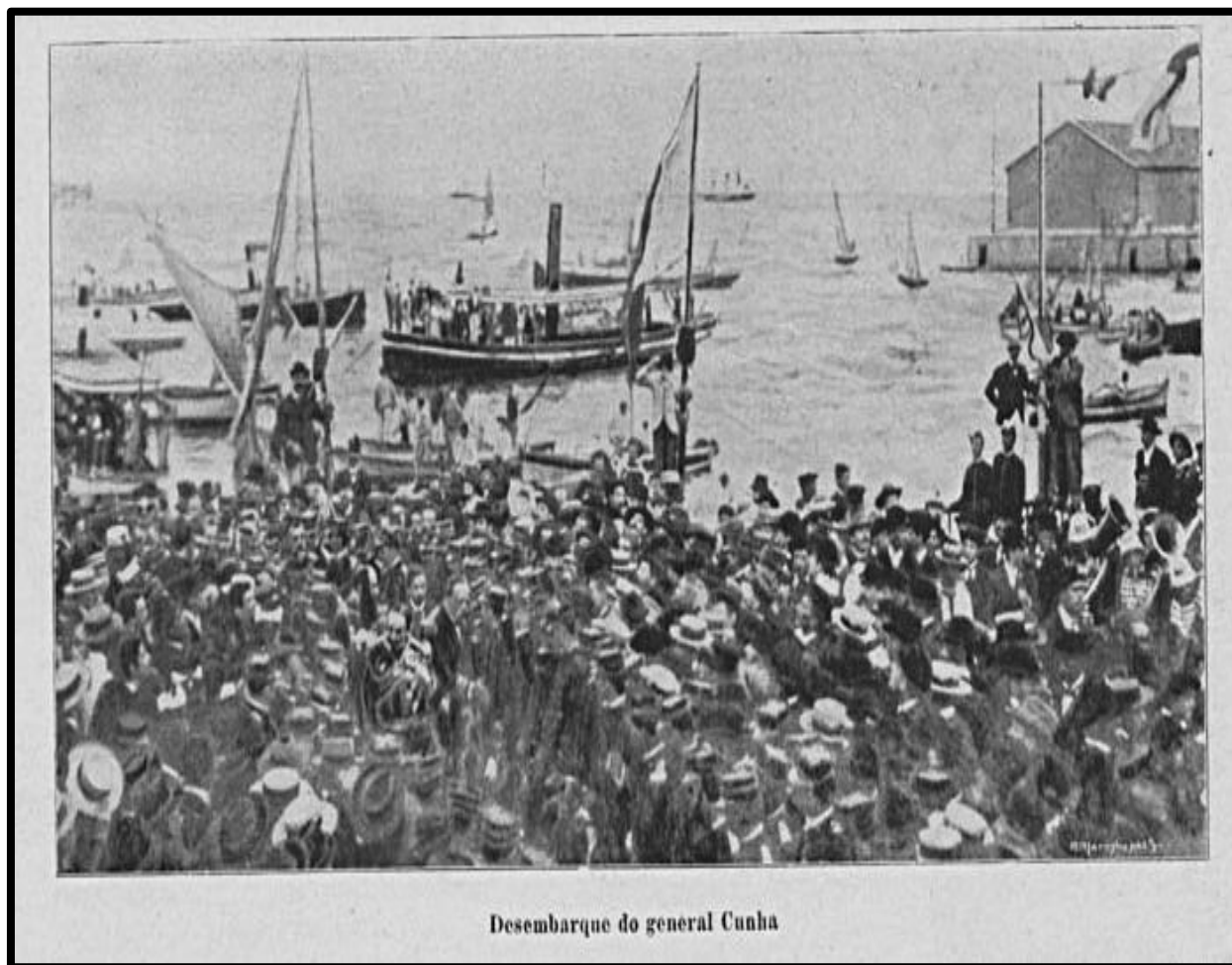


Entrada do cruzador na bahia



A galeota D. JOÃO VI conduzindo para o caes o general Cunha

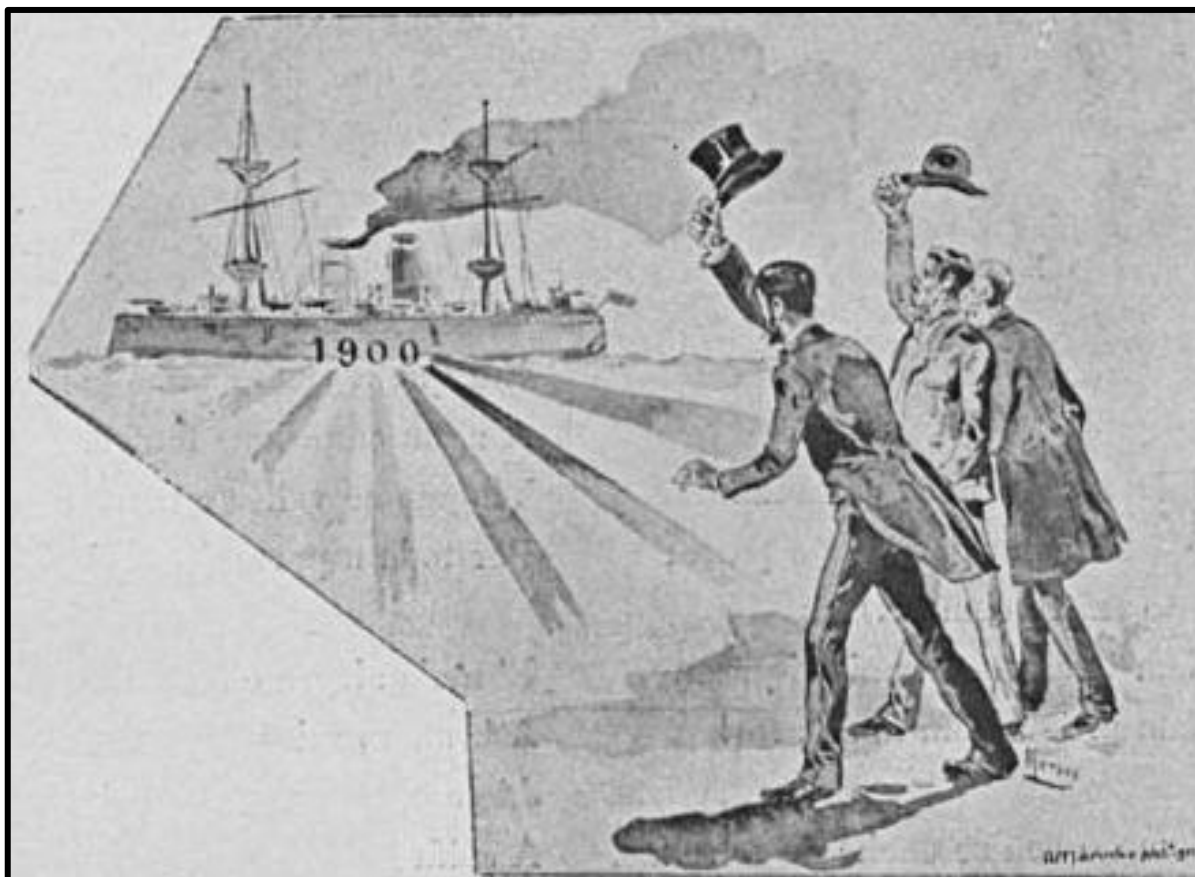
O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA



Desembarque do general Cunha



O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA



De tendência republicana, *A Pátria* associava-se às comemorações, mas não perdia a oportunidade de fazer alusão a seus princípios ideológicos. Nesse sentido, dizia que, naquele “momento em que todos os Estados Unidos do Brasil” comemoravam “a data gloriosa do seu descobrimento”, caberia aos lusos fazer o

mesmo, como “um grande dever e um grande júbilo”, mas “muito sinceramente e cordialmente, sem a hipocrisia das contumélias oficiais e sem a ostentação da retórica de estilo”. A folha esclarecia que lhe cabia “o dever de saudar o Brasil em nome” do republicanismo português, e tal “saudação, por mais despretensiosa” que fosse, não poderia “deixar de ter um alto significado político”, uma vez que, se havia “um país que pela força das circunstâncias e pelo incentivo do seu próprio exemplo”, tinha “concorrido para o desenvolvimento e para a propaganda da ideia republicana em Portugal”, ele seria “o Brasil”. Para o periódico, “os brasileiros, em 15 de novembro de 1889, prestaram o melhor serviço que poderiam prestar ao velho Portugal, e os ecos daquela gloriosíssima revolução” viriam a “repercutir nas almas portuguesas com a esperança de uma grande reabilitação, e de uma nova era de moralidade”⁷².

O tema da associação festiva voltava à baila através de *O Aguiarense*, de acordo com o qual era “à memória de um português que ali” se prestava “a significativa homenagem devida ao valor e ao mérito”, de modo que não poderiam “os regozijos cívicos dos brasileiros”, no “quarto centenário do grande sucesso da descoberta da briosa nação irmã, ficar sem o concurso solene de Portugal”. Perante tal asserção, a mesma folha informava que foram organizadas festividades e “decretado de gala o dia” para que todos pudessem se “associar e confundir no calor daquela santa consagração, nos entusiasmos

⁷² A PÁTRIA. Lisboa, 6 maio 1900. A. 2. N. 428. p. 2.

vibrantes dessa memorável comemoração nacional”⁷³. Já *O Bracarense* destacava que Portugal comemorava “jubilosamente esse acontecimento, que avultou perante o mundo o nome de Pedro Álvares Cabral”, demonstrando “publicamente a consideração e amizade pelo país” onde deixara “radicadas a raça e a língua”, devendo todos, “por entre demonstrações públicas”, celebrar, “irmanados com o Brasil, o grande acontecimento, do quarto centenário”⁷⁴. Finalmente, *O Norte* dizia que “desde a parte mais oriental da América do Sul até os extremos ocidentais da Europa, às bordas do grande Mar Atlântico”, ressoava, “numa larga toada, épica, imensa, gigantesca, essa colossal saudação fraterna” que fixava, “num estádio eterno, a famosa aventura de Pedro Álvares Cabral”⁷⁵.

Assim, as publicações periódicas portuguesas deram amplo destaque ao conjunto de solenidades e atos festivos em torno das comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Em linhas gerais, a imprensa lusa divulgou e estimulou tais práticas comemorativas, exortando a todos a delas participarem, em muitos locais do reino. Uma das ideias mais presentes era a de que não se tratavam de festejos exclusivamente brasileiros, devendo as antigas colônia e metrópole comemorarem juntas, tendo em vista que Portugal, como a nação descobridora, promovera a gênese de uma sociedade que se consolidara, dando origem ao Brasil. Dessa maneira, o jornalismo lusitano propunha que,

⁷³ O AGUIARENSE. Vila Pouca de Aguiar, 5 maio 1900. A. 1. N. 51. p. 1-2.

⁷⁴ O BRACARENSE. Braga, 4 maio 1900. A. 1. N. 49. p. 1.

⁷⁵ O NORTE. Porto, 4 maio 1900. A. 1. N. 86. p. 1.

irmanadas, as pátrias lusa e brasileira, se unissem jubilosas, no conjunto de comemorações alusivas àquela efeméride.

A indissociabilidade luso-brasileira

O jornalismo português foi unânime em identificar as celebrações do transcorrer do quarto século da descoberta do Brasil como um momento extremamente propício para estreitar ainda mais os laços luso-brasileiros. As tendências recentes de tensão e afastamento entre os dois países, vinham sendo progressivamente superadas e a ocasião daqueles festejos ganhava corpo como oportunidade ideal para uma retomada plena da reaproximação e da reconciliação. As justificativas não faltavam, calcadas em história, tradições e língua comuns, de maneira que se tornaram extremamente recorrentes às invocações de que os vínculos fraternais, paternais e/ou de amizade se consolidassem cada vez mais entre lusitanos e brasileiros, que deveriam aprimorar progressivamente o espírito de união entre eles.

Voltando sua construção discursiva à exaltação dos laços brasileiro-lusitanos, o *Jornal do Comércio* declarava que nada poderia trazer “mais agrado entre” os portugueses para as celebrações voltadas ao quarto centenário do descobrimento, “do que a certeza de que o coração do Portugal americano” batia “uníssono com o do Portugal europeu”. Acompanhando alguns dos passos da formação histórica brasileira, o periódico lisbonense considerava que o Brasil mostrara-se digno pela sua independência “porque nos momentos solenes” não

esquecia nem renegava “a maternidade lusitana”, pela qual se confundia “a história das duas nações e o sangue dos dois povos”, os quais, “comumente” falavam “a querida, maviosa e imperecível língua portuguesa”⁷⁶. O *Comércio do Porto* era outra publicação lusitana que enfatizava o momento oportuno para o estreitamento de vínculos:

Hoje, as duas nações irmãs, Brasil e Portugal, celebram o quarto centenário do descobrimento das terras de Santa Cruz, evocando-se esse fato histórico, de que derivou mais tarde a fundação da grande pátria brasileira, no meio de sentimentos fraternais, de júbilos mútuos e de expressivas demonstrações, significativas dessa corrente de afetos e relações, que nada pode alterar nem ensombrar, e que há de existir sempre enquanto a formosa língua de Camões tiver por intérpretes os dois povos da mesma raça, enquanto o sublime poema do grande cantor fizer vibrar de entusiasmos os que se gloriam de descender dos intrépidos navegantes que devassaram todos os segredos do Mar Tenebroso (...).

Confraternizando nesta celebração, Brasil e Portugal dão mais uma vez o exemplo de reciprocidade absoluta de sentimentos. Tanto nas alegrias como nas tristezas, tanto na felicidade como na desventura, as duas nações nunca deixam de se encontrar ao lado uma da outra. Quantas vezes o Brasil não se tem desentranhado em dedicações, quando o nosso país arca com a desgraça, e quantas vezes em Portugal não se tem repercutido o eco das amarguras brasileiras! Instintivamente os dois povos associam-se, compreendendo assim que os seus destinos históricos convergem para o mesmo fim e que são tais os interesses a ligá-los, que nada os poderá desunir. (...)

Bem atestado fica à face do mundo que nas duas margens do Atlântico, no litoral americano e no litoral europeu, existem duas nações que, pelo sangue, pela afinidade dos interesses e pela reciprocidade dos sentimentos, hão de compreender-se sempre e seguir nas lutas fatigantes da vida a orientação que até aqui tem sido a sua norma, estreitando ainda mais, se é possível, os laços que as unem.

⁷⁶ JORNAL DO COMÉRCIO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 47. N. 13.915. p.1.

Do quarto centenário do descobrimento do Brasil e da sua celebração só podem resultar as mais afetivas manifestações de simpatia entre os dois povos irmãos e, como consequência, a melhor compreensão dos seus interesses.⁷⁷

Os votos de união eram também expedidos pelo *Diário de Notícias*, ao dizer que o Brasil era “um filho” que fazia “o orgulho da mãe-pátria”, de modo que se naquele país se festejava “com o máximo entusiasmo e esplendor o grandioso acontecimento”, a bandeira lusa “neste troféu”, se cruzava “imediatamente, num laço fraternal, com a bandeira brasileira”⁷⁸. No mesmo sentido, a *Correspondência de Coimbra* afirmava que Portugal e Brasil eram “terras irmãs pelo sangue, pela língua, pelos costumes, pelo amor da pátria e pela liberdade”, de modo que um sempre pertenceria ao outro, pois ambas as nações tinham “uma só alma” e viviam “insufladas pelo imenso e sublime amor”, que estreitava e unia “os corações dos dois povos – o coração da mãe e o do filho”⁷⁹. Já *O Ocidente* saudava à “pátria irmã” e ao “povo daquelas regiões de além do Atlântico”, o qual estava ligado “por laços de sangue e por amizade profunda à terra” em que vira a “luz da existência o homem” que dera “a ele a luz da autonomia”, de modo que, “desde o ano da descoberta”, teriam sido criados “afetos recíprocos” que não poderiam “se obliterar jamais”⁸⁰.

⁷⁷ COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 5 maio 1900. A. 47. N. 104. p.1.

⁷⁸ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 5 maio 1900. A. 36. N. 12.359. p. 1.

⁷⁹ CORRESPONDÊNCIA DE COIMBRA. Coimbra, 10 maio 1900. A. 29. N. 19. p.1.

⁸⁰ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 10.

Garantindo sua postura moderada dos últimos tempos, *O Século* afirmava que, “volvidos quatro séculos, a amizade entre portugueses e brasileiros” subsistia “ainda, arreigada no coração como uma indestrutível aliança íntima, que nenhuma força humana” poderia quebrar. A folha pregava que, naquela “hora de consagração”, não poderia “Portugal esquecer o povo brasileiro”, que tinha “seguido intemeratamente o seu caminho, emancipado e nobre, na sua missão civilizadora e humanitária”. O jornal lembrava que viviam “no Brasil milhares de portugueses”, dizendo estar certo “de que para eles”, como para os lusos residentes no reino, aquele “festivo acontecimento” ecoaria “gratamente na sua alma, formando mais um elo da cadeia” que ligava ambos os povos “desde tantos séculos”. Complementando tal ideia, o periódico enfatizava que “nem uma nuvem” empanara “a cordialidade de relações que começaram” desde o descobrimento e ligaram até então “os dois povos irmãos”. Explicava que, “emancipado, desenvolvido, tendo diante de si o largo futuro que aos seus florescentes estados” abria “o regime federal”, se o Brasil não mais pertencia a Portugal “pelo domínio político”, assim continuava “pelo sentimento e pelo coração”. Nessa linha, concluía, desejando “que o centenário da descoberta” fosse “um novo motivo de aproximação para os dois povos”⁸¹.

Para o *Correio da Noite*, tanto lusitanos como brasileiros, não deixavam de ser portugueses, pois “as brisas do Atlântico” traziam e levavam “ecos de saudações fraternais”, em um quadro pelo qual “o filho emancipado” transformara-se “em irmão estremecido”, não constituindo “terra estranha” para

⁸¹ O SÉCULO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.582. p. 1.; e 6 maio 1900. A. 20. N. 6.583. p. 1.

nenhum deles, “o solo dos dois países”. Deixando de lado os condicionantes geográficos, figurativamente, este jornal dizia que “para o afeto mútuo, o oceano” não existia, encontrando-se “as bandeiras dos dois povos no alto mar”, saudando-se “com respeito e com amor” e “ambos demandando a pátria”⁸². Por sua vez, *O Povo de Aveiro* destacava que, a partir da “descoberta do Brasil”, desenvolvera-se “um povo filho pelo sangue e pela língua, que os sucessos históricos tornaram politicamente diferente da mãe pátria, como o Oceano e o clima” o haviam feito, “desde o princípio, pela geografia”⁸³.

Também no espírito da associação plena, o jornal *Novidades* defendia que tudo o que contribuísse “para estreitar a cordialidade e intimidade de relações entre o Brasil e Portugal” seria “um fator importante para o desenvolvimento das prosperidades” dos lusos, “segundo os destinos” que estes ambicionavam “para o seu país”. De acordo com o periódico, em Portugal, geralmente se fazia “política de sentimentalismos em tudo” o que dizia “respeito às relações externas”, constituindo “este um dos defeitos capitais da orientação ou desorientação do espírito público”. Entretanto, fazia a ressalva de que, no “caso do Brasil, as razões de sentimentalismo” concordavam “plenamente com as razões de conveniência”, ou seja, “o coração” estava “de acordo com a cabeça”. Nesse sentido, a folha apontava que “sentimentos de afeição, confraternidade de origens, comunidade de caráters, colaboração estreita entre os representantes das duas nacionalidades” coincidiam “com as razões de política superior”, a qual

⁸² CORREIO DA NOITE. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.267. p. 1.

⁸³ O POVO DE AVEIRO. Aveiro, 6 maio 1900. A. 14. N. 832. p. 1.

deveria estar “subordinada a política portuguesa para que o país” pudesse “ainda refulgir com gloriosos destinos”⁸⁴.

Mantendo a linha de pensamento, a mesma publicação declarava que via “com infinita satisfação, que no Brasil”, no que tange às suas relações exteriores para com Portugal, predominava “idêntica apreciação das circunstâncias e conveniências, e análoga expansão de sentimentos afetuosos”. Dessa maneira, considerava que “esta concordância” era “do melhor efeito e de importância magna para o estabelecimento definitivo das condições”, nas quais tinha de se “assentar a política internacional” lusitana, dependendo da mesma, “essencialmente, todas as questões de administração interna, que tanto” preocupavam. Perante tais circunstâncias, o periódico *Novidades* ansiava “que os governos de uma e outra nação, compenetrando-se dos deveres, que esta solidariedade de origens” lhes impunha “para a solidariedade dos destinos”, soubessem “sempre, através de todas as vicissitudes, e das legítimas variações” existentes “na independência de cada uma delas, encaminhar no sentido da mais íntima confraternidade social e política as relações entre os dois povos”. Assim, determinava que aqueles eram os seus “sinceros votos”, associando-se “entusiasticamente aos júbilos da comemoração” em torno da data celebrada⁸⁵.

Ao comemorar o quarto centenário daquele “vastíssimo Estado da América meridional” o *Damião de Góis* afirmava que, “apesar de separados pela imensa extensão do Atlântico”, ao Brasil os portugueses estavam “estritamente

⁸⁴ NOVIDADES. Lisboa, 4 maio 1900. A. 16. N. 4.936. p. 1.

⁸⁵ NOVIDADES. Lisboa, 4 maio 1900. A. 16. N. 4.936.; e 5 maio 1900. A. 16. N. 4.937. p. 1.

ligados, não só pelos laços de uma sincera amizade, mas ainda pelos vínculos de parentesco, tão próximo, como aqueles” existentes “entre mãe e filho”. Tal folha concordava que “os dois países” estavam “politicamente separados, contudo, a unidade de raça, o interesse mútuo e as tradições históricas” deveriam “ligar sempre portugueses e brasileiros”⁸⁶. Em sentido próximo, *O Distrito de Castelo Branco* dizia que o Brasil ficara independente de Portugal, “mas a língua de Camões” permanecera “a atestar a capacidade colonizadora” lusa, de modo que “brasileiros e portugueses ficaram sempre irmãos pelo sangue, pela língua e pelo sentimento”, de modo que continuavam irmãos através dos séculos e “a língua e o sangue” faziam “da grande república sul-americana a nação do mundo a que mais estreitamente” os lusitanos sentiam-se ligados⁸⁷.

Em meio ao enaltecimento pelo aniversário da descoberta do Brasil, a *Tarde* expressava a opinião de que um sentimento que vinha “legitimar a celebração festiva” era “o da amizade” que estreitava as relações do “povo brasileiro” ao lusitano, de maneira que ficavam unidos “ambos na mesma comemoração gloriosa”. De acordo com o jornal, os portugueses permaneciam “presos ao Brasil” por “vínculos de sangue” que não se desfaziam “e tradições” que não se apagavam, considerando que “as almas de ambos os povos” traduziam “as suas aspirações na mesma língua”. Apelando para o valor da unidade linguística, o periódico destacava que “a comunidade da linguagem” era “um agente invencível de comunhão afetuosa”, pois constituía “também o

⁸⁶ DAMIÃO DE GÓIS. Alenquer, 6 maio 1900. A.15. n. 749. p. 1.

⁸⁷ O DISTRITO DE CASTELO BRANCO. Castelo Branco, 5 maio 1900. A. 12. N. 540. p. 1.

documento imorredouro e vivo do parentesco sanguíneo” que aproximava “as duas pátrias”⁸⁸.

Fazendo uma pequena, mas firme referência aos seus princípios, a folha republicana *Vanguarda* ressaltava que era “motivo de orgulho recordar” que o Brasil era uma pátria que caminhava “para a suma perfeição” e constituía, ao menos “em parte uma obra portuguesa”. Segundo essa publicação antimonárquica, a nação brasileira fora “lavrada pelo arado próprio”, conservando-se ali, “contudo, profundos sulcos do trabalho” lusitano. A folha considerava ainda que, “a língua” que se falava “nos dois países” era “um grande traço de união entre os povos”, mas que, além dela, havia outros fatores que serviam para conservar entre lusos e brasileiros “a recordação de irmãos”, estando entre elas, “as tradições e as reminiscências do passado”. Diante disso, o periódico propunha que todos cantassem “uníssonos o mesmo hino de alegria, de glória e de fraternidade”, robustecendo “as cadeias” que ligavam ambos os povos, fazendo-os “fortes para o futuro”⁸⁹.

Articulado à intenção de converter as comemorações pelo centenário em oportunidade de aproximação entre lusos e brasileiros, *O Correio de Chaves* exaltava que “quatro séculos passados e o monarca português e o povo lusitano” permaneciam irmanados “com o seu irmão d'além-Atlântico para festejarem a descoberta do Brasil, país poderoso” que viria a atestar “à posteridade a grandeza e sublimidade da ação colonizadora da nação portuguesa”. Dando ênfase à

⁸⁸ TARDE. Lisboa, 5 maio 1900. A. 13. N. 3.715. p. 1.

⁸⁹ VANGUARDA. Lisboa, 5 maio 1900. A. 10. N. 3.200. p. 1.

passagem dos anos, o jornal dizia que aqueles quatro séculos tinham “desaparecido na voragem dos tempos” e, durante eles, “a alma portuguesa” não deixara de se regozijar “com as glórias” e nem mesmo de se confranger “com os revezes”, ou ainda se orgulhar “com os triunfos”, ou se cobrir “de crepes com os infortúnios do grande povo brasileiro”, definido, acima de tudo, como “seu irmão”⁹⁰.

A continuidade desses vínculos era comentada pelo *Correio Nacional* que destacava a independência do Brasil, como o momento em que se quebravam “os laços da soberania”, mas permanecia “intacta a íntima solidariedade” que derivava “das afinidades do sangue, da comunidade de língua e da harmonia de interesses”. Segundo o jornal, todos reconheciam, “no Brasil como em Portugal, a conveniência de estreitas relações afetuosas que, entre si”, deveriam “manter os dois povos irmãos”. Dessa maneira, o periódico manifestava o desejo de que “a comemoração de uma data gloriosa entre todos” contribuísse para que se estreitassem ainda mais “os laços de fraternal convívio entre dois povos irmãos”, apontando que esse deveria “ser o voto de todos os portugueses”. Para a folha, “o povo brasileiro” tinha “a consciência de íntima solidariedade” que o unia “à nação portuguesa” de maneira que, naquele centenário, as celebrações constituíam “uma festa de família”⁹¹.

A ideia da comunhão luso-brasileira era também abordada por *A Folha de Lisboa*, ao lembrar que, naquela “ocasião em que o Brasil” festejava “a sua

⁹⁰ O CORREIO DE CHAVES. Chaves, 12 maio 1900. A. 9. N. 21. p. 1.

⁹¹ CORREIO NACIONAL. Lisboa, 5 maio 1900. A. 8. N. 2.157. p. 1.

gloriosa descoberta”, não poderiam os “portugueses deixar de se associar a esse regozijo” que também seria deles. Na perspectiva do periódico, eram “decorridos quatrocentos anos e o perpassar desse longo período mais ainda” tinha “servido para apertar fortemente os laços” que ligavam os dois povos. Considerava que “Portugal e Brasil não” eram “duas nações estranhas” e sim “duas nações irmãs” que falavam “a mesma língua” e tinham “os mesmos sentimentos”, sendo que, “uma e a outra” tinham “cumprido o seu dever”. O jornal enfatizava ainda que, aquele “momento em que a bandeira do Brasil” se abraçava “com a bandeira azul e branca” portuguesa, era o mais propício para uma “fraterna saudação”, carregada de “toda a alegria pela gloriosa data”⁹².

Ainda por ocasião da efeméride do quarto centenário do descobrimento, a *Mala da Europa* afirmava que “nunca tão eloquentemente” se sentira e demonstrara, como naquele momento, o quanto era “íntima, essencial e profundamente radicada a confraternidade destes dois povos irmãos, que secularmente se afizeram a dar as mãos através da imensidade azul do oceano”. De acordo com a folha, “a celebração do centenário do descobrimento do Brasil” era “uma festa comum” aos dois povos, pois, “se aos brasileiros” pertencia “pela significação e os resultados, também aos portugueses” respeitava “pela iniciativa”. O periódico enfatizava que já fazia “quatro séculos que uma tradicional unificação” cingira “os destinos” brasileiro-lusitanos, fazendo “solidária a vida social” de ambos⁹³.

⁹² A FOLHA DE LISBOA. Lisboa, 6 maio 1900. 2ª série. N. 80. p. 2.

⁹³ MALA DA EUROPA. Lisboa, 6 maio 1900. A. 6. N. 221. p. 1.

Na visão da mesma publicação, durante todas aquelas centúrias, “em todos os grandes momentos e manifestações da atividade coletiva, portugueses e brasileiros” haviam se acostumado “a fazer comuns as alegrias e a mutuamente levar conforto e remédio aos infortúnios”. A *Mala da Europa* considerava que, “nestas condições, a mesma grata simpatia, a mesma simultânea afetividade logicamente” determinaram, “num e no outro hemisfério, idênticas repercussões, pelos acontecimentos” que eram “apanágio da glória comum”, tais como “a característica do gênio e o privilégio da raça” idênticos. Para a folha, tal “jucundo fenômeno” estava se repetindo por ocasião do centenário, quando as relações luso-brasileiras tornavam-se ainda “da mais familiar afetuosidade e gentileza”, de modo que tais povos não se saudavam “como dois amigos”, e sim se abraçavam “como dois irmãos”. Diante disso, o jornal manifestava que todos os seus votos eram “para que, partindo deste magnífico exemplo de identificação moral, os laços entre os dois povos cada vez mais” se estreitassem⁹⁴.

Também levando em conta a pauta do centenário, *O Popular* de Lisboa dizia que tal “fato bastaria a demonstrar a mútua estima, a estreita cordialidade que tão intimamente” ligava “os dois povos que geograficamente o mar” separava, “mas que as tradições comuns e vínculos seculares” tinham “irmanado sempre através do oceano e do tempo”, mantendo as “recíprocas ligações de amizade tradicional”⁹⁵. Seguindo a mesma premissa, *A Verdade*

⁹⁴ MALA DA EUROPA. Lisboa, 6 maio 1900. A. 6. N. 221. p. 1.

⁹⁵ O POPULAR. Lisboa, 6 maio 1900. A. 5. N. 1.408.

ressaltava o brasileiro como o “povo irmão oriundo da mesma raça, falando a mesma língua, preso” aos lusos “pela tradição e pelos costumes” e que haveria “de continuar sempre estreitamente ligado a Portugal por uma cadeia” que durara “quatro séculos”. Para este periódico, o mar que beijava e afagava “as plagas brasileiras” era “o mesmo” que cantava e murmurava “na areia loura das praias” lusitanas, considerando que, se Portugal olhava “para o passado” e se revia “com saudade e orgulho”, o Brasil alongava “os olhos para o futuro e nele” adivinhava “os grandes destinos” que lhe estavam preparados. Na concepção desta última folha “portugueses e brasileiros, irmãos e amigos”, como “dois filhos da mesma mãe bem amada”, confraternizavam naquele momento festivo⁹⁶.

A proximidade dos dois povos era também destacada por *O Vouga*, ao relatar que em 1822 nascera “uma nova nacionalidade”, e, “todavia, lá ficaram os irmãos, os interesses, os costumes e o idioma” dos portugueses, de maneira que ambos continuariam “sempre em estreitíssimas relações” que se conservariam “sempre”⁹⁷. Com perspectiva similar, *O Amarense* afirmava que o Brasil era “um filho emancipado do velho Portugal, mas a ele ligado, ainda por laços que não” se quebravam, e que viriam a se “estreitar perduravelmente” entre “dois povos que foram um só povo e tiveram uma só história”⁹⁸. A respeito de tal tema, *A Pátria* concluía que “o fato capital e culminante” seria “que o Brasil era

⁹⁶ A VERDADE. Marco de Canaveses e Baião, 18 maio 1900. A. 3. N. 125. p. 1.

⁹⁷ O VOUGA. São Pedro do Sul, 5 maio 1900. A. 2. N. 76. p. 1.

⁹⁸ O AMARENSE. Amares, 5 maio 1900. A. 3. N. 106. p. 1.

fundamente português nas suas tradições”, sendo “o mais grandioso monumento que a pátria” lusa legara “à civilização humana”, de modo que fazia “votos para que a gente portuguesa, de uma e outra banda do Atlântico”, caminhasse “unida na conquista do bem e do belo”⁹⁹.

Sem deixar de lado suas convicções republicanas, *O Norte* também enaltecia que lusos e brasileiros estavam irmanados havia “quatro séculos, pelo influxo da raça”, e, “quase onze anos pelo germe humanitário das instituições políticas que ali” passaram a viver, não podendo, “os republicanos portugueses, deixar de tomar parte vivíssima na festa” então celebrada. Enfatizando a independência e a república no Brasil, o jornal declarava que era “pela evidência desta dupla vitória e pelos sentimentos que elas” despertavam, que os republicanos lusos saudavam “a formosa, a próspera e a humanitária república”. Ainda pregando a comunhão pelo viés político, tal periódico vaticinava que “irmãos pelo sangue, pelas tradições e pelo ideal, o futuro” juntaria “algum dia, na comunidade do mesmo ato, a santidade das aspirações” de ambos os países e “só então”, poderia, “todo o português com alma, chamar a todo o brasileiro um seu irmão”¹⁰⁰.

Desse modo, o periodismo lusitano estabeleceu uma construção discursiva praticamente linear e uniforme quanto a enxergar a celebração da passagem dos quatro séculos do descobrimento do Brasil como uma ocasião especial para comentar os laços que aproximavam o país tropical da sua antiga

⁹⁹ A PÁTRIA. Lisboa, 5 maio 1900. A. 2. N. 427. p. 1-2.

¹⁰⁰ O NORTE. Porto, 4 maio 1900. A. 1. N. 86. p. 1.

metrópole. Para os jornais nem as razões geográficas, nem o passar do devir histórico eram considerados obstáculos para as boas relações luso-brasileiras, de modo que condicionantes com um oceano de distância e a passagem de quatro centúrias, com várias transformações transcorridas, eram deixados de lado, ou até utilizados como figuras de linguagem, para demonstrar a comunhão entre os dois países. De acordo com tal linha de pensamento, as folhas lusas pretendiam a superação plena das discórdias anteriores e a afirmação, se possível definitiva, dos vínculos de amizade e fraternidade entre os povos português e brasileiro.

Esplendores, riquezas e pujanças do Brasil

O jornalismo lusitano teceu os mais variados tipos de elogio ao Brasil no ensejo das comemorações do quarto centenário do descobrimento. As folhas impressas não cansaram de lançar qualificativos positivos à antiga colônia portuguesa na América, considerando-a como uma continuadora daquilo que costumavam denominar de civilização portuguesa. O Brasil era visto como um país pujante, entre outras razões, pelos seus avanços, pela sua extensão, pelas suas incomensuráveis riquezas e pela posição hegemônica que estaria a ocupar no contexto sul-americano. Tantos louvores advinham da intenção de demonstrar que Portugal, apesar de constituir um pequeno reino em termos geográficos e de ter perdido o esplendor de seu império, teria também desempenhado um papel competente na formação da sociedade brasileira,

muitas vezes caracterizada como uma comunidade portuguesa instalada nos trópicos d'além-mar.

Identificado a “paternidade brasileira”, o *Jornal do Comércio* afirmava que, mesmo após a emancipação, o Brasil “mais glorioso” resultava, de modo que fora melhor “para Portugal ter dado pacificamente o ser a um vasto e livre império, transformado numa grande república, do que ter contado, durante mais algum tempo” com “mais uma colônia, entre as muitas” que possuía. Segundo o periódico, o Brasil fora “digno da sua independência, pelo progresso material e moral” e por ter mantido os laços com a antiga metrópole. Considerava que “de pequeno” se fizera “grande o Brasil”, ao passo que, “de grande” se ia “fazendo pequeno Portugal”, mas tudo isso seriam “fados, e se Portugal” se estiolava “na Europa”, reverdecia “na América”, através do Brasil, pois “a grandeza”, dele seria também a dos lusitanos, não devendo “haver inveja” em tal questão¹⁰¹.

Com certo pessimismo, este mesmo jornal destacava que, se Portugal continuasse “decaindo, sem outro ressaíbo, que o de uma saudosa melancolia”, os lusos poderiam “sempre corresponder aos ecos da sua amizade”, saudando o Brasil “por cima das águas do mar” e com “a mesma brisa” que enfunara “as velas da nau de Álvares Cabral”¹⁰². Em sentido próximo, o *Diário de Notícias* aclamava “ao mesmo tempo a vitalidade e a prosperidade da grande república do sul da América”, aproveitando aquele que era “um dos episódios mais gloriosos e propícios da epopeia marítima” lusitana. Tal folha também

¹⁰¹ JORNAL DO COMÉRCIO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 47. N. 13.915. p.1.

¹⁰² JORNAL DO COMÉRCIO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 47. N. 13.915. p.1.

considerava que “quanto mais brilhante e afortunado” fosse “o destino” do Brasil, tanto maior seria “o regozijo íntimo” dos portugueses, orgulhosos de sua “história”, indicando que a recíproca seria verdadeira, pois, “a árvore frondosíssima” não se envergonharia “da pequena, mas vigorosa semente” que lhe dera existência¹⁰³.

Admirador do Brasil já havia certo tempo, *O Primeiro de Janeiro* foi outra publicação lusa que chamou atenção para as grandiosidades de tal país. Nesse sentido, declarava que das terras brasileiras teriam vindo “dias de glória” e nelas “se desenrolaram páginas esplendentes da história” lusitana, constituindo o Brasil, até aquela virada de século, “o mais belo testemunho da expansão colonizadora da raça e o grande amparo para a vida e a força do povo português”. De acordo com o periódico portuense, as celebrações em torno do “centenário da descoberta” do Brasil deveriam consistir em um momento profundamente “saudado por todos, em memória do passado” português, o qual seria “de heroísmos”, bem como “em nome do futuro” que haveria “de ser sempre vinculado à grande e poderosa nação d'além-mar”¹⁰⁴.

Para tal publicação, ao longo do tempo viera do Brasil para Portugal “a riqueza, a paz, a força, o sustento de milhares de famílias, o desenvolvimento de tantas das regiões de província”, constituindo “a providência e o grande iniciador de fecundos melhoramentos”. Nessa linha, *O Primeiro de Janeiro* afirmava que recursos tinham sido “mandados desde séculos” por “esse

¹⁰³ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 5 maio 1900. A. 36. N. 12.359. p. 1.

¹⁰⁴ O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto, 5 maio 1900. A. 32. N. 104. p. 1.

abençoado Brasil, tão opulento e tão rico”. Comparava tais riquezas ao ouro enviado na sua própria forma, ou na dos “bagos do seu café, do açúcar que escorreria dos seus engenhos, das madeiras das suas florestas”, além das finanças mandadas “em troca da vida dos filhos e dos produtos das terras” lusitanas. O jornal enaltecia também o “sol fecundante e vivificador” do Brasil, bem como “a sua terra banhada pelo mesmo oceano” que embalava aquele “pequeno e adorado cantinho do mundo” na península ibérica. Saudosa, a folha lembrava o quanto precisava daquelas riquezas aquele “exausto e mísero rincão da terra que outrora” avassalara “o mar e cujos portos foram os mais comerciais, cortados de florestas de navios do mundo inteiro”. Diante disso, concluía que era inevitável manifestar “gratidão e afeto profundíssimo, para filhos que tanto” acudiam “à velha mãe, cansada de sofrer e minguada de recursos”¹⁰⁵.

Sem manifestar esta carga de pessimismo quanto ao contexto nacional, até para não atingir alguns dos princípios que sempre defendeu, o *Diário Ilustrado* também enaltecia as pujanças brasileiras. Dessa maneira, o jornal lisbonense destacava “a riqueza do subsolo, a orografia e a hidrografia brasileiras”, argumentando que “o clima e a sua posição geográfica” explicavam as condições que tornaram propícias para que “ali a raça portuguesa” tivesse conseguido “criar o povo mais dúctil e humano de toda a América”. Sem mais tocar no assunto da mudança na forma de governo brasileira que tanto criticara no passado, o periódico sustentava que, naquele fim de centúria, ninguém duvidava “dos destinos do Brasil, o grande povo livre” que representava “na

¹⁰⁵ O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto, 5 maio 1900. A. 32. N. 104. p. 1.

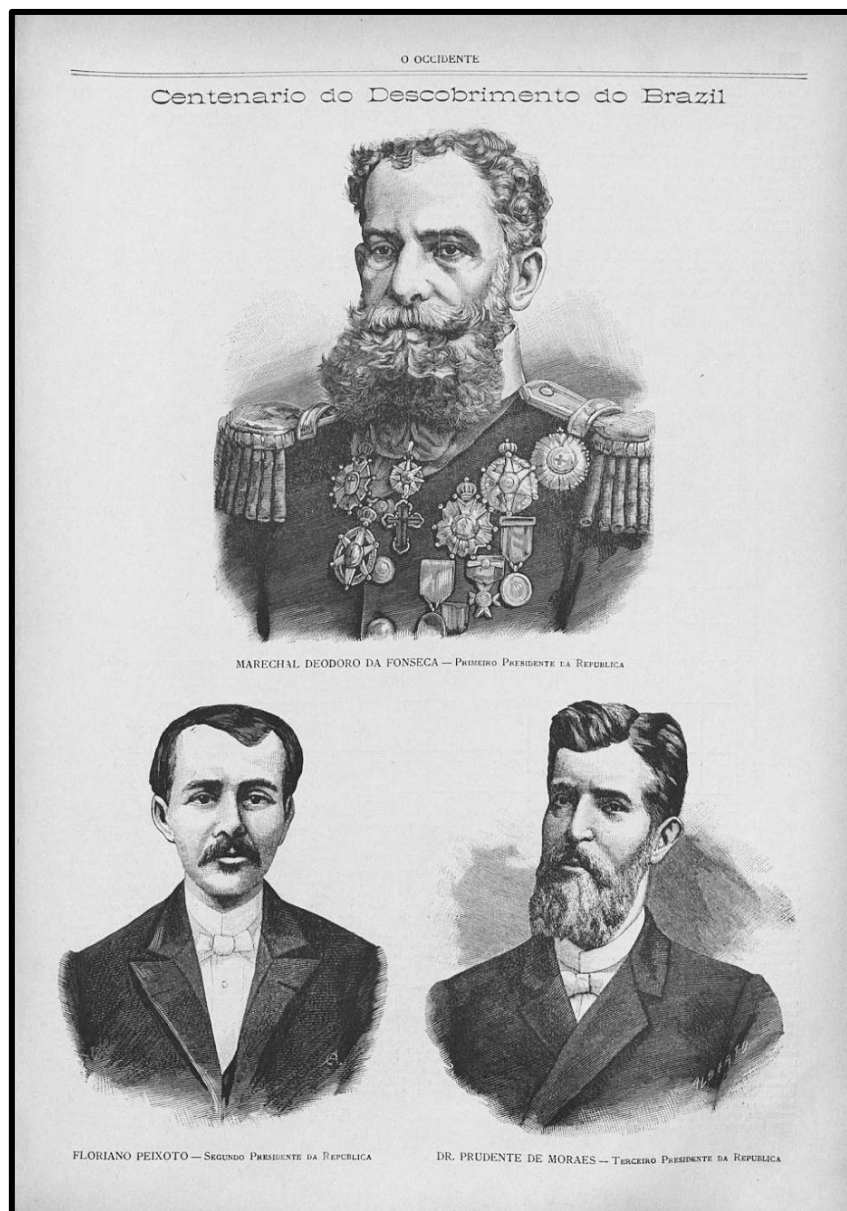
América a continuidade histórica de uma grande raça”, e garantia “ao Novo Mundo a civilização indefectível”¹⁰⁶.

Ao buscar demonstrar os avanços, as potencialidades e as riquezas do Brasil, *O Ocidente* dava especial destaque aos seus homens públicos, em particular os presidentes, ilustrando suas páginas com os retratos dos quatro primeiros a ocuparem tal cargo, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes e Campos Sales, trazendo também dados biográficos sobre cada um deles. Tal inserção demonstrava a ampla aceitação da já consolidada república na conjuntura brasileira. Apesar disso, aparecia nas páginas da publicação ilustrada uma pequena referência ao período imperial, representada pela gravura da estátua equestre de Pedro I, mostrada como mais uma das belezas do país, sem deixar de lembrar que, o Brasil não teria esquecido “quanto devia ao seu primeiro imperante e elevou-lhe o monumento” que se achava “erigido na praça da Constituição, no Rio de Janeiro”. A capital brasileira era outra alusão à pujança do país, mostrando paisagens da mesma e exaltando algumas de suas belezas¹⁰⁷.

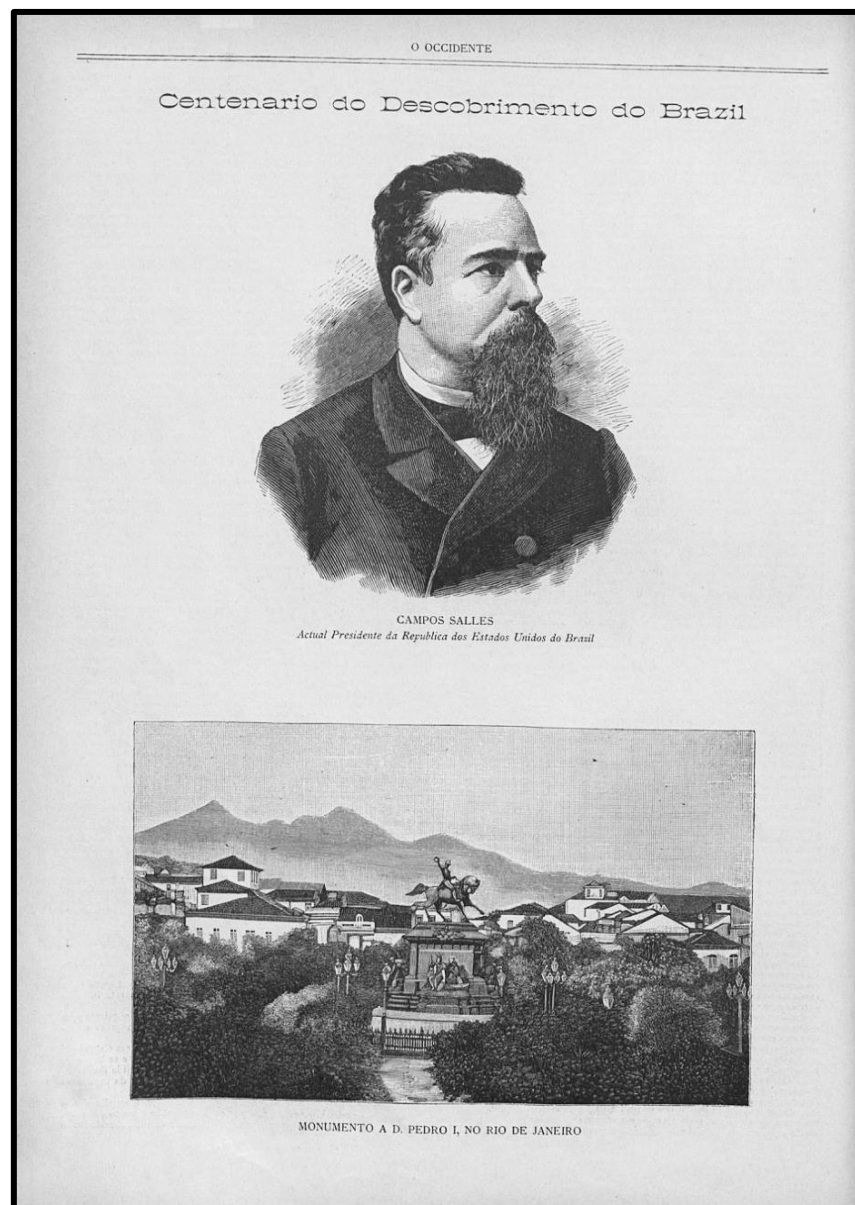
¹⁰⁶ DIÁRIO ILUSTRADO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 29. N. 9.752. p. 1.

¹⁰⁷ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 2, 3, 6, 7 e 9.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

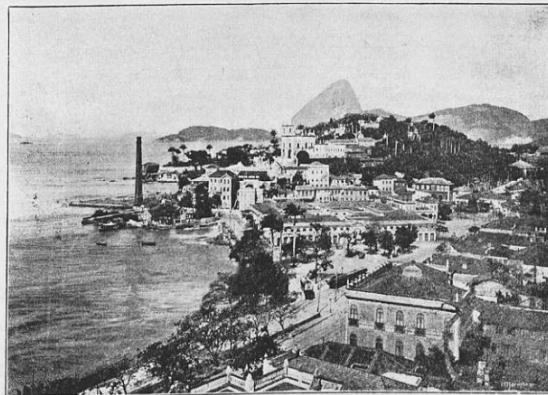


O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA

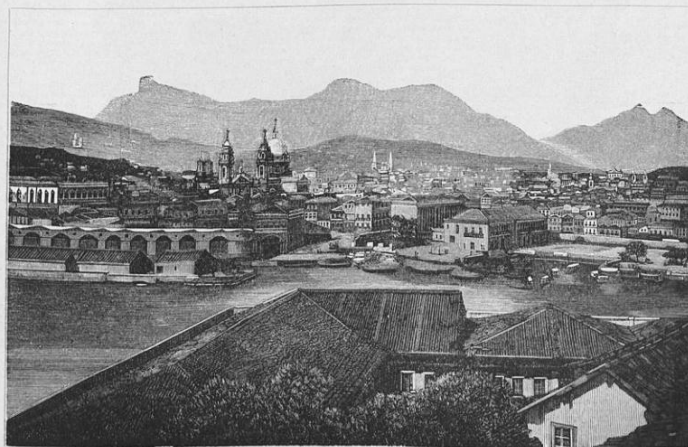


O OCCIDENTE

Centenario do Descobrimento do Brazil



CIDADE DO RIO DE JANEIRO — O MONTE DA GLORIA



UMA VISTA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, CAPITAL FEDERAL

De acordo com esta mesma publicação ilustrada, “Os Estados Unidos do Brasil”, naquela época, constituíam, “politicamente considerados, uma das repúblicas mais vastas do mundo”. A respeito da capital, *O Ocidente* descrevia as vistas apresentadas nas suas páginas do ponto de vista do visitante, explicando que, quando este aportava “pela primeira vez no Rio de Janeiro, ao penetrar a grande baía da Guanabara”, se deparava “insensivelmente com uma das mais formosas perspectivas”, de maneira que, “aquele que a tivesse admirado uma vez não mais” a esqueceria. Tal cidade era caracterizada como “sede do governo federal e residência do presidente”, sendo apresentada como um protótipo das riquezas nacionais. Para demonstrar tais avanços, estando o Rio de Janeiro à altura de grandes cidades, o jornal destacava que a mesma tinha os mais variados “estabelecimentos”, arrolando alguns deles, como, no campo cultural, “universidade, colégio, seminários, faculdade de medicina, de cirurgia e de farmácia; escolas de direito e de belas artes; academia militar e de marinha; instituto geográfico e histórico e biblioteca nacional”; além de outras áreas, como “bancos, um magnífico jardim botânico; alfândega, um notável hospital marítimo; e corpo diplomático de todas as nações”, abordando também algumas informações acerca da urbanização e da história cidadinas¹⁰⁸.

A visão de um Brasil pujante e progressista, que se originara a partir dos esforços de uma civilização portuguesa, ao longo de uma secular história, era bem traduzida nas palavras de *O Século*:

¹⁰⁸ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 3.

O Brasil é a obra prima da colonização portuguesa, é o continuador da nossa pátria e da nossa língua, o mais notável padrão da nossa extraordinária energia.

O Brasil é essa glória viva que apontamos sempre que precisamos de um testemunho do passado, porque a história existe nos livros, que poucos consultam, os tempos idos revivem nos documentos dos arquivos, que raros conhecem, mas o que fizemos está ali bem patente, bem evidente, bem irrecusável, nesse grande país que se estende do Amazonas ao Prata, cuja vitalidade é tão poderosa como os gigantes das suas florestas, os caudais dos seus rios, os milhões de quilômetros quadrados do seu território.

E é tanto maior o nosso orgulho, é tanto mais justa a nossa alegria, e é tanto mais evidente a nossa justificação, quanto maior for o Brasil, quanto mais se afirmar no seu poder e na sua riqueza, na sua expansão e no seu desenvolvimento, nas obras geniais dos seus músicos e dos seus pintores, nas inspiradas composições dos seus prosadores e dos seus poetas, dos primorosos cultores da sua língua que é também a nossa, a sonora língua forte como uma espada e doce com um beijo, aquela língua em que cantou Camões.

O Brasil é hoje para nós a solução e a esperança, a terra prometida dos que sofrem, o campo de atividade dos que querem trabalhar, a aspiração constante do pobre e do modesto, o solo ubérrimo que emprega tantos milhares de braços e de onde vem transformado o trabalho em tanto ouro que enriquece os nossos campos, que ergue por toda a parte vivendas pitorescas, fábricas poderosas, que anima a nossa indústria e o nosso comércio e é um dos maiores contingentes da economia nacional.

O Brasil é ainda a nossa terra, a nossa segunda pátria. Quando atravessamos o Atlântico é como se transpuséssemos o Tejo ou o Amazonas. Fala-se português numa ou noutra margem, são todos portugueses numa e noutra costa, a transmitirem os mesmos votos de simpatia a trocarem o mesmo amplexo fraternal. O Atlântico é um grande lago português. De cá, o continente, os Açores, a Madeira, Cabo Verde, a Guiné, S. Tomé, Ajuda e Angola; de lá, as colônias dos Estados Unidos e o grande Brasil nos seus oito milhões de quilômetros quadrados, com possibilidade de comportar cem milhões de habitantes, um dos mais extensos países do globo e um dos de maior futuro, futuro que é para a nossa raça, para a nossa língua, futuro que manterá para sempre a recordação do nosso passado, da nossa história, das nossas tradições.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA

Hoje, no glorioso aniversário, com aquela comovente alegria da mãe que abraça o filho estremecido, transmitimos-lhe a expressão de tudo o que há de mais sentido no nosso entusiasmo, de mais sagrado no nosso orgulho e de mais sincero nos votos pela sua prosperidade, pelo seu futuro.¹⁰⁹

Por ocasião das comemorações do quarto centenário do descobrimento, relembando a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil, o jornal *Novidades* recordava que, daquela “posse firmada por um punhado de homens”, nascera “a nação brasileira que, de ano a ano”, crescia “em importância” e alargava-se “em poder”, além de possuir, “para sua expansão, a vastidão quase imensa dos sertões”¹¹⁰. Também enaltecendo as potencialidades brasileiras, o *Damião de Góis* explicava que, uma vez “emancipado da metrópole, sob a forma monárquica, o Brasil” viria, em alguns anos a constituir-se “em república, próspera e vigorosa”, caracterizada pela “sua liberdade e grandeza”, as quais, segundo o jornal, tinham se transformando em meio aos portugueses, “instintivamente”, em “motivos de glória e de júbilo”¹¹¹.

O entusiasmo era também a tônica das manifestações do *Jornal de Notícias*, segundo o qual “raras vezes a alma de um país” se poderia “abalançar a mais justa apoteose e a mais entusiástica glorificação”, como seria o caso do Brasil, considerado como aquilo que os lusos possuíam “de mais esplêndido no seu passado heroico”, bem como o elemento “mais consolador e afetoso para as

¹⁰⁹ O SÉCULO. Lisboa, 6 maio 1900. A. 20. N. 6.583. p. 1.

¹¹⁰ NOVIDADES. Lisboa, 5 maio 1900. A. 16. N. 4.937. p. 1.

¹¹¹ DAMIÃO DE GÓIS. Alenquer, 6 maio 1900. A.15. n. 749. p. 1.

suas amarguras, para a sua fé e para a sua confraternidade". Tal folha qualificava ainda o Brasil como "o horizonte mais límpido para o futuro e mais reabilitador para as esperanças" lusitanas¹¹². Já *O Distrito de Castelo Branco* narrava que, desde a colonização do Brasil, "daqueles campos imensos começaram a brotar torrentes caudais de riquezas e mais tarde as minas deram a Portugal tanto ouro como nunca" ousara "sonhar nenhum ambicioso conquistador de riquezas". Este mesmo jornal destacava também que "as terras de Santa Cruz transformaram-se num rico e florentíssimo império", pois, chegando "a hora da emancipação", separara-se "da mãe pátria" e vivera "a sua própria vida"¹¹³.

As grandezas brasileiras eram também destacadas pelo viés do republicanismo, que exaltava os progressos ainda maiores a partir da mudança na forma de governo. Era o caso da *Vanguarda* que traçava um breve resumo da formação histórica do Brasil desde os primeiros tempos, explicando que "assente o padrão do domínio e senhorio português, e passando o momento do delírio, durante muito tempo a metrópole" tinha desprezado "aquela sua filha tão digna de atenção" e "aquele manancial de riquezas que, ao contato do braço que o revolvesse, faria brotar a opulência e o bem-estar aos que empreendessem a obra meritória". A folha descrevia que, "mais tarde, iniciou-se a colonização, que, rasgando o véu encobridor de tantos frutos de ouro", assombrara "os mais sofregamente exigentes", tendo, após, decorridos muitos anos "até que um dia

¹¹² JORNAL DE NOTÍCIAS. Porto, 5 maio 1900. A. 13. N. 104. p. 1.

¹¹³ O DISTRITO DE CASTELO BRANCO. Castelo Branco, 5 maio 1900. A. 12. N. 540. p. 1.

essa terra brasileira, cansada de alimentar com as suas torrentes de ouro a insaciedade de seus senhores” erguera “o brado augusto da independência”¹¹⁴.

Seguindo seu relato histórico, esta publicação republicana enfatizava que “a forma monárquica não era, contudo, o ideal da perfeição para homens que aspiravam a um ideal de luz e de liberdade”, até que os brasileiros conseguiram atingi-lo. A *Vanguarda* descrevia que, para tanto, eles teriam lutado “dia a dia, defendendo palmo a palmo o terreno das suas aspirações, ao preço do sangue do martírio”, vindo a gozar “por último uma manhã dourada em que o sol raiava com mais carinho e amor” e “em que a exuberante vegetação tropical exalava um perfume inebriante de esperança e justiça”. Referindo-se à república, o jornal dizia que, com ela, “a aurora da nova vida” rompera “do altar patriótico formado pelos corações e forças de milhares de homens”, de maneira que, “na terra brasileira”, flutuava “a bandeira da mais perfeita instituição social que a imaginação humana” tinha arquitetado¹¹⁵.

Tal folha, em meios às celebrações, não deixaria de fazer uma comparação entre as potencialidades brasileiras e as precariedades lusas, advindas, segundo a sua concepção das formas de governo reinantes. Nesse sentido, afirmava que no “além-mar, cada cidadão” elevava “do íntimo da alma uma prece fervorosa à deusa portentosa da liberdade”, desejando que aquela data constituísse “um incentivo” para os lusitanos, apontando que, dentre as “duas pátrias” havia “uma que, desanimada, perdida quase”, era “sombra mal

¹¹⁴ VANGUARDA. Lisboa, 5 maio 1900. A. 10. N. 3.200. p. 1.

¹¹⁵ VANGUARDA. Lisboa, 5 maio 1900. A. 10. N. 3.200. p. 1.

perceptível daquela que outrora, rasgando através dos oceanos revoltos o véu do desconhecido” fizera “surgir ante os homens o torrão bendito, que a providência” abençoava. A *Vanguarda* desejava que “o bem dos outros” servisse de “lenitivo ao mal da sua pátria, que, mais que todas”, fora “bem grande”, ao menos “enquanto a cólera” que fervia “nos ânimos” não rompesse “os diques da indiferença e com o tridente ofuscante” prostrasse “os *maus*” e rasgasse, “no porvir, a aurora da redenção”. Apesar de tal engajamento, o periódico lembrava que aquele era um “dia de paz” e saudava a “nobre terra”, que soubera “trilhar o caminho da justiça e da verdade, de olhos fitos na estátua augusta da liberdade”¹¹⁶.

Também republicana, *A Voz Pública* defendia a ideia de que o Brasil engrandecera “precisamente por ter se separado de Portugal”, menos por causa dos “interesses econômicos, que se mantiveram entre os dois países”, e mais pelo que dizia “respeito à orientação do espírito”, que divergira e se diferenciara “progressivamente mais e mais”, numa alusão à mudança de regime. Para a folha, tal “diferenciação do Brasil progressivo, separando-se da rotina do Portugal conservantista”, deveria ser para este último “uma profícua e solene lição”. O jornal considerava que, “se para Portugal, abismado na sombra crescente do fanatismo da mente e da frouxidão da vontade, pudesse haver ainda lições e se para ele exemplos pudessem ainda existir”, o Brasil seria o ideal. Mas, pessimista, tinha pouca fé em tal possibilidade, vendo em Portugal

¹¹⁶ VANGUARDA. Lisboa, 5 maio 1900. A. 10. N. 3.200. p. 1.


apenas “a fatalidade”, na qual “tudo” resultava “estéril”, havendo apenas “uma fumaceira” perante a qual “toda a luz” se extinguia¹¹⁷.

O caricato *Os Pontos* também iria se referir às comemorações e à pujança do Brasil, inicialmente mostrando na sua primeira página as três faces do monumento a Pedro Álvares Cabral a ser inaugurado na capital brasileira. Além disso, a folha apresentava uma alegoria, na qual, em meio a uma exuberante floresta, o Brasil, representado por uma figura feminina vestida à romana e tendo nas vestes a inspiração da bandeira nacional, recebia uma coroa de louros da glória e do futuro, demarcando a certeza dos portugueses no sucesso do porvir da jovem república. Neste desenho, outra coroa de louros era entregue por um ancião, bandeira ao braço, simbolizando a nação lusitana. A legenda fazia a referência a que “a grande república, filha diletta de Portugal”, recebia do “velho descobridor as homenagens da sua simpatia e os votos mais afetuosos para a sua constante prosperidade”¹¹⁸.

¹¹⁷ A VOZ PÚBLICA. Porto, 5 maio 1900. A. 11. N. 3.106. p. 1.

¹¹⁸ OS PONTOS. Porto, 6 maio 1900. A. 5. N. 19. p. 1 e 4-5.

5.º Anno PORTO 6 de Maio de 1900 N.º 19




os Pontos

SEMANARIO DE CARICATURAS
(GRANDE DIPLOMA D'HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA DE 1898)

REDACÇÃO
Administração e Impressão
LITHOGRAPHIA NACIONAL
Largo de S.ª Clara

PROPRIETARIO,
ADMINISTRADOR E EDITOR
Alberto de Souza

TYPOGRAPHIA
DA
EMPRESA LITTERARIA
Rua de D. Pedro 184.



As trez faces do monumento a Alvares Cabral, que vae ser inaugurado
no Rio de Janeiro

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E
PORTUGUESA



O vigor e as forças do Brasil eram ainda enfatizados pelo *Diário da Tarde*, ao narrar que “quatrocentos anos” eram “decorridos depois que o vasto território de Santa Cruz” fora “anunciado à velha Europa, e apenas setenta e cinco que nessa terra tão amada de todos os portugueses”, irrompera, “esplêndido e dourado, o sol da independência”. De acordo com o jornal, “o modo pelo qual, neste curto período de três quartos de século, essa opulenta nacionalidade” havia se “revelado na civilização dos dois mundos”, era “uma maravilha de trabalho, de fé e de energia”. A folha destacava alguns dos elementos constitutivos de tais riquezas, como “um comércio imenso, uma atividade espantosa nas letras, nas ciências, e nos atritos ocasionais da história”, que se tornavam “os característicos eloquentes dessa pátria”¹¹⁹.

Na concepção deste mesmo diário, a nação brasileira era ao mesmo “tempo jovem e forte, senhora já da hegemonia das nações sul-americanas”, estando “apta para, num futuro não muito remoto, estender a sua ação progressiva e benéfica, ao mais largo trecho do novo continente”. O *Diário da Tarde* destacava que os portugueses – que tiveram “a suprema honra de descerrar aos olhos da Renascença deslumbrada”, aquele “vasto e magnífico país, e que, em obediência às leis inexoráveis do destino”, o haviam acompanhado, “paternalmente, durante mais de três séculos, colonizando-o, administrando-o e guardando-o de estranhas cobiças” –, teriam, naquele momento, “uma íntima satisfação, vendo-o próspero, independente e livre, a colaborar com toda a nobreza dos seus intuitos e com toda a seiva da sua grande

¹¹⁹ DIÁRIO DA TARDE. Porto, 5 maio 1900. A. 3. N. 105. p. 1.

vitalidade”, em uma “obra redentora da civilização americana”. O periódico exaltava ainda que, “irmãos pela língua e pela raça, posto que mais velhos nos combates da vida”, era para os lusos “motivo de íntimo orgulho, o espetáculo admirável de um povo que, do outro lado do Atlântico”, se propunha, “mercê da exuberância do solo e da longanimidade dos seus naturais”, a “continuar, perpetuamente, pela literatura e pelo sentimento, a obra antiga deste amado torrão ocidental”¹²⁰.

Uma outra publicação republicana também enalteceria a pujança brasileira como sinônimo dos avanços obtidos pela forma de governo que defendia e em contraposição à monarquia. Era *A Pátria* que enfatizava que a si cabia “a alegria de poder saudar” naquele “momento o Brasil próspero, com as suas instituições absolutamente consolidadas, com as suas finanças em vias de restauração”, bem como, “com todos os elementos de progresso” do qual deveria “dispor um grande país”. A folha acabava por traçar um paralelo entre a jovem república e uma outra nação, segundo ela imaginária, que fora criada pelos periódicos monarquistas, de maneira que intentava demonstrar que o Brasil daquela virada de século era bem diferente do país “decadente que os monárquicos apresentavam” havia “dois ou três anos, com a república em perigo e na eminência da bancarrota”¹²¹.

As magnitudes dos Brasil foram também tema de *O Aguiarense* ao descrever que “quatro séculos se sumiram na voragem do tempo”, desde a

¹²⁰ DIÁRIO DA TARDE. Porto, 5 maio 1900. A. 3. N. 105. p. 1.

¹²¹ A PÁTRIA. Lisboa, 6 maio 1900. A. 2. N. 428. p. 2.

chegada da armada lusa “em frente da costa americana, patenteando ao mundo um extensíssimo território”. Segundo o periódico “Cabral imortalizara-se e o Brasil” se tornara, “em poucos anos o eldorado dos portugueses, que ainda após quatro séculos para ali” corriam “em busca da fascinante posse de riquezas, que alguns” conseguiam, “se bem que à custa de extremos e extenuantes trabalhos e fadigas”, mas eram “sempre recebidos de braços abertos pelos irmãos d’além-mar”, vinculados “pelo sangue, pela língua e pela civilização”. Nesse sentido, o jornal considerava que seria “de justiça que os portugueses correspondessem à lealdade com lealdade, e que em troca de tão bizarra e briosa hospitalidade, outorgassem” ao Brasil, “uma profunda e devotada cruzada de trabalho inteligente e criador”¹²².

De acordo com tal perspectiva, muitas publicações portuguesas exaltaram a existência de um Brasil grande, próspero e futuroso, cheio de potencialidades de crescimento e riquezas intermináveis. Prevalencia a imagem do lugar onde os portugueses poderiam ir “fazer a vida”, de preferência voltando dos trópicos enriquecidos, em referência a uma atitude desenvolvida durante toda a época colonial e continuada mesmo após a independência e, inclusive, naquela virada de século. De acordo com a imprensa lusitana, a pujança brasileira seria uma fidedigna comprovação de uma capacidade criadora dos portugueses que reviveriam seus tempos de glórias nas visões estabelecidas acerca de Brasil rico, que poderia ser encarado como uma “pátria portuguesa” calcada na

¹²² O AGUIARENSE. Vila Pouca de Aguiar, 5 maio 1900. A. 1. N. 51. p. 1-2.

América. A passagem de mais um centenário do descobrimento surgia como a oportunidade ideal para a projeção de tais orientações.

Os ensinamentos de uma “história gloriosa”

O saudosismo em relação aos tempos de glórias da era moderna, com a expansão marítimo-comercial – um dos sentimentos predominantes em meio à sociedade portuguesa que enfrentava grave crise e recordava da pretérita época das riquezas oriundas de um fabuloso império colonial – aflorou com maior intensidade durante as celebrações do quarto centenário do descobrimento do Brasil, em um conjunto de manifestações que foi traduzido por meio das páginas dos jornais. Nesse sentido, passado e presente passaram a coexistir nas matérias jornalísticas, com as inevitáveis comparações e a constatação da relevância lusa no contexto internacional perdida ao longo do devir histórico. Havia a busca por um enaltecimento patriótico e um olhar voltado à história como uma lição deixada pelos antepassados, enraizada em feitos supostamente heroicos e glorificados que deveriam servir de inspiração para os coetâneos daquele final de século e para as gerações vindouras.

Levando em conta tais premissas, uma das ideias mais recorrentes no periodismo luso era a valorização do esplendor daquilo que foi denominado de civilização portuguesa, com a dilatação das fronteiras de um império mundial. Mantendo seu espírito de efusão nacionalista, *A Nação* dizia que “as quilhas portuguesas que aravam os mares diversos em busca de novos mundos

levavam o nome de Portugal” a todos os lugares, de maneira que não haveria de ficar no “globo, palmo de terra sem um padrão a atestar a virilidade de uma raça” que fora “nobre e ousada”. A oportunidade da passagem dos quatros séculos da descoberta do Brasil servia para que o jornal extravasasse seu sentimento patriótico pelas grandezas do passado, exclamando que os portugueses tinham sido “tão grandes que nem a imensidão do Atlântico” conseguira dar “solução de continuidade ao seu império”¹²³.

Em direção próxima seguia o *Comércio do Porto*, ao enfatizar que os portugueses “transformaram completamente a face do mundo e fizeram entrar a civilização da Europa em uma fase de progresso até então desconhecida”. O jornal fazia menção às comparações entre aqueles “tempos de glórias” e as dificuldades enfrentadas pela nação, afirmando que “as referências à grandeza passada, no meio da pequenez” hodierna, colocando “em confronto duas situações extremas, tornaram-se, de certo modo, um lugar comum impertinente, que os espíritos práticos, positivos e críticos”, não deixavam “de verberar muitas vezes com alguma razão”. Diante de tal asserção, o periódico explicava que usara a expressão “com alguma razão”, tendo em vista que “tais referências, de emprego abusivo, foram se tornando, com o mudar do tempo, uma banalidade de ociosos e indolentes”, que ficavam “perfeitamente resignados a não cuidarem mais, nem do presente, nem do futuro”, permanecendo apenas “dispostos a

¹²³ A NAÇÃO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 53. N. 13.254. p. 1.

dormirem para sempre à sombra dos louros, ganhos pelas gerações extintas, num passado remoto e glorioso”¹²⁴.

Mas este mesmo jornal não deixava de também buscar valorizar o esplendor do passado como lição para o presente, destacando que, “quando a crítica” tinha “por fim dar” àquele “preconceito nacional o corretivo” que ele merecia, “procurando despertar os homens para a consciência do seu tempo, e para a da sua dignidade cívica, o dever” de todos seria “aplaudi-la e acompanhá-la, considerando-a uma boa ação”. Para o *Comércio do Porto* havia entre os lusos “uma certa escola desdenhosa”, que julgava “ter atingido um grau de independência superior, emancipando-se de velhos sentimentos tradicionais, e relegando-os para a conta dos nocivos preconceitos”, pensando assim os que proclamavam “ser o patriotismo uma velharia”, que precisava “ser extirpada dos costumes”. Àqueles que propunham tais ideias, a folha chamava de “ignorantes da história e do passado”, por estarem “distinguindo os elos” que prendiam “umas às outras as gerações sucessivas de um mesmo povo, e não percebendo, por isso, a missão secular e humana, que a cada um” competia, ou seja, uma “missão transmitida através do tempo como um legado de honra, em condições de continuidade, superiores muitas vezes à vontade isolada dos homens”¹²⁵.

Esta publicação portuense tecia, assim, críticas à expressão considerada corriqueira – “aquilo que fomos e aquilo que somos” – considerando que compreendia dois campos indissociáveis, pois os lusitanos seriam os mesmos

¹²⁴ COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 5 maio 1900. A. 47. N. 104. p.1.; e 8 maio 1900. A. 47. N. 106. p. 1.

¹²⁵ COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 8 maio 1900. A. 47. N. 106. p. 1.

que sempre foram. Levando em conta a data então comemorada, o *Comércio do Porto* sustentava que a descoberta do Brasil constituiria um fato que em si “bastaria para dar jus bastante a que ele fosse glorificado entre os que mais concorreram para o alargamento do âmbito” no qual se expandira “a civilização do homem”. A folha argumentava que não fora “simplesmente o descobrimento, aquilo que, com respeito ao Brasil” fora feito pelos portugueses, uma vez que tal país “não existia antes do descobrimento, nem ficou existindo pela realização deste”, pois, apenas descoberto, ele “não era uma realidade das coisas”, e, aquele que merecia glorificação era outro, “muito diverso”, pois seria o Brasil “criado e feito” pelos lusitanos¹²⁶.

Persistindo na ênfase à data alusiva em questão e reiterando sua tese, tal periódico sustentava que “a criação do Brasil” fora “uma glória” lusa, e, “diversíssima do simples descobrimento dele”, constituía para os portugueses, “pessoalmente, um fato único, de importância” que não se comparava “com a de nenhum outro”, e pelo qual eram “justificáveis e abençoados todos os orgulhos patrióticos”. Com base em tais perspectivas, o *Comércio do Porto* vaticinava que se os lusitanos tivessem “de morrer, como nação, depois” de terem criado aquele Brasil, que ali estava, “a dar testemunho do esforço, da vitalidade e da capacidade colonizadora” lusa, eles já “não morreriam inteiros”, não desapareceriam, pois estariam a sobreviver naquele país, “continuados,

¹²⁶ COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 8 maio 1900. A. 47. N. 106. p. 1.

renovados e reconhecidos pelos povos” e, portanto, permanecendo, “pela perpetuidade dos tempos” a ser português através dos brasileiros¹²⁷.

Como em uma reação às perspectivas pessimistas e mantendo o saudosismo, *O Primeiro de Janeiro* dizia que os portugueses poderiam estar “velhos e cansados, mas ainda longe de morrer”, embora houvesse quem os descrevesse “numa agonia”, cantando “trens fúnebres como se já estivesse a resvalar para a sepultura, amortalhada num roto lençol, esta grande e velha nacionalidade”. A folha discordava de tal visão negativa, considerando que poderiam “até raiar ainda longos dias, dourados como se fossem de juventude”, para aquela “terra muito amada”. Diante disso, apontava que “um sinal de força” era “amar o passado, e não estender para ele braços trêmulos ao passo que os lábios” balbuciavam “gritos de descrença e desânimo”. O periódico propunha que todos saudassem “com entusiasmo, com fé e com alegria”, aquele Brasil que era “um florão da história” lusa¹²⁸.

Tal publicação portuense propunha ainda que fosse evocada “a recordação gloriosa da descoberta” do Brasil, de modo que todos se retemperassem “com a aragem sadia, embebida das exalações do mar, de toda a bela e épica aventura das descobertas”. *O Primeiro de Janeiro* conclamava ainda a todos para enviar “aos irmãos de além-mar todos os votos da alma”, que cantavam “hinos de triunfo e de orgulho pelo passado que nenhuma outra nação” tivera “tão belo e tão glorioso”. Segundo a folha, caso os vaticínios da

¹²⁷ COMÉRCIO DO PORTO. Porto, 8 maio 1900. A. 47. N. 106. p. 1.

¹²⁸ O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto, 5 maio 1900. A. 32. N. 104. p. 1.

morte dos lusos estivessem certos, eles deveriam “amar e saudar tudo quanto” fizera “a grandeza da pátria, embebendo o coração nas recordações do valor e do heroísmo português”, e “beijando com a alma todas as belas páginas da história”, de maneira que, se viesse o fim, o “povo português” poderia “ser grande, enorme, magnânimo e piedoso na sua morte”. Com essa mistura de esperança e fatalismo, o jornal pregava que todos deveriam viver amando “o passado, pelas suas glórias e até pelas suas dores” e, de acordo com esse espírito, enviar todo entusiasmo que cabia “numa alma de meridionais, sempre alagada de sol” aos “irmãos do Brasil”¹²⁹.

O olhar em direção aos tempos pretéritos foi também realizado pela *Correspondência de Coimbra* para a qual era “a fama dos brilhantes feitos”, baseada no “testemunho dos portugueses” que fazia “palpitar os corações d'aquém e d'além-mar nas duas terras irmãs”¹³⁰. *O Diário Ilustrado*, por sua vez, considerava que teria sido no Brasil que os lusos puderam “realizar a mais completa ação colonizadora” registrada no “seu passado glorioso”. Tal periódico destacava que “foram os portugueses que tornaram possível o cultismo cosmopolita da era” moderna, e “quando em Portugal e no Brasil” era celebrado “o fato grandioso” que rememorava “o poder brilhante de uma raça de heróis” que sulcara “a esfera indicando-a ao domínio da civilização” se poderia glorificar “o mais brilhante poder expansivo do homem”. O símbolo escolhido

¹²⁹ O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto, 5 maio 1900. A. 32. N. 104. p. 1.

¹³⁰ CORRESPONDÊNCIA DE COIMBRA. Coimbra, 10 maio 1900. A. 29. N. 19. p.1.

¹³¹ DIÁRIO ILUSTRADO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 29. N. 9.752. p. 1.

O passado como motivação patriótica era enfatizado ainda por *O Comércio de Penafiel*, ao lembrar que “toda a imprensa” prestara “homenagem ao culminante fato histórico” do quarto centenário, o qual ficara gravado “na história de Portugal” e diante do qual, “a pátria portuguesa, rememorando tão culminante feito” deveria “sentir um legítimo e consolador orgulho”, pois ele, “junto a outros igualmente imortais”, constituíam “os mais gloriosos documentos da nobreza de um povo”, e seriam “as raízes imperecíveis” que justificavam “a existência autônoma”¹³². Era este também o espírito de *O Ocidente*, segundo o qual “a grandiosa epopeia marítima portuguesa” que se desenrolara “ante os olhos atônitos do mundo assombrado”, não tinha “rival no grande livro da história marítimo-militar das nações”¹³³.

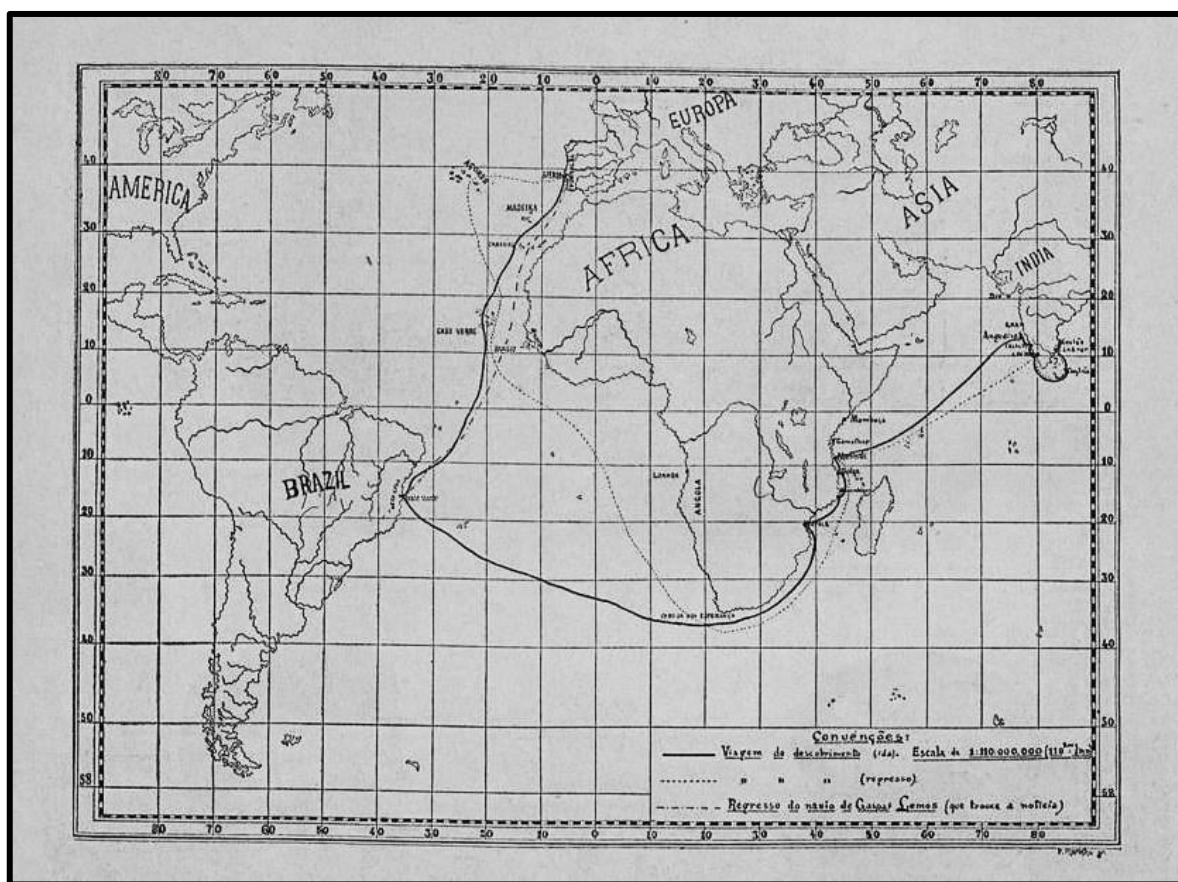
Tal folha ilustrada enumerava que eram “tantos descobrimentos e tantas vitórias”, como “a miraculosa descoberta do caminho para as Índias, a descoberta do Brasil e a completa conquista das terras de Santa Cruz”, as quais teriam eclipsado “a glória das mais famosas repúblicas e dos maiores impérios”. *O Ocidente* recordava que “Portugal, pela espada e pela cruz, pelo astrolábio e pela diplomacia”, tornara-se “o mais potente Estado da Europa”, conquistando “os melhores portos da Ásia”, tomando “as melhores regiões da África” e indo “até a América”, onde adquiriu “um vasto continente”, fazendo-se “senhor absoluto num e noutro hemisfério”. Para ilustrar tais avanços, o jornal mostrava,

¹³² O COMÉRCIO DE PENAFIEL. Penafiel, 9 maio 1900. A. 25. N. 2.508. p. 1.

¹³³ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 10.

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA

em sua edição especial, o mapa com o trajeto marítimo da expedição lusa quando do descobrimento do Brasil¹³⁴.



¹³⁴ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 10.

A glorificação do passado era inspiração também para *O Manuelinho de Évora*, ao dar ênfase ao fato de que, em relação ao Brasil, “foram portugueses que descobriram esse país transatlântico, foram eles que o povoaram e edificaram a maior parte das cidades” que viriam a constituir “uma ascendente república”, destacando que, muitas delas, “em memória da sua nobre origem”, ainda conservavam “nomes iguais aos da metrópole, dados pelos seus fundadores, saudosos da terra natal”. Na opinião do jornal, “o povo brasileiro”, tal qual o lusitano, ufanava-se “das grandiosas façanhas praticadas pelos seus antepassados europeus, ultrapassando até a sua admiração por Camões, o cantor dos altos feitos dos portugueses”, tendo em vista que “o velho sangue lusitano” palpitava “também no coração brasileiro”¹³⁵.

Caracterizando o “descobrimento das terras de Santa Cruz como uma altíssima honra para o patriotismo da alma nacional”, *O Século* considerava que tal episódio marcara, “com um relevo que nunca” se apagaria, “um dos períodos mais luminosos da aventureira e ousada raça portuguesa”, que se expandira “por mares desconhecidos e insondáveis em busca de novas terras e de novos caminhos”. De acordo com o periódico, os lusitanos “na alma levavam a confiança em Deus, que nunca os abandonava, e, de olhos postos na rubra cruz de Cristo”, recordavam “a pátria, cheios os lábios de cantigas sonoras, que avivavam a recordação dos folguedos das suas terras”, de maneira que “não se arreceavam de perigos, nem cuidavam de obstáculos que lhes pudessem embaraçar as arrojadas empresas”. Para o jornal, aquela era uma “sublime e

¹³⁵ O MANUELINHO DE ÉVORA. Évora, 9 maio 1900. A. 20. N. 968. p. 2.

potentíssima raça de homens que se impuseram pela sua coragem e pelo seu devotado amor à terra onde nasceram”. Em edição especial, o periódico publicava gravuras alusivas à efeméride do descobrimento, tanto em relação ao descobridor, apresentando a Igreja da Graça em Santarém, que continha os restos mortais de Cabral, quanto mostrando um monumento a ele erigido. A descoberta em si era também estampada em duas cenas, com “uma visita de indígenas a Pedro Álvares Cabral” e “os portugueses dançando com os indígenas para os pacificarem”¹³⁶.

¹³⁶ O SÉCULO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.582. p. 1.; e 6 maio 1900. A. 20. N. 6.583. p. 1.

Para *O Século*, “o quarto centenário da descoberta do Brasil” trazia a recordação de “duas coisas mais elevadas para o coração de um português”, ou seja, “o período gigante das descobertas e a fundação do grande país da América do Sul”. Nessa linha, explicava que, apesar dos lusos terem “uma história gloriosa de rasgos de heroísmo”, nenhum conseguia “fazer vibrar tanto a alma nacional como esses dois, a mais viva expressão da existência, a obra mais admirável e duradoura” dos portugueses. A folha asseverava ainda que “cada povo” tinha “uma forma especial de manifestar as suas mais altas faculdades, de concorrer para a grande obra da civilização” e, para os lusitanos, isso se dava através dos “descobrimentos marítimos”, época na qual fora “o mar teatro da atividade portuguesa” e “a revelação dos mundos novos”, o processo pelo qual “eles produziram “uma das grandes revoluções” que caracterizaram “a Renascença”¹³⁷.

Na concepção desta mesma folha, fora Portugal quem libertara “a Europa dos terrores, das lendas em que a Idade Média a tinha aprisionado, e, levando a sua civilização a toda a parte”, colocou-a “em contato com os indígenas da América e os pretos da África, com a Índia, a China, o Japão e as ilhas da Oceania”, de modo a unir “num colossal esforço os diversos povos isolados por tanto tempo”. Para *O Século*, esta havia sido “a maior obra” dos lusos, tendo durado “um século” e sendo “inteiramente” dos portugueses que não teriam de repartir “com mais ninguém as glórias brilhantes desse período”. O periódico descrevia que “o fundador da pátria brasileira” partira de Portugal havia “quatro

¹³⁷ O SÉCULO. Lisboa, 6 maio 1900. A. 20. N. 6.583. p. 1.

séculos” e a sua chegada ao Brasil marcara “o encontro dos portugueses com os indígenas”, ato que teria sido “tudo de mais cordial, de mais amigável e de mais belo”. Ainda de acordo com o jornal, “nunca um povo” dera “prova da sua intuição colonizadora” como os lusitanos naquele “momento e lugar”, afirmando que eram portuguesas “a descoberta, a precedência, a honra e a glória do grande feito”¹³⁸.

A exortação patriótica era também feita pelo *Correio da Noite*, ao enfatizar que “a alma portuguesa” rejubilava “na evocação prestigiosa da descoberta do Brasil”, lembrando um “passado de grandezas épicas e de aventuras felizes, em que à mercê e à aventura, luzindo-lhes no cérebro o relâmpago da audácia e do heroísmo”, os portugueses entravam “mares a fora de pendão ao vento, à busca de novas terras e de novos céus”. Para este jornal, fortalecia-se “o ânimo na rememoração dos feitos gloriosos” e acrisolava-se “o amor pátrio na celebração dos jubileus do passado”¹³⁹. Em poucas palavras, *O Povo de Aveiro* ia na mesma direção, afirmando que “a descoberta do Brasil” era “uma das numerosas e gloriosíssimas páginas” que ilustravam “a história dos descobrimentos marítimos” portugueses, os quais eram “o fato mais característico do gênio nacional”¹⁴⁰.

Descrevendo essa época considerada gloriosa, o *Jornal de Viana* apontava que se poderia “facilmente calcular quão difícil seria colonizar tão vasto império

¹³⁸ O SÉCULO. Lisboa, 6 maio 1900. A. 20. N. 6.583. p. 1.

¹³⁹ CORREIO DA NOITE. Lisboa, 5 maio 1900. A. 20. N. 6.267. p. 1.

¹⁴⁰ O POVO DE AVEIRO. Aveiro, 6 maio 1900. A. 14. N. 832. p. 1.

com uma nação” pouco populosa, e “ao mesmo tempo em que tinha de manter o prestígio” de sua “bandeira nas longínquas paragens da Ásia e dos sertões da África”. Para tanto, a folha argumentava que, “na verdade, era preciso um gênio aventureiro, grande disciplina e muita força de vontade para sustentar tamanho império colonial”, movendo-se um grande esforço para combater “não só a tenacidade dos naturais, como a ambição das nações europeias rivais que disputavam o predomínio dos mares e minavam a influência de conquistadores” dos lusos. Nesse sentido, o periódico considerava o português como “um povo, que havendo representado o seu papel na história da humanidade”, foi “decaindo a passos rápidos, tendo como única consolação a sua gloriosa história marítima”. Dessa forma, o jornal concluía que restara o conforto das “grandes nações”, pelas quais “o pavilhão lusitano” recebera “a homenagem devida aos esforços de seus maiores”, na ocasião do quarto centenário do Brasil¹⁴¹.

Um longo editorial em tons patrióticos foi publicado pelo *Jornal de Notícias* e, para ilustrar suas palavras, o periódico publicava uma gravura mostrando as naus saindo do litoral luso, sob um sol radiante, em direção à costa brasileira. Aparecia também a efígie do descobridor e o encontro dos portugueses, representados por um marinheiro, com os brasileiros, simbolizados por um índio, cada qual carregando o estandarte de sua nação. Tal encontro era ainda designado por objetos que completavam o desenho como o navio, o leme e

¹⁴¹ JORNAL DE VIANA. Viana do Castelo, 6 maio 1900. A. 14. N. 1.385. p. 1.

o arco-e-flecha, sendo todo o conjunto adornado pela coroa de louros, representando o espírito da vitória:

Como sucede sempre com os grandes acontecimentos da humanidade, estava destinado pelo pensamento de Deus ser o mais pequeno país da Europa quem fosse o escolhido para a espantosa gênese do maior e do mais fecundo continente do universo. As grandes nações, as civilizações portentosas, as religiões imorredouras são produtos sempre da alma simples, do esforço humilde, ligando-se a obra prestigiosa ao movimento originário pelo fio tênue e diamantino da pura fé. (...)

A descoberta do Brasil é toda uma obra da alma portuguesa. Uma claridade, um esplendor, uma visão passava pelo espírito do nosso povo naquele século dos prodígios. (...)

O que o povo português ambicionava era um mundo novo, uma terra virgem, uma raça pura e forte para a fecundação de uma civilização que não morresse jamais na eternidade da nossa raça. (...)

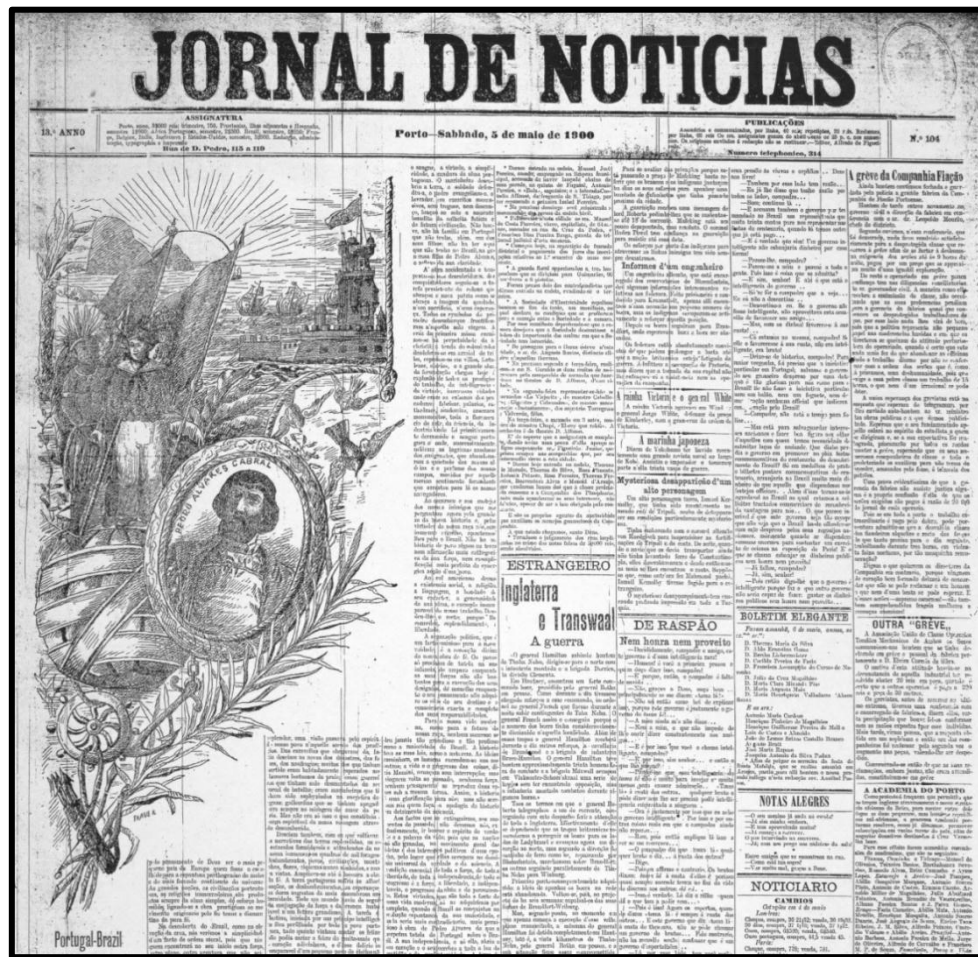
Ao escárnio e aos motejos dos nossos inimigos que nos perguntam agora pela grandeza da nossa história e pelas virtudes da nossa raça, nós, com imenso orgulho, apontamos-lhes para o Brasil. Não há na história de povo algum na terra nem afirmação mais categórica da sua força, nem exemplificação mais perfeita da sinérgica ação de um povo.

Ao sul-americano demos a existência social, a religião, a linguagem, a bondade de seu caráter, a generosidade da sua alma, o exemplo incomparável do nosso trabalho. Deus deu-lhe o resto: porque lhe concedeu, esplendidamente, a liberdade.

A separação política, que é um fato mínimo para a nossa vaidade, é a coroação divina da nossa obra de fé. (...) Para a nossa vida moderna, como para o futuro da nossa raça, nenhum sucesso se deu jamais tão grandioso e tão profícuo como a maioria do Brasil. (...) A Terra de Santa Cruz só depois da sua liberdade teve a consciência da sua grandeza, da sua fé, da sua história e é pela corrente tríplice de

O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA

ouro dessas virtudes, que são imorredouras, como a alma social, que o Brasil se prende ao nosso amor, à nossa admiração e à flambagem do nosso entusiasmo.¹⁴²



A visão entusiástica em relação ao pretérito aparecia também nas páginas da *Tarde*, ao narrar que fora “assombroso o arrojo da empresa”, vindo a fulgir “com mais rutilante glória nos anais desse pequeno povo” aquele “êxito de tão arriscada navegação através de todos os perigos naturais” ao quais foram “acrescentadas lendas pavorosas que haviam criado regiões de fogo, de monstros e de tormentas”. De acordo com tal perspectiva, o jornal declarava que “a pátria portuguesa”, naquela data, “rememorando tão culminante feito da sua história”, deveria “sentir um legítimo e consolador orgulho”, uma vez que tal “fato, junto a outros igualmente imortais”, constituíam “os mais gloriosos documentos da nobreza de um povo”, e eram “por assim dizer as raízes imperecíveis” que lhe justificavam “a existência autônoma”¹⁴³.

No âmbito de tal abordagem, *A Verdade* informava que “a descoberta do Brasil” estava “na tela da discussão e, depois de quatro séculos decorridos, a memória de Pedro Álvares Cabral enchia “ainda de entusiasmo todos os amantes deste país, tão pobre e amesquinhado, e que outrora fora tão grande que todo o orbe era pouco para ele avassalar”. A folha descrevia que Portugal percorrera “intemerato os dois hemisférios”, os quais lhe teriam aberto, “sorridentes, os seios para acolher os mareantes lusitanos, que investiam com os perigos, afrontando-os, debelando-os e passando ovantes, arvorando sempre o pendão da cruz”. Para o periódico, fora “arreatador o entusiasmo desses aventureiros que sulcavam os mares à cata de novos mundos, como os

¹⁴³ TARDE. Lisboa, 5 maio 1900. A. 13. N. 3.715.

pescadores de pérolas” iam “às profundezas do oceano, arrancá-las dos abismos para requinte da civilização”¹⁴⁴.

Na opinião deste mesmo jornal, “a civilização” devia muito aos lusitanos, “porque em todas as partes do globo a audácia” deles deixara “estampados os vestígios do seu arrojo”. *A Verdade* considerava que, “se todos esses troféus arrancados ao desconhecido desapareceram na maior parte, alguma coisa” se salvara, sem que “o tempo” a tivesse apagado, ou seja, “a língua” considerada como “a manifestação do ser” e “a história” dos portugueses, que os salvava “com os fulgores” do passado e “o opróbrio” do presente. A folha reiterava a sua consideração quanto à relevância lusa no cenário mundial, destacando que a Portugal devia “o mundo serviços inigualáveis”, por meio de “conquistas para a civilização, descobertas, trabalhos esforçados em prol de ideais grandiosos e colônias estabelecidas em países longínquos”¹⁴⁵.

Tal publicação reconhecia que os portugueses tinham “defeitos”, pois não haveria “povo que não” os tivesse, mas enfatizava que eles tinham trabalhado “arduamente para os progressos da humanidade”, podendo orgulhar-se “de ter ido adiante de todos os outros povos da terra” ao “levar a regiões ignoradas o facho luminoso do ensinamento civilizador”. *A Verdade* definia que os lusitanos eram “guerreiros e navegantes, aventureiros e audazes”, os quais poderiam “erguer bem alto o seu passado glorioso, a sua história refulgente e dizer”

¹⁴⁴ A VERDADE. Marco de Canaveses e Baião, 11 maio 1900. A. 3. N. 124. p. 2.

¹⁴⁵ A VERDADE. Marco de Canaveses e Baião, 11 maio 1900. A. 3. N. 124. p. 2.; e 18 maio 1900. A. 3. N. 125. p. 1.

àqueles que os amesquinhavam e apoucavam, que deveriam aprender como se fizera “gigante um pequeno povo”. A folha qualificava ainda Portugal como uma “nação colonizadora, amante de tudo” o que significasse progredir, possuindo ainda a “sua África”, bem como teria “o Brasil a atestar” que os lusos eram “capazes de conquistar e descobrir”, assim como haviam sabido “civilizar”¹⁴⁶.

O apogeu da denominada civilização portuguesa era motivo de destaque também por parte de *O Vouga*, ao descrever que eram “decorridos quatro séculos depois” que se fizera “tão importante descoberta”, como a do Brasil, que constituiria “uma das muitas páginas brilhantes da história portuguesa”. De acordo com este jornal, com tal descobrimento, os lusitanos haviam afirmado “mais uma vez o poder da sua audaciosa marinha, e o nome de campeões valentes, colonizadores admiráveis e propugnadores da fé cristã e da civilização”, tendo sido “assim adquirido o vasto território americano que tanto” contribuíra “para o brilho, então sempre crescente de Portugal”¹⁴⁷. Seguindo o mesmo fio condutor, *O Amarense* destacava que, “evocando o passado”, surgia “ao espírito, em toda a sua grandiosidade”, aquela “epopeia marítima” que dourava “as páginas da história” lusa, avultando os portugueses “perante o mundo, e que, na triste fase da decadência”, era “ainda o brilhante título de glória, que os estranhos” não poderiam menosprezar. Para tal periódico, “a descoberta do Brasil” fora “um acontecimento de alta importância para os

¹⁴⁶ A VERDADE. Marco de Canaveses e Baião, 18 maio 1900. A. 3. N. 125. p. 1.

¹⁴⁷ O VOUGA. São Pedro do Sul, 5 maio 1900. A. 2. N. 76. p. 1.

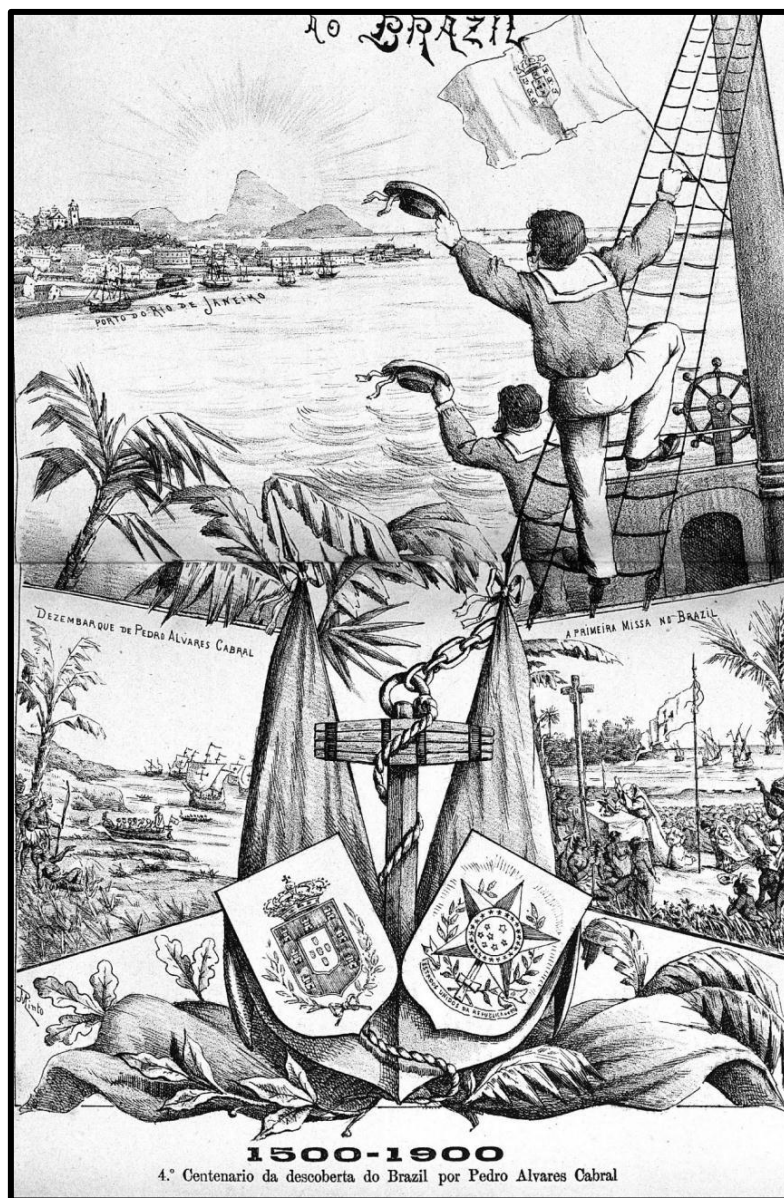
progressos da civilização moderna”, colocando “na tela da evidência” os domínios que alargavam mares daquele “pequeno país do ocidente”¹⁴⁸.

Essa recorrente alusão à “heroica epopeia” lusa foi também apresentada na forma de alegoria pela folha caricata *Algazarra*, que mostrava uma nau portuguesa chegando ao porto do Rio de Janeiro, aparecendo a cidade iluminada por radiante sol. Eram ainda elementos constitutivos do desenho a âncora em referência às navegações e os brasões de armas de Portugal e Brasil. Ao fundo, o jornal estampava o desenho do “desembarque de Pedro Álvares Cabral” em terras brasileiras e “a primeira missa no Brasil”¹⁴⁹. Em referência às práticas da pequena imprensa, com uma dose de humor, a também caricata *A Paródia* não deixava de olhar para o passado luso e relacioná-lo com o presente. Nesse sentido, Cabral era o protagonista da ilustração, sendo, ao mesmo tempo, o descobridor e o representante diplomático, numa comparação entre as glórias dos tempos pretéritos e o burocratismo daquela virada de século. As festividades e a questão da intencionalidade ou do acaso na descoberta do Brasil eram também tratados com uma leve jocosidade por parte do periódico caricato. Em comparação às ácidas críticas normalmente presentes nas caricaturas, tal desenho era significativamente mais ameno, bem de acordo com as intenções predominantemente enaltecedoras diante da efeméride em comemoração¹⁵⁰.

¹⁴⁸ O AMARENSE. Amares, 5 maio 1900. A. 3. N. 106. p. 1.

¹⁴⁹ ALGAZARRA. Porto, 5 maio 1900. A. 1. N. 51. p. 2 e 4-5.

¹⁵⁰ A PARÓDIA. Lisboa, 9 maio 1900. A. 1. N. 17. p. 3.



O QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA BRASILEIRA E PORTUGUESA



O tempo pretérito considerado como glorioso era ainda evocado por *O Bracarense*, ao descrever que Portugal “abria o caminho marítimo” para o mundo e “Lisboa tornava-se o empório do comércio, elevando a graduação da importância da nação marítima”, e, uma vez descoberto o Brasil, os lusos puderam “expandir-se largamente nessas regiões ubérrimas, onde a natureza se encontrava em toda a sua pujança e vigor”. Segundo o jornal, aquela “era uma nova fase em que Portugal entrava, época da maior grandeza”, que viria a ter “como imediata sucessora a época da decadência, que sucessivamente” fora “se pronunciando”. Na opinião da folha, “relembrar a história de um povo” era rememorar “o espírito, tirando dos exemplos do passado ensinamentos para o presente”, de maneira que “os portugueses, estrangulados pela decadência”, naquela virada de século, deveriam “tomar como um fator de reação esse passado glorioso” recordando-o “com desvanecimento”. Considerava também que nunca seria “demais relembrar glórias que o tempo progressivamente” avultava, e “o povo português” teria “tradições gloriosas” que não poderia esquecer, pois eram “sustentáculos valiosos do seu prestígio”¹⁵¹.

A folha republicana *O Norte* também enaltecia o passado e lamentava o presente, observando-o de maneira crítica, bem de acordo com suas convicções. Nessa linha, o periódico descrevia que “os homens de Pedro Álvares Cabral descobriram a terra de Santa Vera Cruz” já havia “quatro séculos” e, após isso, “souberam os seus filhos, no dobar de quatrocentos anos, fazer a terra livre, a terra culta, a terra hospitaleira” que era vista naquele final de século. De acordo

¹⁵¹ O BRACARENSE. Braga, 4 maio 1900. A. 1. N. 49. p. 1.

com o jornal, o Brasil representava “a terra modelo para toda a vasta fauna latina” e tudo fora fruto da ação daqueles “mareantes intrépidos”, que saíam do “ocidente da Europa, com os olhos postos no topo dos mastaréis e na pujante intumescência das gáveas”. A publicação antimonárquica lamentava que, entretanto, os portugueses passaram a ser “apenas uma sombra” daquilo que haviam sido naqueles tempos passados, diante do que vaticinava que só haveria uma possibilidade e “a resposta era a república”¹⁵².

Ainda na abordagem do tema das interações entre passado e presente e das comparações entre as riquezas pretéritas e as dificuldades hodiernas, o jornalismo português deu ênfase a alguns personagens históricos, os quais eram guindados à categoria de heróis e elevados ao panteão cívico da pátria. Assim, tal heroicidade foi também apresentada como exemplo para as gerações que se seguiam. Várias foram as personalidades destacadas, notadamente soberanos e navegantes, mas a figura mais recorrente, tornando-se verdadeiro protagonista nas comemorações do quarto centenário do Brasil seria o próprio descobridor Pedro Álvares Cabral. De acordo com tal premissa, *A Nação* ressaltava que, naquele momento, o Brasil solenizava “a sua descoberta, o seu aparecimento para a civilização, e nessa festa” caberia a todos realizar as devidas “homenagens aos heróis”, saudando “a memória de Cabral”¹⁵³.

Nessa linha, seguia o *Diário de Notícias*, lembrando que fazia “quatro séculos” que Pedro Álvares Cabral aportara “ao continente americano”,

¹⁵² O NORTE. Porto, 4 maio 1900. A. 1. N. 86. p. 1.

¹⁵³ A NAÇÃO. Lisboa, 5 maio 1900. A. 53. N. 13.254. p. 1.

tornando-se “a sua viagem um fato de capital importância”, uma vez que demarcava a “fundação de um grande Estado” que se transformara em “perpetuador da raça” lusitana, bem como da sua “língua e tradições”. Tal periódico também abria sua primeira página a uma longa matéria intitulada “O quarto centenário do descobrimento do Brasil” e o personagem escolhido para ilustrá-la era o próprio descobridor. Dessa maneira, na “página de honra” do *Diário* apareciam a efígie de Cabral, identificada como a “reprodução da gravura inserta na obra ‘Retratos e elogios de varões e donas’”; a reprodução do monumento ao descobridor a ser erigido no Rio de Janeiro; e a “fachada da Igreja da Graça em Santarém”, onde estavam “os ossos de Pedro Álvares Cabral”¹⁵⁴. Também em apologia à heroicidade, a *Correspondência de Coimbra* argumentava que “a cruz, a pátria e a liberdade fizeram temido e respeitado o território lusitano, e levantaram na Europa a inveja e a admiração”, em um quadro pelo qual, “a religião e o patriotismo criaram entre” os portugueses “os sentimentos de nacionalidade, como o solene protesto pelo amor da civilização, fazendo surgir por séculos tantos heróis que deram brado em todas as partes do mundo”¹⁵⁵.

¹⁵⁴ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 5 maio 1900. A. 36. N. 12.359. p. 1.

¹⁵⁵ CORRESPONDÊNCIA DE COIMBRA. Coimbra, 10 maio 1900. A. 29. N. 19. p.1.

[illegible][illegible]

Em sua edição especial, *O Ocidente* também enaltecia os heróis do passado, declarando que a “célebre viagem do descobrimento do Brasil” constituía “uma longa navegação” que assombrara “pelo arrojo e ainda mais quando” era “conhecida em todas as suas minudências”. Na opinião da folha, tal descoberta fora, “para a memória de Cabral o seu título de glória”, de modo que ele fora valorizado “brilhantemente”, pela “história, comemorando-se condignamente o quarto centenário”. Para o jornal, “a celebração do centenário do descobrimento do Brasil” tinha “mais de uma justificação”, atingindo “mais do que um fim benéfico e grandioso”, já que chamara “toda a luz para os maiores vultos da história pátria”, que seriam “dos maiores da história humana”, bem como estreitava “ainda mais os laços, que, sob uma auréola refulgente”, uniam, “em torno de seus heróis, dois povos irmãos”¹⁵⁶.

Esta mesma publicação ilustrada exaltava aquele “povo de heróis que, sulcando os mares nunca dantes navegados”, tivera “à sua frente a animá-lo e a conduzi-lo” homens notáveis e, entre eles, Pedro Álvares Cabral, “o homem mais audacioso e o mais sábio de todos eles”. *O Ocidente* insistia que os lusos eram um “povo de heróis, desses *em que o poder não teme a morte* e dos quais, por muito” que se dissesse, sempre ficava “muito por dizer”. O descobridor do Brasil aparecia também nas homenagens especiais do periódico, sendo reproduzida a gravura da igreja onde estavam seus restos mortais, acompanhada do comentário que “embora ainda não” tivessem “o merecido monumento, as cinzas do grande nauta e valente capitão português”, tinham, “contudo, apesar

¹⁵⁶ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 5 e 10.

da modéstia da campa, a mais ilustre companhia, pois no mesmo templo” se encontrariam “as sepulturas de grande número de nobres portugueses”. A folha também mostrava uma ilustração das duas faces de uma medalha, em homenagem ao quarto centenário do descobrimento, em que apareciam, de um lado, brasões de armas brasileiros e, na outro, a efígie de Cabral¹⁵⁷.

¹⁵⁷ O OCIDENTE. Lisboa, 30 abr. 1900. A. 23. N. 768. p. 4, 8, 10, 11 e 12.

O OCCIDENTE

Centenario do descobrimento do Brazil

Die münzen der colonie brasilien, 1645 bis 1822. Edição de Zürich, 1895.

Das brasilianische geldwesen, 1645 bis 1822. Edição de 1897.

Catalogo da collecção de contos portuguezes, (para contos) publicado no n.º 2 do 5.º volume do *Archeologo Portuguez*.

Mr. Julius Meili teve o delicado pensamento de honrar Portugal e o Brazil mandando gravar pelo eximio artista suizo Mr. Hans Frei, natural de Biele, discipulo do celebre gravador francez Mr. Rott, uma bellissima medalha, commemorativa do descobrimento do Brazil, na oportunidade em que é celebrado o IV centenario d'este acontecimento historico.

A medalha, cunhada em prata e em bronze na casa da Moeda de Paris, é offerecida e dedicada por Mr. Meili ao povo luso-brazilieiro.

Como se vê da gravura, esta notavel obra prima revela o fino gosto da concepção e o maravilhoso talento do artista que a gravou. Em Portugal e no Brazil tem tido a melhor acceitação, na opinião dos entendidos. No anverso apresenta o busto do intrepido navegador Pedro Alvares Cabral, copia de um quadro antigo, coberto de armadura e capacete. No exergo, em letras minusculas, o nome do gravador. Na orla a legenda: *Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil*.

No reverso contem no campo da medalha quatro brazões: as armas de Portugal contemporaneas de El-Rei D. Manuel, das quaes derivaram as do Reino Unido de Portugal e Brazil em 1816, as do imperio independente do Brazil em 1822 e as da Republica dos Estados Unidos do Brazil em 1889. Entre o brazão primitivo as datas 1500 e 1900, dando a ideia do IV centenario. Por cima a dedicatoria ao povo luso-brazilieiro.



EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA
EM SANTAREM
ONDE ESTA SEPULTADO PEDRO ALVARES CABRAL.

Brazil e d'algumas temos recebido exemplares. D'entre essas especies bibliographicas commemorativas destacaremos hoje:

O Descobrimto do Brazil.— *Narrativa de um marinheiro* é um elegante volume publicado pela nossa empresa, que deu á estampa, profusamente illustrada, a celebre carta de Pero Vaz de Caminha, enriquecida de notas interessantissimas e acompanhada da biographia de Alvares Cabral, uma breve descripção das bellezas naturaes do Brazil, etc, o que tudo torna o livro muito agradável, e modico no preço, que é apenas de 300 réis brochado, e 400 réis cartonado. A capa, a cores, e reproducção de uma aguarella de Christino, alluziva ao descobrimento e apresenta muito bom effeito.

Todos os pedidos devem dirigir-se á *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo, Lisboa.

Os Caramurus— *Romance historico da descoberta e independencia do Brasil*— *João Romano Torres, editor*— Lisboa — Rua D. Pedro V. 84 a 88 — 1900.

Arthur Lobo d'Avila é um nome bem cotado entre os nossos escriptores contemporaneos, pela sua investigação serria e boa critica dos seus escriptos. O assumpto do descobrimento do Brazil n'50 lhe bastou e ajuntou-lhe a independencia, justo complemento do desenvolvimento d'aquelle paiz.

O primeiro portuguez colonizador da terra de Santa Cruz foi Diogo Alvares, fidalgo minhoto, que o destino, através dos incidentes de uma vida aventureira, transformou em rei, pôde dizer-se, de tribus indias, com o nome de *Caramuru*. D'este portuguez descendem centenaes de familias brasileiras. D'uma d'ellas permittiu-se o romancista de encarnar o typo dos liberaes cooperadores do primeiro imperador.



MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

A pauta da celebração dos personagens heroicos do passado, com seus ensinamentos de vida para as demais gerações aparecia também nas páginas de *O Elvense*. Nesse sentido, o jornal considerava que a descoberta do Brasil constituía um episódio “sobre que decorreram quatro séculos”, mas que sobrevivia “na memória de todos” aqueles que sentiam “verdadeiro respeito e entusiástica admiração pelos vultos heroicos cujos feitos encheram de assombro o mundo”. De acordo com tal concepção, o periódico enfatizava que seria necessário recordar o passado e suas personalidades, “para ilustração própria e para exemplo e lição aos pequenos” daquela virada de século, que viriam a “ser os homens do amanhã”, de modo a incutir-lhes “caloroso entusiasmo pelo cometimento” que era celebrado, e “lembrando-lhes que homens da estatura de Pedro Álvares Cabral” seriam “sempre dos mais brilhantes ornamentos de uma nação”¹⁵⁸.

Em toada parecida, *O Distrito de Castelo Branco* garantia que “o patriotismo ardente” saberia “quebrar todas as peias” que tolhiam “os movimentos dos que acima de tudo” ansiavam “por fazer derramar novas glórias sobre o seu país”. Para comprovar sua asserção, o jornal ia buscar o exemplo do passado, mais especificamente no acontecimento que dava origem às comemorações em voga, destacando que, “depois de muitos dias de viagem, a Deus e à ventura, diante dos seus olhos arrebatados” surgiam “as terras de Santa Cruz que depois se chamariam de Brasil”. Explicava que não fora “grande o entusiasmo que o descobrimento das novas terras” produzira “em Portugal,

¹⁵⁸ O ELVENSE. Elvas, 6 maio 1900. A. 20. N. 2.007. p. 1.

porque todas as atenções se voltavam então para a Índia”. Apesar disso, a folha argumentava que “o futuro” vingaria “o glorioso navegador do mal disfarçado desdém que o seu feito” provocara “no reino seduzido pela miragem do Oriente”, de modo que, com o passar do tempo, todos acabariam se dando conta que “a terra da promessa não era a Índia, era o Brasil”¹⁵⁹.

Um periódico da localidade onde estavam os restos mortais do descobridor do Brasil, tantas vezes ressaltada nas matérias jornalísticas, também se fez manifestar naquela ocasião. Era o *Correio da Estremadura* o qual noticiava que o Brasil estava a celebrar, “por entre hinos triunfais o quarto centenário da sua descoberta, pelo grande navegador Pedro Álvares Cabral” e detalhava que coubera “a Santarém a honra de possuir os venerandos despojos desse ilustre português cujo nome tão celebrado” era naquele momento “nas terras de Santa Cruz” e que havia “quatro séculos” largara “das praias do Restelo em uma poderosa frota” que descobrira “um grande império”, o qual constituiria “o mais luzido florão a engastar a coroa já tão brilhante” de Portugal. Desse modo, o jornal lembrava que “em todos os recantos do Brasil” estava sendo “glorificado o nome de Cabral”, bem como também em terras lusitanas se festejava “a data gloriosa do descobrimento das terras brasílicas”, associando-se “ao júbilo dos seus irmãos d’além-mar”¹⁶⁰.

O enaltecimento à descoberta do Brasil e ao personagem que a representava era realizado também por *O Correio de Chaves*. O periódico

¹⁵⁹ O DISTRITO DE CASTELO BRANCO. Castelo Branco, 5 maio 1900. A. 12. N. 540. p. 1.

¹⁶⁰ CORREIO DA ESTREMADURA. Santarém, 5 maio 1900. A. 10. N. 473. p. 1.

explanava que “Portugal, pela sua posição geográfica, pela especialidade de homens ávidos de legarem à posteridade os feitos que constituíssem glórias assombrosas” e “sequiosos de deixarem à pátria uma história de ouro”, rasgara “o caminho através *dos oceanos tenebrosos*”. A folha prosseguia em sua narrativa, destacando que Portugal avançara pela África e pela Ásia, fazendo “da Europa o centro do comércio por mar e, na marcha gigantesca de seus feitos”, Cabral descobria o Brasil, ato considerado como um “feito sublime”, diante do que os lusos não saberiam “o que admirar mais, se a fortuna do feliz marinheiro”, ou “se os processos de docilidade de que ele” se valera “para captar as afeições dos indígenas daquele delicioso e riquíssimo país”. Mantendo o tom de exaltação, o periódico dizia que “quatro séculos” eram “volvidos e a obra de Cabral” contava com a “glorificação da memória” de parte dos “habitantes do país descoberto” que estavam a eternizar “no bronze o nome” que o imortalizaria¹⁶¹.

Lembrando “a comemoração centenária do descobrimento do Brasil”, o *Correio Nacional* declarava que “entre a plêiade de ilustres navegadores e capitães valorosos do século XV” avultava “a máscula figura de Pedro Álvares Cabral, que aproando à terra de Santa Cruz”, dotara “o seu país com a mais vasta e prometedora das colônias”¹⁶². Já *A Folha de Lisboa* também recordava que fazia “quatrocentos anos que um português por tantos títulos ilustre” engastara na coroa portuguesa a sua mais brilhante pedra preciosa, quando “um punhado

¹⁶¹ O CORREIO DE CHAVES. Chaves, 12 maio 1900. A. 9. N. 21. p. 1.

¹⁶² CORREIO NACIONAL. Lisboa, 5 maio 1900. A. 8. N. 2.157. p. 1.

de heróis, capitaneado por Cabral, se fizera ao largo, embarcando nas naus” e chegando ao Brasil. O episódio era ainda rememorado pela *Mala da Europa* que o caracterizava como o “épico feito do descobrimento” que fora “o corolário natural da fatalidade da expansão da raça” lusitana, sintetizado na figura do descobridor, cuja imagem ilustrava a primeira página do periódico¹⁶³.

¹⁶³ MALA DA EUROPA. Lisboa, 6 maio 1900. A. 6. N. 221. p. 1.

A abordagem em torno da heroicidade foi também motivação de *A Verdade*, segundo a qual Pedro Álvares Cabral quisera “deixar o seu nome ligado a um grande feito e a sua viagem” atingira “os fins que ele tinha em vista, dando a Portugal um grandioso império na América, tão grande e tão vasto que tinha quase o tamanho da Europa inteira”. Diante disso esta folha defendia que “o nome de Cabral” merecia “o respeito e a admiração do mundo inteiro” e ganhara “jus à gratidão sempiterna” daquele “pequeno país, tão curto de território e tão grande na glória das suas façanhas”¹⁶⁴. *O Amarense* era outro que destacava a figura de Álvares Cabral por ter descoberto aquelas “vastíssimas e ignoradas regiões, que foram por muito tempo o mais valioso domínio ultramarino” de Portugal, vindo depois a constituir “um país exuberante de vida”, onde ficara “radicada a raça e a língua” lusa¹⁶⁵. Era também a mensagem de *O Bracarense*, o qual sustentava que Cabral merecia “as homenagens mais espontâneas e sinceras de dois povos, que o Atlântico” separava, “mas que as aspirações” estreitavam, entre si, “e o Brasil, rendendo um justo preito ao glorioso navegador”, iria erguer “uma estátua, como eloquente afirmação do seu sentir”¹⁶⁶.

Olhando para o Brasil e relembrando seu descobrimento, os jornais portugueses buscaram no passado inspiração para uma revalorização da nacionalidade e/ou para apontar os obstáculos que se antepunham à sociedade

¹⁶⁴ A VERDADE. Marco de Canaveses e Baião. 18 maio 1900. A. 3. N. 125. p. 1.

¹⁶⁵ O AMARENSE. Amares, 5 maio 1900. A. 3. N. 106. p. 1.

¹⁶⁶ O BRACARENSE. Braga, 4 maio 1900. A. 1. N. 49. p. 1.

lusa naquele final de século XIX. Aos tempos pretéritos era atribuída uma série de feitos gloriosos que lembravam a época em que Portugal era a nação hegemônica no contexto internacional, dominando um império mundial, surgindo as inevitáveis comparações com o pequeno reino que, a duras penas, mantinha alguns domínios ultramarinos. O sentido fundamental era patriótico, de modo que os jornais estimulavam a perspectiva de assimilação da história como uma lição de vida, cujos feitos considerados heroicos deveriam servir de modelo para as gerações que se seguiam, no sentido de criar um efeito de amortização ou mesmo de incentivo à superação da crise. Mais uma vez os periódicos apontavam que, apesar de Portugal ter ficado cada vez mais menoscabado com o passar do tempo, restava-lhe o consolo de ver as riquezas e as grandezas do Brasil, apontado como o apogeu do processo colonizador lusitano e um inevitável continuador daquilo que era denominado como a “civilização” ou ainda como a “raça” portuguesa.

Um descobrimento que fora desprezioso para o poderosíssimo império colonial luso na virada do século XV para o XVI viria a tornar-se um ponto alto na existência do enfraquecido reino português, quatro centúrias depois, na passagem do XIX para o XX. A imprensa lusitana refletiria tal processo muito a contento com tal premissa, divulgando e comentando as festividades nos dois

países, exaltando as potencialidades e riquezas do Brasil e enaltecendo um propalado passado de glórias e heroísmos da nação lusa. Um ponto fundamental e recorrente que se fez manifestar nas folhas impressas foi o da possibilidade de um maior estreitamento dos laços luso-brasileiros. Após tantos tropeços, recalcitrâncias e desentendimentos desde a mudança na forma de governo brasileira, processo no qual o periodismo teria uma participação decisiva, e que culminaria com a ruptura diplomática, qualquer ocasião se tornava oportuna para a busca pela reaproximação, tão necessária para a muito combalida sociedade lusitana.

O reatamento diplomático e a mediação lusa na disputa anglo-brasileira pela Ilha da Trindade constituíram alguns passos naquela direção, e as comemorações do quarto centenário da descoberta do Brasil seriam apresentadas como o momento áureo para a retomada definitiva dos vínculos. O próprio jornalismo português participaria de tal esforço concentrado, suavizando e harmonizando os discursos, amenizando as disputas, pasteurizando algumas das insatisfações e deixando de lado ou até aplaudindo a implantação da república no Brasil. Tudo girava em torno de manter e aprofundar as relações brasileiro-lusitanas, com a pregação de que tais países só poderiam ser separados pela geografia, mas não pela história, cuja tendência seria só a de aproximá-los, em nome de laços embasados na tradição, na amizade e na fraternidade entre aqueles dois povos tantas e tantas vezes denominados de irmãos, de modo que aquele quarto centenário viria a constituir o apogeu daqueles tempos de conciliação.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

